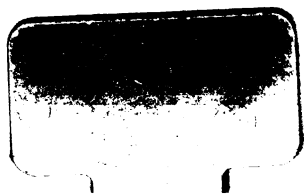
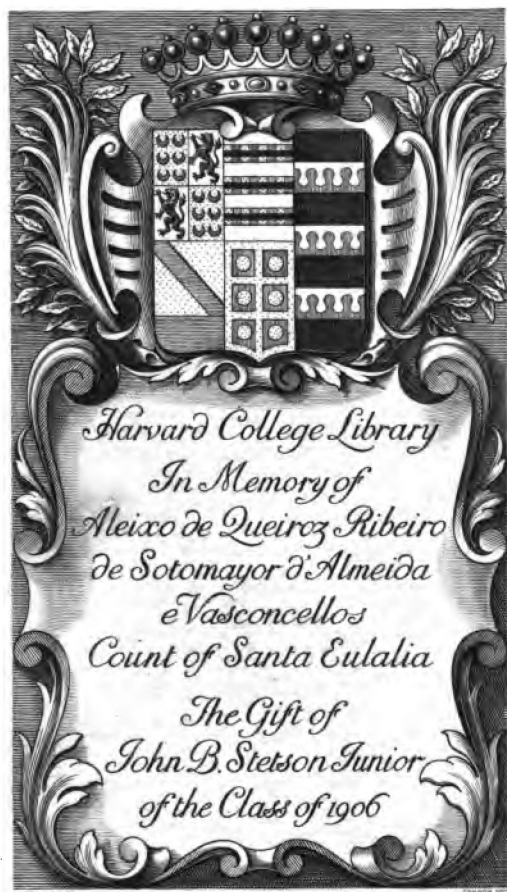


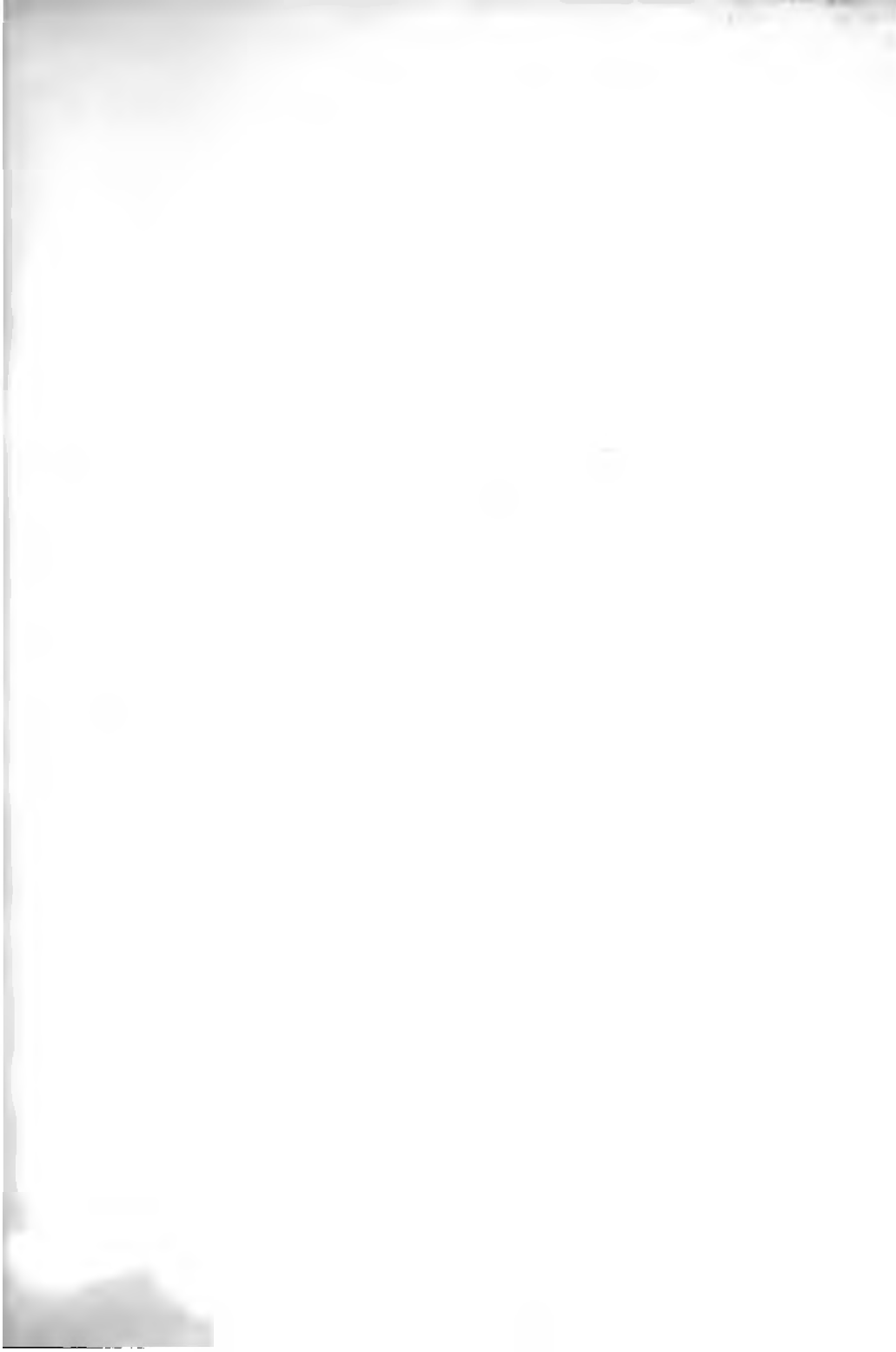
Span 1748.84





Spain 1748.84







Bibliografia: no livro D. Pedro I.

Biografia: Monumenta in 1880 maio 1894.

255

VIAGENS

DE

COELHO DE CARVALHO

Foram tirados cinco exemplares numerados em papel
de linho, rubricados pelo editor.

VIAGENS
DE
COELHO DE CARVALHO

MADRID, BARCELONA,
NICE, MONACO.

CARTAS E NOTAS DESTINADAS A CESARIO VERDE

EM 1884



LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR
50, Rua Augusta, 52
1888

✓
Span 1748.84

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.

OCT 4 1922

LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
15, Praça dos Restauradores, 16
1887



Em caminho, Janeiro 84

.....
Eu conhecia a linha do caminho de ferro até ao entroncamento, e, por isso, a viagem só principiou a prender-me a atenção, quando o trem entrou a rodar sobre a linha de leste.

Eram onze horas da noite quando de novo margi-
námos o Tejo sobre uma trincheira alta. Não havia
lua, mas a noite mesmo sem lua era uma noite por-
tuguesa. Noite portuguesa disse, e que fique o epithe-
to para significar noites formosas, porque, em fé de
cavalheiro e de poeta, te direi, amigo, que, por esse
mundo todo, não as ha mais bellas. Pode havel-as
mais luminosas, mais cheias de calidos lampejos e
de tragicos segredos, mais perfumadas de effluvios

de jardins de acacias ; mas mais bellas não ha, d'essa belleza formada pelo conjuncto de tudo que é suave e acariciador, e por essa vaga influencia que nos transporta o coração em extase indissivel, d'um scismar que se não pensa, d'um sentir que se não experimenta, d'um desejar que se não deseja, e que, ao mesmo tempo que nos dá uma esperanza, cujo objecto se não sabe, nos enche de saudade d'um bem que não perdemos.

Quer a noite seja de luar, e o azul do ceu d'um gaze desmaiado, quer o firmamento envolva a terra n'um manto de negro crepe transparente, sobre o qual arrojaram a granel diamantes e poeira d'oiro, as noites portuguezas são sempre formosissimas. E depois, para portuguezes são as noites da patria; só ellas nos dizem o que as dos outros paizes nos não pôdem dizer.

Incontestavelmente não é um liame espiritual (se é que nós sabemos o que seja realmente espiritual) o que liga o homem á terra em que nasce; é um fluido material, mas incoercivel, que constitue para elle a sua atmosphera essencial. É por isso que só fóra da patria se sente como ella nos é necessaria, como nós a amamos.

Póde haver a transplantação do homem para paiz estranho, mas a adaptação até á identificação absoluta com o novo meio é impossivel.

O amor da patria não é uma chimera politica, nem um preconceito; é uma realidade incontradi-

tavel, porque deriva d'uma função da natureza. E . . . eis porque as noites portuguezas são, para nós portuguezes, as mais bellas e porque, hontem ao deixar a patria, correndo a toda a velocidade do vapor pela riba do Tejo acima, essa noite sem lua condizia com o estado do meu espirito, e me recordava a profunda melancholia saudosa d'uma alma que tristissima ficasse na fria soledade da viuvez.

As serenas aguas do Tejo, que reflectiam o ceu estrellado, iam descendo mansamente entre margens de olivedos, formando e alisando enrugações em cruzadas linhas brilhantes de fosforecencia, similhando comprida rede de luz que ao ser levantada ao lume d'agua apparecesse cheia de estrellas.

No meio do rio avista-se uma sombra que cresce, avulta e difine-se. É o castello d'Almourol. Construido n'uma ilhota no meio do Tejo, com a sua torre quadrada recortada de ameias, com as suas barbacans vestidas de hera, rodeado da espuma que fórma a corrente, obrigada a dividir-se, apresenta o castello d'Almourol um aspecto d'um pittoresco edade-media, que o folhetim portuguez não sonha que possa existir em Portugal. Pois existe, e lá está abandonado, como o castello da Feira e o da Lousã e de Obidos podendo-se tornar em admiraveis vivendas de estio, se quem tem gosto em Portugal tivesse dinheiro, ou, se quem tem dinheiro, tivesse gosto, ou soubesse que taes castellos existem. Quero crêr firmemente que as duas hypotheses se dão nas

peçoas endinheiradas, para que o abandono de taes preciosidades se justifique.

A impressão que me produziu aquelle sitio do Tejo, visto rapidamente n'uma noite sem luar, mas clara, com a sombra do castello, graciosamente bizarra, erguida entre o azul do ceu e o azul das aguas, foi a lembrança das paizagens do Rheno que se mostram nos cyclorammās, ás quaes a luz reflectida e a transparencia do crystal da lamina, em que estão photographadas, dão em geral uma forte tonalidade azul.

Aparta-se do Tejo a linha ferrea; e eu, pensando que deliciosa vivenda faria d'aquellas ruinas, se alguem m'as desse e mais o dinheiro para as reconstruir, como merecem, adormeci, e só acordei em Valencia d'Alcantara.

Passáramos a fronteira. Os carabineiros de arma ao hombro, de rodados capotes azues de gola alta, e chapéu de oleado á Napoleão I, tinham o ar de quem espreita a fera ou o bandido. Vendilhões, vestidos de calção e polaina e curtos jalecos de alamares, apertados em largas cintas ordinarias de côres vivas e orgulbosamente cobertos do chapéu hespanhol, de aba revirada e cópa em cone, apregoavam *cochillas* e punhaes de Toledo, que relampejavam reflexos azulados das laminas açacaladas. Alguns *arriétros*, seguravam ou montavam muares vigorosos, ajazados á hespanhola — de largas cabeçadas enfeitadas de bordados e borlas de lã

vermelha, de almancillas vistosas e flamantes, de largas e sonoras cascaveis de guizos e campainhas nos pescoços sedosos. Caras velhacas, de duros perfis secos e morenos, bigodes rapados e patilhas cortadas em escova até meio das faces, com movimentos secos dos ageis corpos cerrados no fato justo, os donos das alimarias chupavam nos seus cigarros; praguejando e clamando por Maria Santissima, olhavam obliquamente para quem chegava. A luz avermelhada dos faroes do caminho de ferro alumiaua sinistramente o quadro. Era esta realmente a tragica Castella.

Que differença entre o aspecto dos dois paizes! Que importa que a fronteira seja em alguns pontos uma linha mathematica, que nem mesmo se sabe determinar positivamente por onde passa, se a demarcação moral e physica das duas raças é tão profunda, que mesmo em convivencia constante de proxima visinhança não se confundem nem no aspecto, nem nas ideias.

El-rei D. João II — o maior rei que Portugal ainda teve — dizia muitas vezes que dezejaria que entre Castella e Portugal se levantasse uma muralha de bronze tão alta que nem os passaros podessem voar de cá para lá. A natureza fez mais do que o grande rei ambicionava, erguendo uma barreira tal, que nem mesmo as ideias hespanholas que, apesar de hespanholas, teem, ainda assim como ideias, vôo mais poderoso do que as aguias, logram vencel-a.

A razão da independência portugueza não é um motivo artificial de política, é um phenomeno natural que os tratados, a força e a intriga dos homens são incapazes de annular.

Passou-se a fronteira hespanhola, e o mais desprevenido viajante, que não soubesse que a havia transposto, exclamaria logo ao dar os primeiros passos, ao encontrar os primeiros homens:—Este é outro povof

Que extraordinaria e poderosa differenciação foi esta dos dois povos da península, que conserva ha tantos seculos em constante affirmação as respectivas individualidades; que apoz sessenta annos de submissão d'um ao outro, revelou-se mais vivaz e mais completa; que nem mesmo o cruzamento de familias e o contacto constante nas fronteiras tem desvanecido em meias tintas mal definidas ?!

Ao mesmo tempo que tal impenetrabilidade se dá, que razão ethnographica produz a affinidade que existe entre Portugal e a França, de sorte que uma ideia, que surgiu além dos Pyrneos, encontra logo o seu echo em Portugal, emquanto a Hespanha permanece alheia a tal movimento, e só tardiamente caminha apoz as duas nações latinas, entre as quaes estadeia, como um grande mar innavegavel, o vasto territorio hespanhol ?!

Entremos em Hespanha, e estudando-a, veremos melhor que profunda differença de indole e que impossibilidade de fusão, portanto, existe entre Portugal e o resto da Iberia.

Viajeros al tren! grita arrastadamente o guarda da linha. *Viajeros al tren...*

Regulada a verificação das bagagens, passando livremente as minhas sem serem abertas, mercê do meu passaporte diplomatico, corriam os passageiros para as carruagens, no meio da confusão de sons, de ruído, dos guinchos das zorras de carga, do zum-bido do vapor que se escapava pelas valvulas da locomotiva, levados todos, na verdade, impellidos pela vibração da sineta annunciadora da partida de trem.

Pan-tan-pan-tan; o comboyo passa as agulhas, resaltando á mudança de cada *rail*, e com um silvo sinistro, como uma enorme serpente de anneis de ferro, lança-se com toda a velocidade atravez das planicies da Estremadura hespanhola.

A paizagem é chata; campos e campos de cerra-do matagal de urzes e estevas; de longe em longe quadrados de fracas searas de centeio; e aqui e acolá, erguem-se as trituradas envergaduras de algum souto de sobreiros. Nas folhas e nas hastes das estevas scintila, ao correr sobre ellas o clarão das luzes do trem, o brilho das rezinas ou do orvalho. A paizagem é triste. Por duas vezes passaram por nós outros comboios que iam em direcção a Portugal, mas rapida e violentamente, como uma sombra phantastica. Depois a immensa monotonia fatigante d'uma campina arida e deserta.

A luz do dia, que rompera, não veio dar maior

animação á paizagem; sempre, sempre a mesma charneca. As campinas incultas do Alemtejo entre Beja e o Pinhal Novo offerecem um aspecto identico. De longe em longe um rebanho de cabras de pello hirsuto e olhar triste pastava, guardado por um pastor andrajoso.

As casas das estações são pobres e sem pittoresco; todas de tijolo vermelho, sem cobertura sobre o caes. Os grupos de pessoas que n'ellas havia tinham um ar pobre e um modo selvagem. As cores vivas, principalmente o vermelho, explosiam sempre nos mais mesquinhos vestuarios. As phisionomias eram as mesmas da fronteira, talvez mais fortemente assentuadas e sinistramente desconfiadas.

Não sei que alegria communicativa dá a vizinhança do mar e dos grandes rios ás figuras humanas dos paizes do littoral, que falta aos sertanejos.

Talvez a silenciosa immobilidade da paizagem, a dureza das linhas do quadro, que a natureza lhes mostra, provoque a concentração dos espiritos. A charneca é sempre triste e dura, quer o sol no estio lhe bata vivamente de chapa, fazendo tremer o ar na reverberação da luz, quer as geadas do inverno a cubram dos seus brancos sendaes; é sempre a uniformidade e a monotonia.

Os espiritos nascidos e formados no sertão arido tornam-se tristes e violentos. Á força de não encontrarem no exterior objectos differentes, que os impressionem, variando-lhes as sensações e enrique-

cendo-os de imagens novas, veem-se obrigados a trabalhar sempre sobre as poucas impressões que receberam, e a concentrarem-se mais e mais, até fixarem-se em tres ou quatro ideias. D'aqui provem a teimosia e a consistencia de caracter do sertanejo, bem como a sua timidez e a sua desconfiança.

Toda esta phenomalidade psychologica se pinta nas phisionomias dos habitantes da Extremadura hespanhola, como na dos alemtejanos portuguezes, embora typos de raça differente.

A terra que deu a uns e outros essa rudeza e por vezes a timida ingenuidade, produz igualmente os rijos matagaes das estevas e o rijissimo sobreiro dos montados; ao mesmo tempo que n'um desvanecimento de forças, creou delicadamente no meio dos matos um lyrio suave e tenro. Ó terra! ó terra! nós somos bem teus filhos!

Algumas cidades e villas que se avistam da linha, appresentam-se escuras, côr de terra no seu tom geral. Não põem na paizagem aquella nota alegre, com que as brancas povoações e altos campanarios caiados sorriem de longe aos viajantes que atravessam Portugal. A cal falta n'esta região.

Emfim ás 3 horas da tarde, distingue-se no horisonte algumas torres e zimborios. É Madrid.

A faustuosa capital da monarchia hespanhola parece, ainda quando o trem mais se aproxima, uma pequena villa sertaneja. Construida a cidade n'uma baixa ao nivel da linha não se pôde do lado do ca-

minho de ferro avaliar a sua magnificencia e grandeza, a sua extensão e opulencia.

Ceguei e tomei uma carroagem que me levou ao hotel de Paris. Uma chuva forte obrigava a multidão, que ia pelas ruas, a correr patinhando uma lama fina, alvadia, chapinhante.

O aspecto indício e fugitivo que apresentavam as ruas e praças da cidade, com os seus vultos desconcertados, incaracteristicos, sob os guardas chuvas, indo apressadamente envolvidos pela trama transparente dos fios d'agua, batidos pelo vento, lembrava um quadro a duas côres, pintado de fresco, a que se tivesse passado um braço por cima, borrando-o obliquamente.



Em Madrid

Tomei quartos no Hotel de Paris, situado na *Puerta del Sol*, por cima d'um grande café.

As sete horas e meia fui á meza redonda jantar e começar as minhas observações.

A meza redonda d'um hotel em Madrid é, como em Lisboa, um sitio onde se conversa, onde a communicabilidade caracteristica dos meridionaes mais se expande, e onde, por consequencia, melhor se podem surprehender as ideias e sentimentos dominantes das differentes classes da sociedade, segundo a ordem a que o hotel pertence.

Se em Madrid, como em Lisboa, um observador frequentar successivamente os differentes hoteis, desde o mais mesquinho até ao mais qualificado, ouvindo, conversando, explorando intellectualmente os seus commensaes de meza redonda, obterá infallivelmente os elementos sufficientes para conhecer as opiniões do paiz sobre a litteratura e sobre a politica; quero dizer sobre os homens publicos, porque em Hespanha, como em Portugal, estes cava-

lheiros substituíram-se de ha muito aos principios e ás necessidades, ou ás exigencias praticas da sociedade.

Cada hotel tem os seus grupos especiaes de frequentadores. Como a população fluctuante estrangeira nos dois paizes é muito restricta e quasi exclusivamente formada por alguns caixeiros viajantes, os frequentadores d'um hotel são, na sua maior parte, os nacionaes.

É-se d'um hotel como se é d'um centro politico, ou d'um club. Eu fui por alguns annos do Universal. Esse hotel era então uma succursal do parlamento. Ali se discutia e ali se formava muitas vezes a opinião, sempre sobre os homens, que era o que se discutia sempre.

Depois aquelles que não ousavam fallar em S. Bento, fallavam á meza redonda, e ali tinham os seus triumphos ou soffriam monumentaes derrotas. Como sabes eu nunca fui deputado; e a minha carreira deveria falhar por isso; mas que me importava se eu era do Universal; se eu tinha ali uma tribuna e um talher! E na verdade ali fiz as minhas primeiras armas como commensal da opposição durante um consulado progressista; e d'ali, quando o governo cabiu, sahi para um alto cargo de confiança politica do novo gabinete.

Em França ha o *major de table d'hote*; em Portugal e em Hespanha, ha o politico de meza redonda. Mas o politico de meza redonda é uma potencia;

porque os provincianos que vão a Lisboa ou que vem a Madrid, orientam as suas ideias sobre os homens e sobre as cousas da capital pelo que dizem os senhores politicos da meza redonda.

A meza redonda do Hotel de Paris é partidaria, na sua maioria, do sr. Canovas del Castillo que acaba de subir ao poder. Das conversações d'alguns conspicuos castelhanos comprehendí que se estava ainda nas quaranta e oito horas de saque, quarenta e oito horas que se prolongam, como sempre, até ás eleições a que se vae proceder em poucos dias. Este saque é a satisfação immediata das aspirações, das cubiças das facções politicas, exigencias que são tanto maiores e funestas quanto mais tempo um partido se conserva fóra do poder, e ás quaes os ministros tem necessariamente de satisfazer quando entram.

Os partidarios do novo gabinete são geralmente implacaveis durante as primeiras horas do poder para com os ministros afim de aproveitarem os momentos em que lhes dura a lembrança dos dias da adversidade em que todas as promessas se faziam, em que todas as pretensões e vaidades eram lisongeadas.

Passado algum tempo, depois das eleições que confirmam a nova situação politica, já será tarde; os ministros habituaem-se ao mando, adquirem a consciencia, a auctoridade e só pensam seriamente em conciliar as vontades dos homens ainda cheios

dos outros partidos contrarios que desejam ser seduzidos!

E este procedimento é logico e proficuo. Podem os ministros esquecer os amigos da adversidade, porque estes, mesmo esquecidos, raramente irão partilhar a desgraça dos seus inimigos d'hontem, e, entretanto, os pingues empregos, as commissões rendosas, serão para os contrarios, com a dupla vantagem de enfraquecer as opposições, e de não dar força a homens que não a tenham, porque aquelles que se seduzem já teem mais ou menos valor adquirido anteriormente, e aos esquecidos cada novo dia de abandono irá inutilizando mais.

Imagine-se portanto, com a violencia das paixões d'este povo e dado o completo scepticismo que caracteriza todas as sociedades que tiveram uma longa experiencia do sophisma politico chamado parlamentarismo, como serão em Hespanha os primeiros dias de vida d'um ministerio qualquer!?

Não é um saque, é uma ceva.

Tal é o estado moral e politico de Madrid n'este momento. Os hoteis estão cheios de governadores civis, de conselheiros do districto, de candidatos adoptados pelo ministerio, d'outros que se querem fazer adoptar seja por quem fôr, de concessionarios de minas e de marismas, de curas que querem ser conegos, de conegos que querem ser bispos, de generaes reformados que querem voltar ao exercito, ou melhoria de reforma, de pretenden-

tes de toda a especie e casta, todos invocando os seus serviços ao partido triumphante; e até cheguei a ver essa figura de Zarzuella, esse mytho de comedia, *el señor alcaide*, que quer, para um sobrinho alferes, uma commissão nas Filippinas !

Esta é a guarda das provincias, que correu a Madrid para ter a sua modesta parte no saque. Mas o que é verdadeiramente incrivel e caracteristico é a guarda nobre, aquella a que poderemos chamar a guarda de corpo do sr. Canovas, cujas figuras apparecem no primeiro plano do quadro.

Estas figuras causam admiração pelo desplante das suas pretensões, e os seus caracteres dão toda a medida d'uma sociedade. São os politicos especulando com os fornecimentos do exercito e da marinha; recebendo a corretagem; pagando velhas dividas de dinheiro com condecorações a merceeiros e agiotas; negociando com os provincianos o preço da sua recommendação; e tudo isto a céu aberto, sem pudor, sem delicadeza de especie alguma, explosindo em palavrões torpes e obscenos em plena meza d'um do primeiro hotel de Madrid. Depois, a vaidade e o atrevimento hespanhol suprem sciencia e consciencia. Eis um facto caracteristico. Fallava-se hoje á meza da nomeação d'um certo *señor* para presidente da commissão da Exposição Internacional de Mineralogia, e deprehendia-se das palavras de todos que este *señor* é um ignorante, que nada soube nunca de mineralogia, que não sabe lin-

gua alguma estrangeira, que é socio d'uma firma de negociantes de peixe; mas, sendo editor d'um jornal, e tendo prestado certos serviços ao presidente do conselho, não pôde deixar de ser nomeado presidente d'um congresso de sabios e depois ministro plenipotenciario para qualquer legação rendosa. E tudo isto era dito como se fosse uma cousa naturalissima.



No Theatro. Real

Depois de jantar fui ao *Theatro Real*. Sala luxuosa e ricamente adornada, mas pequena e sem grandes condições acusticas. Sociedade elegante; nos camarotes mulheres em *toilette* de baile, os homens todos de casaca e gravata branca. Um forte



perfume de pós á Marechala na atmospherá. Em tudo o reflexo avermelhado da tapeçaria de que são cobertos os *fauteuils* e feitas as cenefas dos camarotes, dentro dos quaes os rostos e os hombros nús das mulheres, entrevistos sob a sombra fluctuante dos grandes leques da moda, de plumas de avestruz, arredondavam brancuras macias, como grandes medallhões de opala em estojos de velludo purpura.

Uma grande sensação de amolecimento na mor-na atmospherá d'uma estufa; um ar scismador em

todos os rostos, o qual nem a muzica da *Martha*, que se cantava, conseguia desvanecer pela vibração das suas notas alegres e matinaes d'uma partida para a caça. Nem o vibrante *halali*, nem o *homour* de Lord Tristan n'uma lufada de vento fresco e perfumado de madrugada d'abril dissipavam n'uma ne-
ga de céu azul lavado e matinal aquelle crepusculo triste. *The last rose of summer* parecia ser para todos o motivo obrigado d'essa canção que a idiosincrasia particular de cada um faz cantar aos corações, emquanto os sentidos vão ouvindo outra muzica qualquer.

A muzica, na verdade, é uma couza tão espiritual e sublime, que só é comprehendida por nós quando o que ella diz se conforma com o que nós sentimos, e pensamos inconscientemente no momento em que a ouvimos, ou quando corresponde ao particular estado do nosso espirito. Assim emquanto os ouvidos escutam uma muzica qualquer a nossa alma muitas vezes vae cantando outra. É por isso que a muzica popular d'um povo é o melhor documento da psychologia d'esse povo.

Surprehende esse ar vaporosamente scismador da sala d'um theatro ém Hespanha, no paiz alegrissimo do *salero*, do barulho violento do pandeiro, das explosões sanguineas do enthusiasmo, no paiz em que se ama os perigosos e rapidos combates da força e e da destreza em que a alma se abre toda ao ardente sol peninsular, vermelha e brilhante como um cacto real.

É que esse theatro lyrico não é para o hespanhol o seu *meio* natural, mas um círculo artificial em que a moda o encerrou. E sempre que o espirito se sente prezo e comprimido n'uma atmosphera estranha, concentra-se, naturalmente, a viver da propria vida intima, e na impossibilidade de se expandir, segundo a sua tendencia predominante, acordam e avultam n'elle as qualidades que, embora essenciaes, haviam comtudo sido supplantadas por outras no desenvolvimento e affirmação do character.

O hespanhol, contrariado e impedido na expansão ruidosa e violenta que o characterisa, encontra no fundo da sua natureza esse vago e mystico scismar que herdou das raças do norte com as poucas gotas de sangue germanico que ainda lhe giram nas veias. É por isso talvez, que n'um meio convencional e em nada hespanhol, como esse em que vi hoje uma parte da sociedade de Madrid, a physionomia d'esta se me mostrou sob um aspecto tão contrario ao character ordinario do castelhano. A muzica da *Martha* alegre, fresca e graciosa não podia achar vibrações correspondentes em coração hespanhol, que a escutasse, porque esse coração é violento como um toureiro ou mystico como Santa Thereza de Jesus. D'essa opera só uma canção parecia ser comprehendida, *The last rose of summer*, elegiaca, saudosa como uma tarde de outomno e cheia de tristeza e lagrimas como um nevoeiro do Rheno.

Sahi do theatro á meia noite, e, indo só e a pé, en-

ganei-me e caminhei em direcção opposta áquella que devia seguir para voltar ao hotel. Errei ao acaso por praças e ruas molhadas da chuva e mal iluminadas, quasi ás escuras. Por fim reconheci que me enganara, e, retrocedendo, achei-me de novo junto do *Teatro Real*. Todas as carruagens tinham partido. O ruído característico das grandes cidades extinguia-se ao longe. Das beiras dos telhados cahiam pingos d'agua chiando no lagedo dos passeios. De quando em quando divisava-se, ao passar no clarão dos candieiros, um ou outro vulto apressado; e de longe em longe uma voz arrastada e rouca apregoava monotonamente *Chocolate de Mathias Lopez*; e no angulo da praça, abrigado sob um portal, distinguia-se um vulto acocorado junto d'uma quitanda de chocolate, alumada por uma lanterna fumosa de azeite, como as que nas ruas de Lisboa nos indicam de noite os montes de entulho e os canos em reparação. Uma voz fraca e fanhosa apregoava *La Correspondencia de España*; era a d'uma velha cega, que, sentada na soleira d'uma porta, vendia jornaes, tiritando de frio.

No café

**Atravessei a Puer-
ta del Sol.**

O grande café Uni-
versal, que occupa
todo o rez do chão
do Hotel de Paris,
brilhava iluminado.
Fui-me approximan-
do; lá a dentro no
salão unico, mas
enorme, uma multi-
dão de vultos indis-
tinctos, vistos atra-
vez das vidraças
embaciadas pelo va-



por das respirações, agitava-se n'um revolver de mo-
vimentos ondulantes, envolvida n'uma nuvem de fu-
mo. Uma especie de susurro, ruido de grossa vaga
rolando n'uma praia de calhaus, elevava-se, n'uma
grande confusão, d'onde sobresahiam de repente as

notas vibrantes e rufadas d'um pandeiro, quebradas pelo bater das castanholas e entremeadas dos sons de beijos d'uma rebeca. Ao centro do salão, n'um coreto alto, de columnas doiradas ornadas de feixes de bicos de gaz, uma orchestra, onde entravam o pandeiro e as castanholas, tocava muzica nacional. Recomeçara n'aquelle momento com uma *malagueña*.

Limpei com o lenço um vidro e olhei para o interior. Todos fallavam ao mesmo tempo, abancados ao redor das mezas em grupos de maior numero de pessoas do que o dos logares que as mezas podiam dar; todos os grupos se misturavam e confundiam, tornando quasi impossivel a circulação dos criados. Um grande ar de conquista e de triumpho no olhar. Via-se que fallavam com facilidade de palavra e grande desafogo de gestos. Muitos homens de cara rapada, cabeças pequenas e redondas, olhos negros e magnificos de vivacidade; quasi todos, sem gravata, com a camisa apertada no collarinho por dois botões de ouro ou de prata, ligados por uma cadeia, trajavam colleles muito abertos que mostrando os peitinhos brancos bordados, ou rufados em pregas. Muitas mulheres; umas, gordas, de bustos espessos, pescoços curtos e papudos de carne; uma manta de malhas de lã branca, azul ou encarnada cahida sobre os hombros, d'entre cojas dobradas sahiam as cabeças d'um moreno pallido, pequenas, de cabellos castanhos, penteados em duas pastas lisas, luzentes de pomada, atados atraz n'um cesto de tran-

ças, onde brilhavam grandes pregos de vidro preto lapidado; riam mostrando, em geral, maus dentes. Algumas tinham um sombrio buço, ou um signal de cabello n'uma das faces. Outras, mais novas eram magras; pareciam flexiveis; de cabeças pequenas e bem feitas, de cabellos penteados simplesmente; caindo-lhes para traz uma mantilha de rendas pretas, preza no alado do cabello por dois pregos de vidro preto e uma camelia branca, ou vermelha.

Nas suas physionomias de mulher precoce, na expressão languida e ardente dos seus olhos grandes, abertos á flôr do rosto e ligeiramente orlados d'um circulo avermelhado, nos tons rozados que assombram as suas feições d'um moreno pallido de carnção delicada, revella-se o trabalho do temperamento apressado artificialmente pelas excitações do meio em que vivem.

Comparando estas franzinas figuras delicadas e nervosas com a das mulheres mais idosas, que se vêem n'essa sala rindo, n'um bem estar de gulosas satisfeitas, concebe-se que em breves annos, essa será a sua conformação definitiva, moral e physicamente, porque se acham nas physionomias de umas e outras as mesmas linhas, que, no seu amplo e completo desenvolvimento, darão o mesmo typo de mulher.

Toda essa gente bebia e discutia n'uma expansão enorme.

Aqui e acolá, entre os que se levantaram para saber, havia alguns homens que traziam largas cintas vermelhas, cuja côr abria n'aquella atmosphera espessa de fumo de tabaco, dos vapores do chocolate e dos alcools, grandes nodos de sangue.

Ao entrar no Hotel passei por uma das portas do café, que se abriu n'esse momento, e na forte respiração de vulcão que por essa porta sahia, duas phrases me chegaram aos ouvidos:— *Caragol Maria Santissima!* Ah! tens n'essas phrases toda a Hespanha.



Na rua

Um dia magnifico. O ar d'uma grande transparencia, o céu parece de crystal, tão igual e profundo è o azul da immensa aboboda que nos cobre. Faz frio, mas, como não ha vento, o frio è agradável, e depois o sol, um bello sol de inverno, enche tudo de esplendor e vida.

São duas horas, está Madrid na rua.

Madrid è o que se póde chamar uma cidade bem vestida. Em geral todos os homens trajam com um gosto sobrio, em que predomina o preto, cuja tristeza monotona è quebrada pela unica banda vizivel, azul, vermelha, ou branca, da capa hespanhola que só o castelhano sabe usar com elegancia.

Ha um esmero d'aceio, apparente talvez, mas de bom effeito. Os chapéos altos de seda reluzem, as barbas escuras talhadas á hespanhola fazem resahir a pallidez morena das physionomias finas, animadas quasi sempre por magnificos olhos vivissimos.

Quasi todos fumam. O fumo branco e ligeiro do charuto fórma uma especie de fundo delicado em

volta de cada figura e dos grupos, em que estas se juntam ou de que se afastam, parando aqui, caminhando a conversar acolá, gesticulando com uma das mãos que pega no charuto, geralmente apertada em luva preta, sobre que resalta a brancura d'um largo punho de camiza.

Por entre estas figuras passam typos característicos cobertos por leve e pequeno chapéu desabado; caras rapadas, azuladas pela sombra da barba; corpos ageis nos trajos apertadíssimos, calças justíssimas subindo até ao estomago, curtíssima jalleca de alamares de prata, collete aberto, em fôrma de coração, deixando ver um peitilho bordado de camiza abotoada por grossos botões d'oiro ou pedras preciosas —; não trazem gravata, e caminham fumando, de braços arqueados, com movimentos saracoteados de quadris, procurando o chão com uma bengala de cana da India segura fortemente pelo castão de marfim; as mãos cheias d'anneis. E vão chupando nos seus charutos com um grande ar petulante, como quem, convictos do seu character nacional, diz á multidão: *Nós otros nos llamamos Papes!*

Sob a aba do chapéu d'alguns vê-se enrolada, pouco acima da nuca, n'um carrapichinho negro, luzente de pomada uma estreita trança de cabello. São os *toreros* de profissão.

As mulheres vestem com menos gosto que os homens; trajam, uma grande profusão de veludo e de

rendas. Caminham solemnemente pelos passeios em grupos. Em geral tem o typo da mulher que vira hontem no Café, porque, embora estas estejam vestidas com o luxo apparatuso, que as classes medias na peninsula tanto gostam de ostentar e as do café estivessem n'um meio duvidoso, o typo da mulher de Hespanha é o mesmo desde a *manola* e cigarreira até á duqueza, passando pela sobrinha do cura e pela filha do toureiro. São sempre, até aos vinte annos, as bellezas *salerosas*, de formas esbeltas, provocantes pelos requebros languidos dos olhos escuros e magnificos, geito herdado da galanteria das odaliscas do harem arabe, de que descendem, e cuja sensualidade brutal é temperada pelo gracioso movimento artistico do leque, essa aza ligeira e palpitante, que a mulher hespanhola adaptou á sua natureza d'ave para voar pelo mundo, quando se lhe abriam as portas do serraího.

Mas, em poucos annos as bellas formas d'estas mulheres alargam-se demasiadamente; o peito empapa-se-lhes; os encontros de mulher perfeita se perdem na obesidade. Mercê do chocolate e do pimentão, que constituem a base da alimentação em Hespanha, o figado desenvolve-se dominando todas as outras funcções vitaes, e as graciosas e brancas pombas dos jardins de Andaluzia e de Castella, que voavam entre meigas e esquivas em arrulhos d'amor sob os platanos do Prado e laranjaes de Sevilla, eil-as, aos trinta annos, tornadas patas gordas e pe-

zadas. Mesmo os olhos, os tradicionaes olhos hespanhoes, orlaram-se de vermelho, resultado da affecção hypatica.

Naturalmente de geração em geração a raça tem ido degenerando, e, sob a influencia das qualidades artificialmente adquiridas pelo uso da alimentação irritante e fixadas pela hereditariedade, as mulheres hespanholas tem perdido muito d'essa belleza porque foram, com justiça, reputadas as mais formosas do mundo. No desenvolvimento da vida d'esses seres ha comtudo sempre um momento d'equilibrio, em que se manifestam as qualidades primitivas da raça, e por isse se vê ainda passar por essas claras ruas de Madrid algum rosto de quioze annos, cheio de graça e mimo peninsular, sorrindo entre as dobras ligeiras da mantilha negra, e uma ou outra cigarreira de cabeça pequena e petulante, com meneios de ave travessa, que vai descoberta, e alegre banhada pelo sol que lhe deu á pelle esse moreno doirado, e lhe emprestou o raio ardente com que os seus olhos negros provocam os galanteios grosseiros dos homens que passam.

Viva la gracia!

De momento a momento a multidão cresce na Puerta del Sol e na rua d'Alcalá que leva aos passeios do Prado e da Castelhana.

Madrid acorda e levanta-se tarde; veste-se e sahe para as ruas.

O madrileno, o typo genuino do hespanhol, não comprehende a vida de caza, a vida do interior e da familia. A casa peza-lhe e opprime-o; e sabe, por uma necessidade absoluta de temperamento, que a phrase repetida por todos explica perfeita e completamente: — *Nos vamos a respirar.*

A sua natureza violenta e plethorica, carece de ar, de movimento e de agitação; mas o desequilibrio do seu temperamento, sobrescitado pelos maus habitos adquiridos, não lhe consente um regular emprego das suas admiraveis faculdades de força e de energia. A sua intelligencia, clara e rapida, é, comtudo, demasiadamente viva para que se possa disciplinar n'uma applicação constante ao mesmo trabalho. D'aqui a necessidade de expansão no largo meio turbulento da rua e de renovar impressões, ideias, sensações, recebidas e communicadas na rapida, e variadissima convivencia do espirito das praças.

A força real d'esta raça, porém, não lhe permite a frivolidade e o meio termo em cousa alguma, e na logica fatal do temperamento, produz-se a vermelha florescencia da paixão pelo sangrento espectaculo das toiradas e as explosões repetidas e contradictorias das revoltas politicas.

Mas n'esta desordem de vida social as funções animaes, ou melhor nutritivas, desequilibram-se tambem, e teem exigencias irrisistiveis de estimulantes e de variedade. D'aqui a guloseima invencivel, que caracteriza todo o hespanhol. Ora a guloseima é

sempre funesta; é um vicio, ou uma doença, que, alem da desorganisação physica que lentamente produz, origina fatalmente o egoismo bestial, mudando o homem n'um ventre, limitando-lhe a aspiração, tornando-o grosseiro e ordinario.

O homem dominado por este vicio, ou affectado per esta doença, é incapaz de abnegação, de sacrificio, de constancia no trabalho, as bazes positivas da constituição da familia. Pois bem, este vicio domina a Hespanha; e Madrid se *vae a respirar* por essas ruas, entrando n'este café para beber algum licor ou aguardente, subindo áquella *fonda* para comer um *gaspacho*, parando n'este botequim para tomar um chocolate, comprando n'aquella confeitaria um cartucho de rebuçados. Vi muitas mulheres da classe media, vestidas de veludo e de mantilha, irem comendo bôlos pelas ruas; meninas de dezoito annos, bonitas, elegantes, passarem com as bocas labuçadas pela pasta branca dos *merengues*. E assim se acha n'esse uzo immoderado do assucar a explicação da flacidez dos rostos das mulheres de mais de trinta annos, o empapamento das carnes, a côr branca da massa batida das suas pelles, a que a affecção do figado dá violáceos tons biliosos.

N'estas condições é impossivel o retiro, a prudente seriedade domestica; e todos se sentem opressos material e moralmente, tanto no interior das casas, como no sanctuario das consciencias, e sabem para o grande desafogo material da existencia em

pleno ar, e entregam-se ao desabafo moral da confissão ao padre e das confidencias incríveis feitas aos amigos, depois do que ficam alliviados, dizem; porque a sua forte animalidade se expandiu, até fatigar-se, em movimentos e palavras.

A satisfação para o hespanhol está no atrodoamento.

Estas estranhas condições de existencia criam na familia uma situação curiosa para a mulher, situação que, partindo da mesma base physiologica e moral, vae variando de aspecto desde as baixas classes, em que a mulher se nos apresenta brutalmente em relação ao marido, como um animal domesticado a ponta-pés, que odeia o dono, mas que, após continuas revoltas violentas de palavras e de actos, continuamente se submete pelo medo e pelo facto solidario das naturezas brutaes, até á alta sociedade, onde, devido á influencia da moderna civilização europea, que prima pela consideração dada á mulher, a senhora, (apparentemente reverenciada pelo marido, mas realmente despresada por elle tanto como é a mulher do arrieiro), não tendo a comprehensão da liberdade, que lhe outorgaram, nem da dignidade senhoril, permite-se immoderadas confianças equivocacões com os homens por imaginar que a liberdade da mulher quer afinal dizer liberdade do amor!

Um amigo meu, que veio a Madrid na comitiva do rei de Portugal, contou-me que n'um baile dado

em honra de sua magestade uma dama casada da mais elevada gerarchia, não sei quantas centenas de vezes grande de Hespanha de 1.^a classe, ao passar com elle por uma sala que dava para uma alcova nupcial, disse-lhe com um requebro languido de olhos e um sorriso vagamente animador apontando para o leito:—*Para que piensa usted que servirá?!*

Shoking!.. dirás tu, meu amigo. Mas que queres?! Que comprehensão queres tu que a mulher tenha da sua dignidade e do seu destino n'um paiz, em que o homem é o hespanhol?! Que educação tem recebido a mulher hespanhola depois que se lhe abriram as portas do harem mourisco?!

Na realidade nada ha mais parecido com um bordel do que um harem devassado.

Na meia burguezia, vírgens de quinze annos, a quem, no enthusiasmo d'um baile, ou no devaneio do luar d'essas claras noites meridionaes, disseres qualquer galanteio, responder-te-hão, fitando-te com o olhar amortecido, em meio arroubamento, e com um sorriso malicioso de conveniente egoismo, um quasi nada de padre, a brincar-lhe nos labios:—*Aguarde usted que yo me case.*

Miseria moral! — hedionda filha legítima de dois despezos, o desprezo que o homem de Hespanha tem pela mulher, mercê da tradição oriental, e o desprezo inconsciente que a mulher, por sua vez, deve sentir pela brutalidade violenta do hespanhol.

Não ha burguezia casada que não confidencia e

toda a gente, sempre que tem occasião: *Ah, mi marido! mui malo! que hombre! me bate!* Às vezes não bate tal, mas é um logar commum; diz-se, como se diria — «Valha-me Deus!» sem se acreditar em Deus. É um facto geral, uma ideia commum.

Mas para esta existencia anarchica, para esta vida de desordem, são necessarios recursos pecuniarios; e uma sociedade n'estas circumstancias não trabalha no grande trabalho productor. Decerto que não. Madrid vive de duas batotas, a hatota politica e a hatota das cartas e das roletas.

É uma população de jogadores e de politicos, na accepção degradante que esta palavra vae tendo, mercê do sophisma monarchico constitucional. Os homens intrigam, roubam, embebedam-se, fazem revoluções e dão facadas; as mulheres vestem-se e despem-se, comem doces, vão á missa, e confessam-se ao padre e tambem a toda a gente que conhecem. Eis o caracter dominante da capital da monarchia hespanhola, que synthetisa as qualidades da nação, sob a hegemonia de Castella.



No Prado e na Castelhana



Fui seguindo pela rua d'Alcalá até ao Prado, uma larga e magnífica avenida sombreada por platanos seculares.

Às 4 horas passou a equipagem da rainha, um elegante *Daumont* tirado por quatro cavallos andaluzes, negros e nervosos, governados por bolieiros que levavam jalecos ver-

melhos e cabelleiras empoadas, como os lacaios da trazeira.

A rainha é feia, d'essa excessiva e fria altivez da casa de Apsburgo, que n'esta neta dos Cesares é grande, mas sem nobreza.

No Prado e na Castelhana havia bonitas e ricas equipagens particulares, bem montadas, com gosto sobrio e elegante.

No fim do passeio da Castelhana levantou-se, ha pouco tempo, um monumento a Izabel, a Catholica, um grupo em bronze representando a rainha montada n'um cavallo ajaezado á moda da epocha, tendo á esquerda, segurando-lhe a rédea, Gonçalo de Cordova, *el gran-capitan*, e á esquerda o famoso Cardeal de Hespanha, Mendoza, o ministro tremendo, cujo espirito sombrio principalmente concorreu para destruir selvagememente o germen da civilisação, que os arabes haviam deitado por essa boa terra uberrima de Hespanha, alevantando elle a gloria de Izabel e de Fernando em cima da pezada e bronzea intolerancia, que cabiu sobre o corpo da nação, como louza da enorme e escura campá, que encerrou para sempre a ideia geradora d'um grande povo. O descobrimento da America, por esse tempo, veiu como uma chuva de oiro providencial, e fez esquecer, no meio das orgias e de delicias e de sangue, a ferida que o fanatismo abrija nas essenciaes fontes da vida e do progresso da Hespanha. O reinado de Fernando e de Izabel, antepondo os interesses de Roma aos da Hespanha, quebrou a marcha natural da civilisação d'este povo.

A unidade politica da monarchia teria sido de certo um poderoso meio de desenvolvimento e de constituição social da nação, se, em vez de a terem fundido n'um estreito molde catholico, tivessem disciplinado, brandamente, segundo o verdadeiro ideal da civilisação christã, os elementos de força, de espi-

rito, de sciencia e de industria de que o tolerantissimo dominio arabe havia provocado o apparecimento e protegido o inaudito progresso.

Este systema de tolerancia fôra a causa essencial da formação maravilhosa da nacionalidade portugueza, e tão poderosa e verdadeiramente natural era, que a nação se affirmou logo como grupo homogeneo e de modo tão consistente, que o espirito de nacionalidade existe ainda, apesar de tudo quanto se tem feito para o annular, desde D. Manoel até hoje, apesar da inquisição cega e estúpida e apesar dos Braganças, cujo egoismo tradicional tem sempre sacrificado os interesses da monarchia á conservação e grandeza da casa reinante.

Os nossos reis da primeira dynastia e os quatro primeiros soberanos da casa d'Aviz, seguiram uma politica sensata, que favoreceu pela sua tolerancia a transformação d'uma civilização em outra. Poucos annos bastaram, depois que os moiros tiveram de ceder o logar aos christãos, para completar-se em Portugal a constituição definitiva de uma raça, filha das duas que se achavam em presença e em contacto. E, porque o triumpho de Affonso Henriques, esse heroe maior que o Cid, veio sem exclusivismo nem intolerancia de especie alguma, a obra ethnica realisou-se evolutivamente, sem perturbações, favorecida pela unidade politica, que apressou a unidade social, constituindo-se a nação tal qual existe hoje. Só tres seculos depois é que os reis castelha-

nos acabaram a obra da reconquista da Península; mas já, a esse tempo, a politica papal deitava pela Europa os seus tentaculos de *pieuvre* enorme sugando o sangue dos povos para reduzir as nações a corpos sem vida propria, a que só o espirito da Igreja animasse.

Sob uma tal influencia, Fernando e Isabel, tendo invadido os estados arabes, criam poder invadir as consciencias, e inauguraram um systema absurdo de intolerancia e de perseguição. As forças productivas retrahiram-se, ou fugiram para longe; as artes liberaes pereceram; a sciencia escondeu-se e foi esquecida. Os espiritos vivendo no receio e no terror enfermaram; e a nação abysmava-se nas sombras e no aniquilamento.

Só a administração d'um inquisidor, Torquemada, em dezoito annos, destruiu quatorze mil e quatrocentas familias, degredando e condemnando a prisão perpetua noventa e sete mil e trezentas pessoas, assando vivas dez mil e duzentas. ¹

Entretanto volta Colombo, trazendo o descobrimento da America. e o povo, soltando um grito de assombro, de cubiça, de ambição de liberdade e de poder, precipita-se desorientado sobre o novo continente n'uma furia de raiva, na reacção medonha das fortes organizações pervertidas pela oppressão.

O oiro, o sangue, a gloria, que dimanaram das con-

¹ Llorente, t. 1.º pag. 280.

quistas americanas, acabaram de consumir n'um desvairamento delirante, a obra que o fanatismo começara. A conquista do Mexico foi um espectáculo de loucuras. E loucura, teu nome muitas vezes é crimel

A injustiça, a perseguição, a ignorancia imposta, tinham feito perder ao povo castelhano toda a noção moral, e a cubiça ávida da côrte, dos poderosos senhores e do clero, só fizeram crer ao povo n'uma coisa, — a omnipotencia do dinheiro!

O flagello da inquisição era tão notavel pela sua crueldade, como pela sua corrupção.

N'estas circumstancias materiaes e condições Moraes se ia constituindo, politica e socialmente, a Hespanha.

A exploração da America pela violencia e pela rapina durou muitos annos, e n'ella se formou definitivamente o caracter nacional. O genio de Carlos V aproveitou depois estes valentes elementos de conquista, em homens e em dinheiro, para consolidar o seu grande imperio, o qual se desmoronou naturalmente pelo enervamento que segue sempre as grandes agitações do corpo, as grandes tensões dos nervos.

No entanto, a politica adoptada por Fernando e Isabel teve, como não podia deixar de ter, a sua repercursão em Portugal. D. Manuel nutriu a ambição de ser imperador da Iberia, unindo Portugal a Castella. Mas, como para se realisar esse sonho seria necessario casar o rei portuguez com a filha herdeira de Fernando e de Isabel, e a condição *sine qua non*

do casamento, imposta pelos reis castelhanos, era a expulsão dos moiros e dos judeus, não hesitou D. Manuel em sacrificar-lhe o elemento mais activo da riqueza e prosperidade nacional.

D. Manoel casou, e não reinou em Castella; mas nem por isso deixou de perseguir os judeus, porque a eubíça e avidez da côrte e do clero se ceavam largamente nas expoliações.

O golpe foi rude e data d'elle a nossa decadencia, porque veio desorganisar a missão historica que na civilisação nos competia, a missão commercial e maritima. Mas a verdade é que a nação estava constituida socialmente já, pela elaboração lenta e livremente realisada dos seus elementos naturaes, e de tal modo, que a forte perturbação proveniente da expulsão dos judeus e a nefanda obra continuada pela inquisição não poderam quebrar o equilibrio das faculdades admiraveis e progressivas do espirito nacional, educado e affirmado nas preparações scientificas e nos trabalhos constantes com que foram emprehendidas e realisadas as nossas navegações e descobrimentos, não obras do acaso, mas consequencias conscientes do pensamento e plano do infante D. Henrique e de D. João II, o rei que verdadeiramente synthetisou o espirito nacional portuguez. E era tal a consistencia do character nacional, que, após seculos de aniquilamento, o marquez de Pombal ainda encontrou nas forças vivas da nação essas qualidades eminentes e essa consciencia antiga, que a fez affir-

mar perante a Europa e entrar no caminho da missão civilisadora, a que as tradições gloriosas do passado, a posição geographica vantajosa que occupamos na Europa, e o facto de sermos ethnographicamente os unicos representantes da raça iberica, nos dão direito a realizar.

Portugal é um navio que só precisa para navegar que o lancem direito ao mar, e d'um discreto temoneiro ao leme.

Alonguei-me por estas considerações d'história, que a estatua de Isabel, a Catholica, me trouxera ao espirito, porque ellas explicam o modo de ser da Hespanha actual, herdeira das qualidades da Hespanha do seculo xvi.

As sociedades são como os individuos que herdaram dos seus antepassados as formas externas, as disposições morbidas, as aptidões para esta ou para aquella manifestação do espirito e do character.

Depois, essa estatua recordou-me uma das tentativas d'união iberica, talvez a mais séria de todas, e essa união, alem de outras razões, parece-me, pelo que tenho visto do character hespanhol e do que disse da constituição ethnographica das duas sociedades, a portugueza e a castelhana, um absurdo tremendo e um grande erro politico. Sabimos, é verdade, portuguezes e castelhanos dos mesmos elementos; mas esses elementos constituíram-se em duas individualidades completamente distinctas, com qualidades caracteristicas e incombinaveis.

O theatro hespanhol



Teatro Español aonde fui ouvir um proverbio de Eschegaray, *Piensa mal y acertarás*, é o primeiro theatro de declamação de Madrid, e pretende exercer na arte dramatica em Hespanha a influencia eminente que a *Comedie Française* de Paris exerce em França.

Eschegaray que creio ser conhecido em Lisboa pelas traducções d'algumas obras que nos nossos theatros se representaram, entre as quaes figura com certeza *Loucura y Santidad*, é considerado o primeiro dramaturgo moderno da Hespanha.

Eu nunca ouvira, nem lera obra alguma escripta por este conspicuo castelhano, e a fama do seu nome chegara-me aos ouvidos engrinaldada pelos elogios. Entrei, pois, no theatro sem conhecer realmente o auctor mas, se alguma preocupação levava, era-lhe mais favoravel que contraria.

Para avaliar o estado da litteratura dramatica d'um povo, não basta ler as obras dos dramaturgos; é necessario ouvir os actores represental-as; ver e ouvir os espectadores que as escutam; porque são estes que fazem o theatro d'uma nação, mais ainda que os escriptores dramaticos d'ella, pois que actores e espectadores são quem os orienta e estimula. Pode um grande auctor tratar em bonissimos versos, ou em prosa ainda melhor, um assumpto dramatico qualquer, e realisar uma verdadeira creação artistica, que, se o actor não der a cada palavra do seu papel a verdadeira intenção e influxões, movimento e vitalidades, competentes, da obra do poeta não restará para o publico mais que uma serie de palavras, que, n'um dizer seco e sem vibração, pallida e friamente darão a ideia d'essa obra, e sem que tenham por um momento feito viver o espectador do pensamento e do sentir do personagem representado. E tambem, se o publico pelo seu character e estado intellectual é incapaz de se identificar com o modo de sentir e de pensar d'essas figuras criadas pelo poeta e magistralmente reveladas pelo artista, a obra scenica,

mesmo perfeita na palavra e na representação, florirá um momento, sem ser vista, nem compreendida.

Observemos, pois, conjunctamente, a sala e o palco. A sala do *Teatro Español* é pequena e escura, e tem frizas baixas como o nosso Gymnasio.

N'um camarote de boca, á direita do espectador, está a familia real, a rainha e as duas infantas, D. Eulalia e D. Paz recentemente casada com o principe da Baviera, e atraz d'ellas, de pé, el-rei D. Affonso e o principe bavaro, como quaesquer cavalheiros, que acompanhem ao theatro as senhoras da sua familia. Nenhum aparato official, nem pompa ridicula de idolos tyranicos. Em verdade, a familia real no theatro não está presidindo ao conselho de estado, nem em recepções da corte; é uma simples familia particular, que se vem divertir, passando aqui a noite, e que se distingue das outras porque a colcha, que cobre as grades de ferro do seu camarote, tem as armas de Leão e Castella bordadas a velho oiro em damasco de seda vermelha.

O rei é um rapaz alegre, magro e esbelto; lembra com a sua barba castanha, talhada á allemã, com o seu ar estouvado e com a sua calva precoce, um caixeiro viajante que fosse pelo mundo com amostras de vinho, pensando, n'uma vaga sensualidade, em aventuras de mulheres, que lhe poderão proporcionar os seus grandes olhos ternos, em meio da doce e phantastica prodigalidade do champagne de prova. Decidida-

mente os Bourbons acabam; esta velha raça de heroes e de monarchas perde o seu grande ar tradicional; e a este dá vontade de o tratar por *tu* e de lhe dizer: *Baya Alfonso que bellaco es!*

As infantas são feias, d'essa fealdade banal, em que se moldou n'ellas a mascara violenta e masculina, que a lei da hereditariedade afivelou nos rostos das mulheres da casa Bourbon.

A rainha já a viramos no Prado.

Nos outros camarotes e na platea, cujas *butacas* são estofadas de tecido de lã cõr de purpura, vêem-se de ambos os sexos os typos madrilenos já conhecidos.

No palco, cujo panno se erguera, abrindo um salão de casa burgueza, duas mulheres e um homem conversavam. E conversavam mal. Cada uma das figuras por sua vez declamava, dirigindo-se ás outras duas, uma longa tirada, vendo-se que estas ao ouvil-a esperavam inquieta e anciosamente alguma cousa. Seria uma palavra, uma ideia, uma revelação interessante? Não; viu-se, por fim, pela precipitação com que cada uma d'ellas atacou a sua parte, que só esperavam a deixa.

Assim corria o dialogo, cheio de flôres vermelhas de rethorica dramatica, e de flores brancas de asucarados lyrismos, doce e espesso como uma taça de chocolate, quando, de repente, uma das figuras, não me lembro qual, fallou da vida; e logo, com gestos abundantes e representativos, abrindo e fe-

chando os olhos, se lançou n'uma descripção complicada, comparando a vida, não me recordo, se a um navio, se ás ondas alterosas, que se quebram nos rochedos, se aos sapatos que com o uzo se alargam, se cambam e terminam por se romper; o que tenho, porém, bem presente é que, á medida que a descripção se ia completando, a attenção dos espectadores se mostrava mais interessada. Os olhos brilhavam-lhes com mais fulgor, até que por fim, antes ainda da ultima palavra do actor, irromperam n'uma explosão de brados unanimes:— *Oh la bella imagine!*

Acabára esta scena e começára outra. O mesmo chocolate espesso, ora correndo silencioso, ora cahindo d'alto, chiando nas chicaras; ás vezes, era bebida com lagrimas soluçadas e gestos de desesperada lucta, que os actores diziam que lhes ia no coração. E a proposito de coração, nova metaphora, descripção enredada e brilhante d'uma imagem qualquer; espectadores prezos e attonitos, entusiasticos applausos. E assim continuou a succeder a cada nova scena até ao fim do acto.

O publico no seu entusiasmo exigiu o auctor, e este appareceu. De todas as figuras de rethorica, e sem ser de rethorica, que até ali se haviam apresentado, esta era na verdade a mais reles em roupagens e em aspecto physico. Com o seu ar myope, com o seu pouco cabello repassado, com a sua pera fina e rara, com o seu estreito peito envolvido n'uma modesta caçadeira cinzenta, o sr. Eschegaray era

verdadeiramente deploravel. Deu-me vontade de gritar; essa imagem não; recolham-n'a!

No entanto o publico applaudia.

Cabiu o panno por fim; e uma grande parte dos espectadores sabiu para o peristilo; e eu fui tambem para passeiar por entre elles e ouvir-lhes a critica da peça feita nas impressões, que uns aos outros communicassem. Accendi um charute e esperei.

— *Entonces que metaphora, la del corazon!*?

— *Si hombre, pero la del buque, la tengo yo por mejor.*

— *Gran poeta, Pepe! en este acto el señor Eschegaray presentó siete imagines?*

— *Tantos, como esso?*

— *Yo me gusta mas de la metaphora del roble cobierto de flores!*

E trechos de dialogos, de apreciações identicas, se trocaram entre homens, cujos nervos ainda estavam vibrantes do movimento, da vida e das palavras da scena. Uma unica cousa os commovera—a metaphora.

Voltemos á sala. Levantou-se o panno; continuou a peça. O mesmo processo; dialogo igualmente declamado; as imagens, os tropos, as comparações longas e complicadas, produzindo os mesmos effeitos na platea.

O publico, quando não havia metaphora em declamação, conversava; lia *La Correspondencia de España* ou *El Imparcial*; um ou outro espectador consultava a lista da loteria. Nos intervallos fallava-se

da belleza das imagens, ou faziam-se combinações segredadas de batota e de café para depois do espectáculo.

Nos camarotes as mulheres dormitavam, conversavam, comiam doces, e limpavam as lagrimas, todas as vezes que a sua sensibilidade facil era provocada pelas terriveis imagens, annunciadas no palco, por aquelle que pensava mal e cujos vaticinios sinistros o sr. Eschegaray confirmou com o desfecho da peça.

Eu estava vexado. Que publico e que actores e que proverbio!

Será este o estado do theatro em Hespanha, ou sómente a representação d'uma má comedia?

E' o estado do theatro em Hespanha, porque a comedia que é má, segundo o ponto de vista da arte, como peça litteraria e como obra philosophica, é commudo excellente para o publico, a que foi destinada, e que a applaudiu; e de certo a não comprehenderia, nem acclamaria o seu auctor, que considera o melhor dramaturgo hespanhol, se o proverbio «*Piensa mal y acertarás*» tivesse as qualidades contrarias aos defeitos—que o maculam aos olhos da critica moderna.

E supportaria o publico essa comedia, se a litteratura dramatica moderna fosse em Hespanha o que é em França e na Italia e como já em Portugal se considera, um conselho, um exemplo, um criterio pelos costumes que estuda, pelos typos que analisa, pelos sentimentos, ideias e instituições que representa e critica?!

Interessado o espectador no estudo dos caracteres e dos factos moraes e materiaes que resultariam do seu encontro em dadas circumstancias da vida, correria a attenção d'elle atraz da metaphora scintillante como atraz d'uma borboleta? Não decerto.

O theatro é uma obra de critica, e na critica a imagem é um meio primitivo e incompleto. Só nas sociedades, cuja intellectualidade inferior não lhes permite synthetisar n'uma ideia abstracta os phenomenos que se lhes representam, é que a imagem occupa o primeiro logar na litteratura. Toda a escriptura das raças primitivas é symbolica; não ha linguagem fallada mais cheia de comparações lyricas, que a das tribus selvagens da America.

Com o desenvolvimento das sociedades as imagens vão-se dissipando nos espiritos, que começam a encher-se de ideias. Nas epochas, porém, de decadencia das litteraturas, dá-se muitas vezes o phenomeno da fascinação da imagem, quando se perdeu a tradição das formas, e das ideias da idade anterior e se não entrou ainda na comprehensão dos novos processos artisticos e das novas ideias philosophicas. A imagem e a metaphora são bem vindas, então sempre; e o auctor, enleiado e perdido, paira nos ares n'esses iriados balões phantasticos; e o espectador, deslumbrada a vista, repouza o cerebro preguiçoso, comprehendendo sem o trabalho fatigante de formar consciente e logicamente uma opinião, para cuja elaboração lhe faltam ainda elementos po-

sitivos. Estas são nas litteraturas as epochas rethoricas.

Todas as sociedades teem passade por ellas. A litteratura portugueza sabiu ha pouco d'esse estado com Eça de Queiroz e Bento Moreno no romance, com Gonsalves Crespo e Cesario Verde na poesia, com Theophilo Braga e Oliveira Martins na historia e na philosophia, com Ramalho Ortigão na critica, com Silveira da Motta na eloquencia e no theatro. . . o publico vai sabindo com as traducções de Sardou e de Dumas filho, que os actores Rosas e a actriz Roza Damasceno, educados no nosso moderno meio litterario, vão mais ou menos conscientemente desempenhando.

A Hespanha, porem, vive literariamente ainda em plena epocha rhetorica. Rhetoricos são os seus historiadores, os seus professores, os seus sabios, os seus poetas, os seus criticos — Castellar, Menendez Pelayo, Eschegaray, Grillo, Nuñez d'Arce, Palacio. . . Será, pois, possivel á litteratura castelhana libertar-se d'esse character rhetorico e emphatico, mixto das reminiscencias da abundancia oriental na forma e da vaga metaphysica sensualista na ideia?

E' essa uma questão de transcendente importancia, que demandaria um largo trabalho de critica e de historia, que nem cabe nas ligeiras paginas d'estas cartas de viagem, nem, se eu o quizesse fazer, poderia talvez levar a cabo.

Entretanto, estudando-se na historia da litteratura

hespanhola que especie de influencia tem exercido n'ella as differentes revoluções litterarias e philosophicas, por que o pensamento e a arte tem passado na Europa, desde a renascença até hoje, comparando-se as obras dos seus escriptores mais notaveis de cada epocha com as dos auctores estrangeiros contemporaneos, poder-se-ha de certo chegar a assentar um juizo seguro em tão momentoso assumpto.

Ha em todas as manifestações artisticas d'um povo um elemento, que lhe determina o character, é o character d'esse povo, que, mesmo quando o seu ideal philosophico seja o mesmo que o dos outros, dá ás obras d'arte a sua feição particular, uma especie de nacionalisação que é a final em que consiste a verdadeira originalidade das litteraturas, porque não são estas que determinam os differentes estados sociaes; mas a complexidade de costumes e de tradições constitutivas d'uma raça, é que engendra uma certa communhão de ideias e de sentimentos, que se traduzem nas fórmulas correspondentes da arte.

A Renascença, por exemplo, o pensamento christão revestido das antigas fórmulas gregas, deu o mesmo espirito ás litteraturas de Italia, de Portugal e da França; mas o genio proprio de cada uma d'estas nações deu ás suas obras o character particular.

Vejámos, porém, como se manifestou litterariamente o movimento da Renascença em Hespanha.

Tardiamente, já quando a decadencia empallescencia as litteraturas italiana, portugueza, a franceza, porque, tendo-se perdido o primitivo ideal christão individualista pela imposição politica do Catholicismo, ia-se cahindo no esteril e frio classissimo da arte pela arte. E, mesmo então, a litteratura hespanhola da Renascença nunca attingiu na fórma a correcção antiga; nem purificou o estylo da exuberancia oriental das imagens e do vago das metaphoras; nem o amor se espiritalisou nas obras dos seus poetas até ao sentimento sublimado do Petrarcha e de Camões; nem tiveram os poetas castelhanos do ideal da gloria e da Patria a comprehensão luminosa, clara e crystallina da Divina Comedia e dos Luziadas.

Nas criações artisticas e litterarias da Hespanha transparecem revelações de genio, como em Calderon de la Barca, e Thyrso de Molina, mas enfaixadas n'uma profusão de imagens e de enredo de linguagem, em que as figuras das comedias se envolvem, como n'uma capa protectora de conveniencias, receiosas de mostrar á luz da rampa a rude nudez dos seus caracteres; e nas carregadas fronte d'essas figuras ha sempre a sombra sinistra do terror e do intimo sobresalto.

Ora a epocha em Hespanha era de hypocrisia e de fogueiras. E que homem poderia então cantar em paz e ter franqueza e confiança?

E, quando o movimento da Renascença europêa começou a reagir sobre os espiritos, já a nação se

geia a sua paixão pelo brilhantismo e pelo luxo, qual é a imagem e a metaphora.

O romantismo tambem, que teve uma alta missão necessaria ao desenvolvimento das litteraturas europeas, porque veio affirmar a liberdade da expressão artistica do pensar e do sentir do coração humano, restabelecendo e continuando a obra da Renascença, só foi comprehendido e seguido pela Hespanha no exagero do estylo trovador, na fôrma lendaria da idade média, que era o que o romantismo tinha de rethorico e de artificial. Na verdade, taes exageros de estylo eram o resultado do deslumbramento, que o brilhantismo retumbante e tragico do character hespanhol causara a Victor Hugo, quando o grande poeta, criança ainda, vivera em Madrid no tempo do rei José.

A Hespanha d'essa epocha era um volcão, em cuja cratera referviam as paixões violentas dos vencedores do Mexico, irrompendo em rios de lava e sangue, e cuja fronte se envolvia no espesso fumo da sombria soberba de Castella; de sorte que a aguta napoleonica pairava incerta sobre a montanha hostil, meio cega pelo fumo, com as azas meio crestadas pelo fogo.

Que extraordinaria impressão, pois, não produzia n'uma organização predestinada para a arte e para a poesia, n'uma imaginação tal como a de Victor Hugo, esse sombrio espectaculo da Hespanha raivosa e sinistra ! ?

As manifestações violentas e cheias de altivez do genio castelhano, o brilhantismo e a côr dos seus costumes e da sua linguagem pittoresca e sonora impressionaram o cerebro sensível da criança, indelevelmente a ponto, que na obra do grande poeta, e até mesmo nas ultimas paginas que escreve, se projecta o reflexo da visão dos seus primeiros annos.

A velha arte classica, cuja fôrma correcta e sobria era. tudo que restava da litteratura franceza, herança sagrada da Renascença, indignou-se contra esse desordenado turbilhão de côr, que tão fôra estava da simplicidade antiga, simplicidade constituia o gosto litterario da raça latina. Victor Hugo, porém, era um genio, e portanto que não podia deixar de triumphar dos classicos, que não comprehendiam o espirito da reforma litteraria que vinha desde Rousseau, Stael e Chateaubriand.

Provocados pelo falso estylo gongorico, arvorado como uma bandeira revolucionaria nos versos do Hernani, reagiam os classicos cegamente contra a nova escola, confundindo nos mesmos ataques o espirito da reforma e o estylo do poeta.

Mas, derrotados os classicos na opinião geral, o espirito do romantismo dominou a litteratura europea; e, livre completamente de toda a opposição, continuou a sua evolução natural, systematisando-se e creando a fôrma de expressão verdadeira. Foi abandonado o velho estylo de combate espectacular e

retumbante, e procurou-se na simplicidade correctá a clara exteriorisação consciente das ideias e das couzas.

Áparte Espronceda, um pallido imitador de Byron, que a política fez falhar como poeta e como artista, Zorrilla, Garcia Guterrez, o duque de Rivas, auctores em cujas obras mais se accentua a feição lendaria no theatro e na ode, não foram reformadores do gosto, e do espirito litterario da sua epocha; pelo contrario, prenderam mais o publico ao apparato e á fórma fortemente colorida e imaginosa, deslumbrando-o com todos os europeis e falsas decorações da abominavel rethorica do romantismo, sem lhe darem a fina e sentida comprehensão das paixões humanas, que, sob essa cartonagem e essas velhas armaduras de latão, se agitavam nas obras dos mestres, na Allemanha, na França e em Portugal.

O que foi o romantismo em Hespanha com Zorrilla e Garcia Guterrez, pode um portuguez avalial-o, imaginando o que teria sido em Portugal se não tivessem apparecido Garret e Herculano, e se tivéssemos ficado nas obras dos manos Serpa Pimentel, de João de Lemos, de Antonio Pereira da Cunha e d'outros.

Ora o estado da litteratura d'uma epocha, ou d'uma nação, não é um phenomeno que se produza de subito e de modo sobrenatural, pela simples acção d'um homem de genio e sem antecedentes que lhe

preparassem, pela sua elaboração logica e lenta, o apparecimento; é ao contrario a consequencia forçada de condições anteriores que influiram constantemente na evolução dos espiritos. Forma-se o escriptor quasi ao mesmo que o gosto do publico, influenciando-se parallelamente e reciprocamente.

D'este modo a Hespanha, em cujo espirito se não deu, ou não se completou a evolução artistica da Europa, em nenhum dos seus periodos de affirmação, não pôde ter attingido o grau de desenvolvimento racional da litteratura, a que chegaram já as outras nações europeas, nem, dados os seus antecedentes, é provavel que venha um dia a attingil-o.

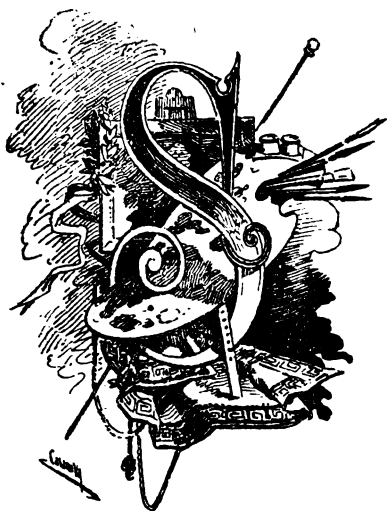
Ao theatro, sobre tudo, cuja existencia depende, não só dos auctores, mas muito principalmente do gosto e do caracter do publico, será difficilimo, se não impossivel, dar-se o espirito moderno da analyse positiva dos costumes e da representação viva e natural dos caracteres. Para tal se conseguir um dia, ainda que alguns escriptores dramaticos se orientassem segundo os methodos e ideaes modernos, seria necessario preparar actores que lhes comprehendessem o pensamento e as intenções, a ponto de prenderem pela imposição da realidade da sua representação o espirito do publico castelhano, sempre prompto a transviar-se nos excessos da imaginação, resultado da preversão nervosa do seu temperamento. E, ainda assim, o successo seria transitorio; porque essas entidades artisticas, auctores

e actores, seriam estranhos ao caracter geral da nação. Não sendo elles o producto natural do meio social, a sua influencia seria consequentemente ephemera, e não poderia alterar no publico as qualidades que lhe são oppostas e que, adquiridas por causas tão diversas, se foram, pela successão hereditaria em quatro seculos, tornando congenitas da raça.



No muzeu

I



ô alguns dias, que tenbo passado no muzeu do Prado não são os bastantes para estudar conscienciosamente todas as escolas de pintura aqui representadas. Depois, não basta vêr; é necessario ler as biographias dos pintores; precisa-se

recordar a historia da epocha em que cada um d'elles viveu; estudando as velhas chronicas e memorias, em que se relatam os pequenos factos da vida

das sociedades, o seu modo de ver particular e especial, porque este complexo de circunstâncias tem sempre maior e mais directa influencia no espirito e no genio de um artista, de que mesmo os factos predominantes da historia politica, cuja acção só mais tarde se faz sentir na vida domestica dos povos. Ha quinze dias, pois, que vivo nos seculos xvi e xvii, epocha do crescimento e da idade aurea das artes em Hespanha.

Não permite o pouco tempo, de que disponho, occupar-me do estudo individualizado das outras escolas de pintura aqui magnificamente representadas pelas obras de quasi todos os grandes mestres, e, portanto, limitar-me-hei a dizer-te as minhas impressões sobre os pintores hespanhoes, que se classificam em escolas de Andaluzia, de Castella, e de Valença, as quaes, como D. Pedro de Madrazo no seu catalogo, eu reduzirei a duas sómente, a de Madrid e a de Sevilha, ou, ainda mais conscienciosamente, á de Velasquez e á de Murillo.

Realmente antes da representação naturalista do character verdadeiramente hespanhol dos quadros dos dois grandes grandes mestres, todos os pintores de Hespanha tinham o character commum da severidade devota, que dominava o estylo particular de cada um d'elles, estylo imitado, ainda assim, das differentes escolas italianas ou flamengas antigas!

Uma observação, porém, devo fazer, e é que na minha opinião a escola, que mais influencia teve na

pintura hespanhola, foi a veneziana. Era isto natural. Em primeiro logar, os pintores hespanhoes nunca pintaram figuras nũas, e o estudo do verdadeiro e vivo colorido, dos tons das roupagens e dos fundos dos quadros, devia preoccupal-os mais que tudo; e depois, a expressã voluptuosa, o movimento e a magnificencia, que caracterisam aquella escola, conformavam-se melhor com o verdadeiro temperamento peninsular.

Mas a arte de Italia do seculo xvi não podia ser comprehendida, nem seguida consciente e essencialmente em Hespanha, porque os espiritos não tinham a preparação litteraria da Renascença, nem a disciplina ascetica da inquisição lhes consentia a comprehensã da ideia que domina em toda a grandiosa pintura italiana—o ideal da fôrma do corpo humano.

Taine, diz no seu magnifico livro da viagem na Italia :—«Com o sentimento do nũ, com o exercicio dos musculos, com o desenvolvimento da vida corporal, o sentimento e o culto da fôrma humana appareceram uma segunda vez ¹.»

A Renascença na pintura, como na estatuaria, foi uma festa pagã, e, mesmo quando celebra os fastos do catholicismo, as nymphas e as deuzas resuscitam, triumphantes, serenas ou dramaticas, nas fôrmas esplendidas das madonas.

O alegre clarão de luz vivissima do espirito da

¹ Taine, Voyage en Italie, 4.^{me} édition — Paris, 1870.

Renascença veio bater aqui nas frias paredes núas dos conventos e teve uma refração phantasticamente severa e triste na espessa atmosphera d'este paiz assebrada pelo fumo das fogueiras inquisitoriaes.

No seculo xv e principios do seculo xvi nenhum pintor de merito appareceu em Hespanha, de sorte que Carlos V, o poderoso imperador, que tanto presava as artes, o amigo e protector do Ticiano, não encontrou um hespanhol, cujo pincel merecesse a sua protecção.

Entretanto, com a união das provincias lombardas e da Flandres á corôa castelhana e com o estabelecimento das relações politicas mais intimas entre Castella e a Italia, o gosto pelas artes foi-se desenvolvendo, e alguns artistas se foram a educar em Roma. Entre estes se nota Luiz de Vargas, de Sevilha, de que não ha quadro algum no muzeu, e que pintou no estylo de Perino dal Vaga. Outros deixaram-se influenciar da maneira flamenga, como Marmoleja, cujos quadros recordam remotamente os de Hemling.

Começam, porém, já no seculo xvi a apparecer alguns pintores, que são bem notaveis. De Luiz de Morales, chamado o divino Morales, por exemplo, ha quatro quadros de historia sacra, que não são menos notaveis pelo seu poder de expressão e profundo sentimento religioso, de que pelo vigor do colorido.

O catalogo official considera-o adepto das antigas escolas florentina e flamenga; mas o quadro que re-

presenta a Virgem acariciando a Jesus, que a olha com uma graça infantil, mettendo a sua pequenina mão no seio da mãe por uma das aberturas da túnica, é tão verdadeiro, tão cheio de expressão e tem um movimento tão natural, que, se se quizesse forçosamente achar um predecessor da grande escola de Murillo, este quadro daria a primazia a Morales sobre todos os seus contemporaneos, entre os quaes se distingue pela força de expressão das cabeças que pintou e pelo colorido, Juan de Juanes, que alguns dizem o chefe da escola de Valencia; sem que esta classificação de escolas tenha comtudo outra razão de ser até Murillo e Velasquez, além da de taes e taes artistas terem pintado para as cathedraes d'esta ou d'aquella provincia.

A construcção do Escorial, emprehendida por Felippe II e a decoraçào de outros palacios por elle ordenada, veiu dar um grande impulso ao progresso das artes, contrabalançando assim a miseria e os desastres aquelle reinado. Devo, porém dizer, que os artistas de que se serviu principalmente, foram estrangeiros e não os melbores do seu tempo.

Entretanto, Sanches Coelho foi pintor da cõrte, o qual ainda que não fosse castelhano, era da Peninsula, pois era portuguez.

O catalogo do museu do Prado, feito por D. Pedro de Madrazo, dil-o natural de Benifayro na provincia de Valencia, mas as chronicas e memorias contemporaneas dizem que o proprio rei Felippe II

chamava a Coelho o seu Ticiano portuguez, o que destroe completamente a indicação de Madrazo, que não obteve de documento autentico esta informação, porque não nos dá nem o dia, nem o anno do nascimento do excellento pintor, cujos quadros, retratos, embora timidos quando se comparam com os do grande Veneziano, são comtudo finamente coloridos, e cheios de vida e individualidade.

Em Coelho se poderia filiar a escola de Madrid, como a de Sevilha em Morales, e talvez com mais sequencia, porque o estylo de Coelho foi continuado e fez escola, seguido pelo Pantoja de la Cruz, discipulo seu, que se lhe não é superior como retratista, parece comtudo mais senhor do processo, dando muito maior movimento ás figuras que pintou.

Dos poucos pintores castelhanos do seculo xvi, o que realmente tem verdadeiro genio é Juan Fernandez Navarrete, *el Mudo*. Em todos os tres quadros que d'este artista o museu possui, distingue-se uma finura de colorido que nada tem de invejar aos venezianos. No quadro n.º 905 que representa Jesus recebendo sobre a cabeça a agua do baptismo, — que S. João lhe lança com ambas as mãos, meio ajoelhado n'uma das margens do Jordão, estando na outra margem quatro anjos, presenciando o acto —, Navarrete desenvolveu uma magnificencia de tons e um movimento admiraveis.

As linhas da belleza feminina dos grandes anjos

revelam uma facilidade e graça tal, que se pintou figuras de mulher, devia tel-o feito com a compreensão perfeita da voluptuosidade e delicadeza da carnção feminina, o que nenhum dos pintores castelhanos revelara até então. Brilhante reflexo da influencia das escolas italianas, principalmente da graça deliciosa de Correggio, mas reflexo fugitivo porque durante o desenvolvimento da arte em Hespanha, o espirito ascetico d'uma ardente devoção, dominou todo o paiz.

E' curioso observar como a mesma disciplina mental, que na idade media produziu o ideal mystico e vaporoso das figuras de Perugino, exercida aqui em organizações desequilibradas no sentido da violencia apaixonada do temperamento, originou obras de caracter rigido e severo, d'uma religiosidade dolorosa, em que se exprime a lucta atormentada da alma domando as revoltas do pecado. Nunca a voluptuosidade ideal das nupcias sagradas das almas com o Senhor; sempre, sempre a realidade objectiva da carne atormentada pelo desejo d'uma paz eterna. Os santos dos hespanhoes são luctadores espirituais contra as tentações do mundo, e, quando as suas figuras exprimem a plenitude da graça, mostram a expressão dissipada do socego da carne fatigada e do desejo extincto.

Esta compreensão objectiva da religião, revela-se em todos os pintores; e grandes obras dramaticas, decerto, lhes teria feito crear, se elles tivessem

alliado ao seu estado mental inconsciente o conhecimento anatomico do valor dos musculos para n'uma crispacção nervosa, sabiamente reproduzida, exprimirem a violencia da lueta do corpo na repressão do desejo. Mas faltava-lhes a sciencia anatomica, por que a vibraçção do terror intimo, a incerteza da consciencia, a desconfiança constante do futuro e a dolorosa anciedade pela paz, fatalmente a haviam de reproduzir, pois que esse era o estado geral dos espiritos em Hespanha.

Para o provar basta olhar para os retratos, que estão n'este muzeu, e mais, são todos de reis, principes e grandes senhores, que viviam na opulencia, no poder, na glória; pois, apesar d'isso, em todas as phisionomias se reflecte esse sinistro combate interior, mais ou menos perfeitamente, segundo o talento do artista. Entre estes, Velasquez é superior a todos os retratistas hespanhoes, na minha opinião, porque natureza mais equilibrada e provido de mais sciencia do corpo humano, parece ter tido a comprehensão consciente do estado pathologico dos espiritos e o conhecimento do valor dos musculos, cujo movimento exteriorisa a sensação e as luctas intimas.

Murillo, como pintor sagrado, foi igualmente superior a todos os seus contemporaneos, porque, conhecendo o corpo humano, tanto como Velasquez, embora comprehendesse a religião como o vencimento do espirito sobre a carne, emballando-se na vo-

luptuosidade meridional, imaginou o seu triumpho definitivo na exaltação sensual do amor divino, até ao erethismo nervoso da contemplação estatica.

As suas santas e as suas virgens são arroubadas odaliscas d'um harem celestial.

Com Velasquez e Murillo, ambos artistas completos pelo genio e pela sciencia da natureza, ambos possuidores do processo de colorir no mais elevado grau, é que se firmou realmente a distincção das duas escolas, de Madrid e de Sevilha.

O caracter da devoção ascetica, a comprehensão objectiva da religião e a severidade do estylo dos pintores á excepção de Murillo, fora determinado por diversas cauzas.

Como te disse já, fallando do theatro hespanhol, a Renascença litteraria que se dera na Italia com Petrarcha, em Portugal com Sá de Miranda e Antonio Ferreira, e em França com Ronsard, não se manifestou em Hespanha. N'essa época em Alcalá, em Salamanca, em Cervera, S. Jeronymo era mais popular do que Cicero. O cardeal Ximenez, o maior protector da instrucção que a Hespanha ainda teve, promovia e impunha então o estudo da theologia como a verdadeira base das sciencias e das letras; e, pelo que respeitava á poesia e á philosophia da Grecia e de Roma, de boa vontade lhes teria feito o mesmo que fez á litteratura arabe, cuja bibliotheca mandou queimar em Granada. A sua maneira de considerar a sciencia avalia-se bem pela notavel passa-

gem da Biblia Polyglota, em que somos informados que encontraremos ali a versão de S. Jeronymo entre a versão dos setenta e o original hebreu, como Nosso Senhor crucificado entre os dois ladrões ¹

Se a igreja tinha pouco gosto pelas artes e letras classicas, o elemento secular não tinha então gosto por cousa alguma.

Fóra da igreja e dos palacios, não se podia encontrar em Hespanha antes do seculo xvii, nenhum estimulo para o desenvolvimento da arte.

Na verdade, as poucas familias, cujos chefes tinham governado as provincias lombardas, ou servido nas guerras de Carlos V, faziam excepção entre a nobreza castelhana, a qual geralmente só cuidava de cavallos e toiros, de matilhas e falcões.

A casa dos Mendózas, por exemplo, famosa nas armas e nas letras, possuia em Guadalaxarra uma livraria, começada a colleccionar, ainda antes da invenção da imprensa; e o seu solar tornou-se um verdadeiro musen de bellas artes.

Em Alba de Tormes, o duque d'Alba, o mesmo que entrou em Portugal em 1580, comprazia-se em ostentar o seu gosto pelas artes. Fizera elle vir de Florença um tal Tammazo para pintar a fresco uma galeria d'esse palacio, onde formou uma collecção de quadros e de estatuas, e onde os seus feitos mi-

¹ Biblia Palyglotta. Card Ximeni, 6 v. fol. Compluti, 1514, pag. 3.

litares foram mais tarde por ordem de seu filho, commemorados em frescos por Granelo e por Castello. Foi o palacio de Tormes uma deliciosa vivenda junto de

La ribera verde y deleytosa
Del sacro Tormes dulce y claro rio. 1

como diz Garcilasso de la Vega.

Lope de Vega, que foi hospede do duque d'Alba, escreveu a sua *Arcadia* na Abbadia d'Ambroz, cujos jardins magnificentes o velho guerreiro embelesara sumptuosamente, fazendo ali eternisar em marmore e em bronze todas as creações d'Ovidio. 1 Em el Vizo, sobre o Manchegan, na serra Morena, o almirante Bazan

Gran marquez de Santa Cruz, famoso
Bazan, Achilles sempre victorioso

edificou um magnifico palacio pelo plano de Castello de Bergamo na Lombardia, ornamentado de frescos, representando passagens guerreiras da poesia classica e os feitos da sua propria historia na batalha de Lepante contra os turcos e na dos Açores contra e prior do Crato.

O famoso Antonio Perez, o Alcibiades castelhano, cujo esplendor de vida luxuosa rivalisa com os

1 Descripcion del Abadia, jardin del duque de Alba, obras sueltas, XXI, Madrid, 177. — Tom. IV, pag. 355.

maiores principes romanos do seculo xv, e que, em saber e bom gosto, excedia a todos os grandes senhores da corte de Filippe II, accumulára, tanto no seu esplendido palacio em Madrid, como na sua casa dos suburbios, inextimaveis thesouros artisticos, — estatuas, quadros, baixos relevos, mozaicos e riquissimas tapeçarias de Arras.

Em Zaragoza, o duque de Villa-hermosa fazia decorar o seu palacio por um chamado Esquarti, italiano, discipulo de Ticiano, com retratos dos seus maiores e passagens notaveis da historia guerreira da sua familia.

Os solares dos Silvas em Buitrago, dos Sandoval em Denia, dos Beltrans de la Cueva em Cuellar, dos Pimenteis em Benevente, e os palacios dos Velascos na cidade de Burgos e dos Riberas em Sevilla, eram igualmente riquissimos em primores de pintura e de esculptura dos melhores artistas da Italia.

Mas, se estes exemplos são bastantes para mostrar que nem toda a nobreza de Castilla se conservára na barbaria mediavel, não provam realmente que ella promovesse o desenvolvimento do genio artistico da nação. Essas familias colleccionavam os despojos, que os seus chefes haviam trazido da guerra ou das expoliações praticadas nos governos de Flandres e da Italia, mas não empregavam em seu serviço os artistas nacionaes.

O verdadeiro Mecenas era realmente e só a muni-

ficente igreja. Cada uma das grandes cathedraes, Toledo, Zaragoza, Salamanca, Segovia, Valencia, Granada, Sevilha, e cada abbadia rica não só das cidades principaes, mas mesmo das apartadas veigas e das remotas serras, — Lupiana, Guadalupe, El Paular, São Martinho de la Cogolla, eram outros tantos seminarios de bellas artes. Ahi, architectos e esculptores, pintores de frescos, de tela e de vidraças, doiradores, fundidores e cinseladores de oiro, ferro, prata ou arame, achavam sempre hospitalidade e protecção generosa. Não sómente os fundos das igrejas, enormes riquezas accumuladas pelo tempo, eram fonte inexaurivel de vida para as artes, já pagando a construcção d'um novo templo, já dotando o antigo de frescos e riquissimas alfaias; mas tambem o fervor religioso e a piedade dos fieis concorriam em rivalidade de riqueza e dedicação, fazendo edificar n'esses templos opulentas capellas ou ajuntando-lhes uma nova sacristia, onde a vida de S. Bentó, ou de S. Domingos, era historiada em frescos, em telas, em haixos relevos.

Não houve, outr'ora em Hespanha pintor que não tivesse passado parte da sua vida em conventos e cathedraes; alguns ahi viveram sempre. E depois, o pintor e o esculptor não eram então, nem os menos populares, nem os menos importantes dos servidores da igreja. A sua missão não era simplesmente a de ornamentar os templos para lhes dar maior pompa e brilhantismo, que deleitassem os olhos dos fieis

e enchessem o espirito do respeito, que sempre ás multidões impõe o esplendor do luxo e da riqueza; era tambem uma especie de magisterio sagrado, — instruir os ignorantes, emendar os viciosos, encaminhando-os pelo exemplo das scenas, que pintavam, para a vereda da piedade e da virtude. N'esses frescos e baixos relevos a creança e o povo ignorante aprendiam o pouco que sabiam da historia sagrada, das vidas exemplares dos santos que tinham de adorar.

Era na verdade um grande meio de propaganda, porque a especial intellectualidade do povo castelhano não lhe promettia então, como ainda hoje não lhe permite, comprehender a elevada metaphysica christã sem os symbolos e a exteriorisação das imagens. Os dogmas theologicos eram-lhe impostos pelo terror sobrenatural: — *Credo quia absurdum!*

Os principios de moral não se gravavam nas consciencias; feriam a cada momento os olhos, postos em acção na vida dos santos e de Christo para serem copiados mechanicamente na existencia.

A grandeza e surperoridade da missão do pintor era reconhecida e proclamada por todos. «O principal fim das obras da arte christã, diz o pintor Pacheco, é persuadir o homem á piedade, e encaminhal-o para Deus.»¹ Juan de Butron nos seus *Discur-*

¹ F. Pacheco: *Arte de la Pintura*. Sevilha, 1649, pg. 143.
—Publicado em Madrid em 1626.

sos apologeticos en que se defiende la ingenuidad del arte de la pintura diz que para o sabio e letrado pôde bastar a sciencia escripta, mas que para o ignorante não ha melhor mestre que a pintora, podendo ler n'um quadro os deveres que n'um livro não comprehenderia.

O pintor era o melhor e o mais popular de todos os pregadores; e essas homilias, esse *flos Sanctorum* em acção, que cobriam as paredes das igrejas e dos claustros, convenciam e impunham mais ao espirito do povo de que os sermões, em que o jesuita explicava e poetava, ou em que o dominicano declamava a berro.

Como esta educação do povo castelbano esclarece e explica o amor que pela imagem na litteratura existe ainda hoje na Hespanha, como ao theatro observei.

O artista convencido da invocação do seu apostolado, preparava-se muitas vezes, para o exercer dignamente por meio de praticas piedosas d'um zelo fervoroso.

Como Fra Angelico, Juan de Juanes preparava-se antes de começar cada novo quadro, passando muitos dias em orações e jejuns, e commungando. Luiz de Vargas, que tambem se exercitava e purificava antes do emprender um trabalho com eguaes sacrificios e sacramentos, até flagellava as carnes com rijas disciplinas, de modo a matar todo o desejo corporeo, e, para meditar sobre o

grande mysterio da morte, deitava-se n'um esquite.

Se muitas vezes os pintores, cheios de vocação piedosa, tomaram ordens clericas, não menos frequentemente grandes e celebres artistas appareceram entre os ecclesiasticos.

O delicado genio de Navarette, *el mudo*, foi descoberto e dirigido nos seus primeiros estudos por um frade de S. Jeronymo, no convento da Estella. Alonso Cano foi prebendado de Granada.

Vivendo pela imaginação, n'um mundo sobrenatural, em intimo commercio com as entidades angelicas e gloriosas, o artista acreditava-se objecto dos cuidados divinos. O estado pathologico, a que conduz os espiritos a exaltação mystica, tem sido geralmente estudado por sabios physiologistas e duas obras litterarias modernas trataram com talento este assumpto, embora cada uma d'ellas por processos differentes. Os requintados Goncourts, no seu romance psychologico *Madame Gervaisai*, e Teixeira de Queiroz (Bento Moreno) no seu melhor trabalho — *O amor divino* —, que elle deveria rever e tornar perfeito, estudaram melhor do que eu o poderia já-mais fazer, essa doença nervosa, que, a meu ver, mais de que nenhuma outra exerce influencia no meio social, em que apparece. Não ha *possessa* ou *santa* viva que não tenha os seus crentes e a sua lenda no paiz.

As lendas da igreja hespanhola, a opinião do cle-

ro e a tradição da arte eram geralmente aceites e repetidas vezes confirmadas com respeito não só á perfeição e cuidado da conservação das obras de arte consagradas ao culto do santo, cujas imagens essas obras representavam; mas ainda veem cheias de listas de milagres, realizados pelas imagens, quando o pincel ou o cinzel estavam occupados a creal-as, e tambem, muitas vezes, durante a vida toda do artista.

Juan de Juanes pintou a virgem, que em Valencia se reverencia sob a invocação de *la Purissima* pelo esboço e indicações dadas por Nossa Senhora, que appareceu em pessoa ao jesuita Martim Alberto.

A imagem de Nossa Senhora de *la Soledad*, a imagem de mais devoção em Madrid, tem uma historia semelhante. Tendo o esculptor Gapar Becerra estragado trez vezes a estatua da Virgem, que, para o oratorio da rainha Isabel de la Paz, começára, desistira já desesperado de a concluir, quando uma noite a Virgem lhe appareceu convidando-o a ir trabalhar n'um madeiro sobre que ardia o seu sagrado coração.

Um ermita que vivia nas montanhas d'Avila encherá as paredes e o tecto da lapa natural, em que habitava, de frescos commemorando o seu patrono S. Jeronymo. Com a infiltração das aguas, durante um inverno, as paredes e a aboboda da gruta abriam em partes; mas as pinturas foram preservadas por S. Jeronymo, e no fim de dois seculos ainda

estavam tão claras e brilhantes como na hora de serem acabadas de pintar pelo piedoso monge. Esta anedocta vem na historia da ordem de S. Jeronymo por José de Siguença.

E quantos milagres então?! Um tal Villafaña escreveu um «Compendio historico de las milagrosas imagines»; e Lope de Vega conta¹ que um certo pintor ia a cabir d'um andaime, e, porque tinha feito oração mental, ficou suspenso no ar sustido por um braço da Virgem, o braço por elle acabado de pintar n'um baixo relevo e que Nossa Senhora miracolosamente lhe estendeu, para o salvar da morte.

Quantos artistas retirados do purgatorio pela intervenção influente dos santos que tinham pintado na terra! Quantos auxilios miracolosos prestados nas luctas e nas miserias da vida! Quantos peccados evitados!

Isto passava-se no mundo espiritual, e ao mesmo tempo a Inquisição que ia bater a todas as portas, perseguindo quem trabalhasse com prelo de ferro, violando e remexendo os papeis dos escriptores, bem cedo descobriu o caminho das officinas e submetteu as artes á sua terrivel policia.

Um edito do santo officio sabiu logo, prohibindo que se fizessem, exposessem á venda e se possuisessem quadros, gravuras, ou esculpturas deshonestas

¹ Obras, tom. V pag. 66.

sob pena de ex-communhão, multa de 1500 ducados d'oiro e um anno de degredo.

Foram nomeados inspectores e censores, para nas cidades principaes velarem pelo cumprimento d'esta ordem. Pacheco exerceu tal cargo em Sevilha e Palomino em Madrid, ambos pintores, mas mais conhecidos como escriptores, diz o catalogo de Madrazo a pag. 182. Os seus escriptos principaes, a *Arte de la Pintura* de Pacheco e *El Museu Pictorico* de Palomino, são verdadeiros e completos compendios da representação orthodoxa dos assumptos sagrados. Mas um codigo de pintura sagrada fôra já publicado anteriormente por Ayala, e n'elle se discute longamente a verdadeira fórma da cruz do calvario; se estavam dous anjos ou sómente um, sentados sobre a pedra do santo sepulchro no acto da resurreição; se o diabo tem, segundo as melhores auctoridades, direito a ser pintado com cornos e rabo.

N'estas condições de cultura intellectual sob o constante terror da Inquisição, sendo a carne o peccado, e o amor um crime, inspirando-se no desprezo e no odio do corpo, ao mesmo tempo que no incoherente receio de sentir na alma, após a morte, a dôr physica da queimadura infernal, opprimido, espionado, mechanizado, que povo viveria por seculos assim, sem que para sempre enfermasse da perversão nervosa que leva á loucura e ao crime, ou sem que os cerebros se cretinisassem no espasmo da ideia fixa,

segundo a natureza do temperamento peculiar da raça!?

Como o temperamento sanguíneo-bilioso do peninsular, (ardido sangue de berberes mal temperado pelos restos da veia germanica) se desequilibrou n'essa calliginosa atmosphaera inquisitorial e resfolgou pela America em actos de criminosa ferocidade, sabemos-o nós e sente-o ainda hoje a malfadada Hespanha.

Tal era o meio social, em que a arte em Hespanha se desenvolveu, explicando-se por elle o character severo e devoto do estylo da pintura castelhana.

Quasi de subito, porém, sabindo d'este mesmo estado mental, se produziu em Hespanha um phenomeno, que, na minha opinião, só muito fracamente se poderia prever pelos anteriores trabalhos da arte a qual parecia ir esterilizando-se n'um frio classissimo de preceitos theoricos e de praticas prestabelecidas. Esse phenomeno foi a criação de duas escolas distinctas, a de Madrid e a de Sevilha, pelas affirmações consciences e superiores de Velasquez e de Murillo.

Que causas determinaram este phenomeno? Sob que influencias e em que meio se produziu?!



Urenha se

Salgado

Escola de Sevilha

II

Quem não viu Sevilha não viu maravilha, dizia-se no seculo xvii.

Realmente nos fins do seculo xvi e principios do seguinte, Sevilha por sua encantadora situação e admiravel clima, pelos esplendores da sua cathedral e dos seus palacios, pelas suas sumptuosas ruas e praças, por suas familias fidalgas e pelo seu commercio universal, pelos seus grandes homens e por suas formosissimas mulheres, merecia bem ser considerada «a gloria dos dominios hespanhoes.»¹

A declinante estrella da casa d'Austria ainda se lhe não tinha tornado funesta, nem os pavilhões da Inglaterra e das Provincias Unidas, tinham arrancado ainda das garras dos leões da Hespanha a soberania do oceano. Navios de alto bordo subiam o Guadalquivir e vinham descarregar ricas mercadorias

¹ Alonso Morgado: Historia de Sevilla, folio, Sevilla, 1587.

junto da torre de Oiro, e numerosos mercadores se encontravam sob as arcadas do banqueiro Herrera.

A Sevilha vinha frequentemente o poeta Gongora, conego de Cordova, cujo espirito gentil, casquilho e garrido, tanto se revolveu no estreito meio convencional do seu tempo, que por fim se apresentou enredado no estylo de conceitos e trocadilhos, a lembrarem uma intrincada meitada incomprehensivel e enfadonha de dobar, mas donde, na verdade, se podem tirar fios d'oiro do melhor quilate, quando a obra é do superior engenho do creador de tal estylo.

O estylo gongorico é deploravel, mas é a consequencia naturalissima e curiosa d'um espirito fino e original, que não tinha a consciencia, — nem que a tivesse triumpharia, — do seu valor, nem a coragem de romper com o meio que lhe impedia a alegre e vivissima expansão.

Como não seria a Sevilha de então um recurso, um referigero, um logar de delicias para Luiz de Gongora, que, ali, na casa do pintor Francisco Pacheco, encontrava um cenaculo permanente de artistas e litteratos, discutindo as novidades do dia, as ultimas producções das officinas, os recentes livros sahidos da typographia de Gamarra e Vejerano, e que no palacio do duque d'Alcalá, Fernando de Ribera, o senhor d'essa casa, cujas qualidades tradicionaes de fidalga bizzarria e extermado valor eram hereditarias, podia concorrer com a melhor

sociedade da cidade, que em palestras litterarias se reunia nos sumptuosos salões e nos encantados jardins, entre primores da arte nacional e estrangeira.

O duque, que era pintor de talento, homem de letras, estadista e guerreiro distincto, empregou em ornar este palacio os melhores artistas da Andaluzia, e exercia, em proveito das artes, a sua grande influencia, ajudando pintores, esculptores e poetas com o seu prestigio e com o seu dinheiro.

No atmospheria de Sevilha, ao mesmo tempo do commercio, da elegancia e de erudição, respirava-se relativamente mais liberdade de pensamento do que nas outras terras de Hespanha. E, se a igreja era ainda o centro da cultura intellectual e regia as leis do gosto, o seu espirito, vibrava do fremito da vida alegre e trabalhadora, que em volta da sumptuosa cathedral se vivia.

O poeta Francisco Riojas e o litterato Pacheco, o velho, eram conegos da Sé, e o presbytero Rodrigo Caro, que escreveu a historia de Sevilha e d'Utrera, era bibliothecario da riquissima livraria que ao Capitulo doara o filho de Colombo.

Nas vastas salas do collegio dos jesuitas, preleccionavam e, em riquissimos altares, que o pincel de Herrera e o cinzel de Montañes haviam opulentado, officiam Gaspar Zamora, o erudito, e Martins Roa, o chronista de Cordova.

Meio excellente, na verdade, era, e unico em Hespanha, para n'elle se retemperar o genio da pintu-

ra, a arte que sómente podera coexistir com a Inquisição. E foi n'esse meio que se formou o espirito de Velasquez e de Murillo, entre os quaes apparece Zurbaran, tambem educado em Sevilha, dando a nota dramatica do mysticismo hespanhol.

Se Zurbaran fosse seguido, ter-se-hia formado com elle em Hespanhá uma escola que procurasse na pintura o interesse dramatico como os belonhezes, sequazes de Caravaggio; mas mais espirituaalista de certo, do que a d'este foi.

Teria sido talvez essa a difinitiva escola de pintura castelhana, se o genio de Murillo não tivesse comprehendido o ideal mystico na santificação da carne pelo extasi sensual do amor divino, e se Velasquez não tivesse apparecido em condições extraordinarias de equilibrio de faculdades.

Se Velasquez, pintor de retratos, reproduz, com toda a verdade naturalista, nas feições e nos gestos das suas figuras o drama intimo, em que se convulcionavam os espiritos dos homens do seu tempo, Zurbaran, pintor de santos, interpreta o drama da beatificação, como a theologia hespanhola o explicava e como um hespanhol o podia e pode ainda comprehender sómente — a lucta, o tormento, o aniquilamento do corpo pela ideia do ceu.

O apparecimento de Velasquez vindo do mesmo movimento naturalista, de que sahiram Murillo, Zurbaran e Alonso Cano, é, comtudo, um extranho

phenomeno dado na arte hespanhola, porque apesar do meio de Sevilha ser excellente e propicio, seria difficil ás forças physiologicas da raça castelhana, affectada da preversão nervosa, originada pelo terror e pelo ascetismo, produzir uma organização tão perfeitamente equilibrada.

Velasquez, porém, era filho d'um portuguez e de um portuguez de melhor sangue e da casta preponderante; provinha portanto d'uma raça que se formara n'uma atmosphaera de liberdade e que, de mais se affirmara já historicamente, tornando-se a primeira nação da terra no principio d'aquelle seculo.

Ninguem poderá negar á nobreza de Portugal do tempo de D. Manuel e de D. João III o alto valor intellectual e as distinctas virtudes civicas, que produziram os heroes da India e os sabios navegadores, qualidades essas que não apparecem senão quando a sociedade attinge o pleno e natural desenvolvimento das suas forças.

O pae de Diogo Rodrigues da Silva y Velasquez era João Rodrigues da Silva, da illustre casa dos Silvas de Portugal, do Porto, que filho segundo e sem fortuna passara á Hespanha e se fixara em Sevilha, onde casara com Jeronyma Velasquez.¹ O grande

¹ Palomino, tomo III, pag. 476. — *Crazada Villaamil. Informaciones de las calidades de Diego de Silva Velasquez, aposentador de palacio y ajuda de camara de S. M. para el habito que pretende de la Orden de Señor Santiago.*

pintor, nasceu em 1599, desenove annos depois da annexação de Portugal á corôa castelhana.

Seria trabalho curioso e, decerto util e patriótico empreendimento, estudar a influencia que nas artes e nas letras castelhanas exerceu a annexação de Portugal.

Talvez a ella fosse devido o estranho facto de coincidir o maior esplendor litterario e artistico da Hespanha com a época da miseravel decadencia politica. Portugal era uma nação enfraquecida, sim, pela grande perda de Alcacer-Quibir, explorada no seu abatimento pelos jesuitas, minada pelo desanimo e esgotada de homens pelo grande trabalho colonial e pela preseguição dos judeus e dos christãos novos, mas era uma grande raça, fortemente constituida, um espirito equilibrado e cheio dos ideaes positivos d'um povo de navegadores e commerciantes.

E durante o dominio castelhano a litteratura portugueza continuou a existir, senão, tão puramente correcta, como a do seculo anterior, pelo menos bastante brilhante para nada invejar ás litteraturas de Italia e de França, suas contemporaneas.

Quando Filippe II entrou em Portugal, acabava de morrer Camões e ainda exerciciam elevados cargos do estado e da magistratura muitos litteratos da pleiade esplendida da côrte de D. João III. Depois, a corte transferiu-se a Madrid, e, naturalmente, a capital das Hespanhas tornou-se o centro da cultura intellectual de toda a Peninsula. Mas muitos dos melhores vér-

sos e livros em castelhano da época dos Filippes foram escriptos por portuguezes. O poeta Quevedo, auctor do poema *Affonso Africano*, era portuguez e em castelhano poetou, como poetou em portuguez; D. Francisco Manuel, o auctor da *Carta de Guia de Casados* e das *Epanaphoras*, se é considerado um elegante escriptor da nossa lingua, igualmente o é da castelhana pela sua *Historia da guerra da Catalunha*; em castelhano escreveu, além d'outros, Faria e Souza, o erudito, e, anterior a todos estes, o poeta Jorge de Montemayor, ou Montemor, o famoso auctor da *Diana*. Frei Luiz de Granada, que disputa primazias de primeiro classico castelhano a Fr. Luiz de Leon, por largos annos viveu em Portugal em intimo convivio com as lettras portuguezas, e tão profundo foi o estudo que elle fez da nossa lingua que escreveu um tratado de doutrina christã em linguagem portugueza de tanto primor e simplicidade que Frei Luiz de Souza se lhe não avantajou na *Historia da ordem de S. Domingos*, feita sobre os apontamentos deixados por Luiz de Granada nos archivos de Bemfica.

A litteratura portugueza, uma das mais brilhantes da época, tornados Portugal e Castella uma só nação e realizada a união quasi pelo concurso unanime das classes dirigentes de Portugal, quasi sem luctas portanto e sem antagonismos immediatos, não podia deixar de influir no gosto e na orientação litteraria da sociedade culta da Peninsula.

Foi uma verdadeira hegemonia espiritual, a que exercemos na litteratura castelhana.

De igual modo se devia dar nas familias castelhanas, em que o sangue portuguez predominasse, um equilibrio mais estavel das suas faculdades e temperamento.

A união iberica, porém, se fosse definitiva, teria pela mesma lei physiologica consequencias fataes para a excellente raça portugueza, cujo sangue sadio se perderia, ao cabo de algumas gerações, na grande onda do sangue castelhano, como uma pequena gota d'agua clara n'um oceano revolto. O perigo da união iberica está principalmente na fatalidade d'essa lei, pela qual não salvariamos a Hespanha e nos perderiamos para sempre a nós.

No genio de Velasquez se póde observar essa dupla influencia, a do sangue portuguez, que lhe deu a tenacidade e equilibrio das faculdades do estudo e do criterio justo, e a da nossa orientação litteraria que originou o espirito artistico da cõrte de Philippe IV em cujo centro se fixou definitivamente a sua indole, creando-se a escola de Madrid.

É curioso seguir em Palomino e em Pacheco os successivos e methodicos esforços de Velasquez, e vêr como o seu bom senso, ao serviço d'uma vocação natural de primeira ordem, se foi appropriando de todos os elementos necessarios para a affirmacão consciente d'um grande artista, e, como o seu justissimo criterio marcou o estadio, donde partiu o ge-

nio de Murillo, e em que se fundou a escola de Sevilha.

Diogo da Silva Velasquez principiou recebendo a melhor educação de humanidades, que em Sevilha se podia obter, — e esta era relativamente a melhor e mais livre em toda a Hespanha; mas uma vocação provada o levou a entrar como aprendiz de pintor em casa de Francisco Herrera, artista de talento e cuja excentricidade do character e originalidade se revela em todos os quadros que pintou.

O processo do pintor Herrera devia ter produzido uma viva impressão no espirito claro de Velasquez e ser a base luminosa do methodo que adoptou para vir a formar o seu. Era Herrera um homem de genio tão arrebatado e de character tão sombrio, que impossivel se lhe tornava a convivencia com qualquer pessoa, a ponto de ter de utilizar os serviços d'uma velha creada para lhe preparar as tintas e o ajudar na officina, pois jámais conseguia ter um discipulo que o soffresse.

Um tal character creara-lhe uma aspera independencia de pensamento e espirito de contradicção a tudo quanto era convencional.

Começou Herrera por seguir na pintura o caminho exactamente opposto ao de Vargas e de Vellegas que punham o seu cuidado na perfeicção, no bem acabado, e na delicadeza das linhas dos seus quadros, qualidades que o publico tanto admirava e applaudia. Elle, ao contrario, esboçava as suas figuras a gran-

des traços de carvão, e servindo-se de enormes broxas de que ninguém se servira ainda para tal fim, pintava com tintas relativamente grosseiras, dando aos quadros um incomparavel vigor e produzindo extraordinarios effeitos. O publico surprehendido pelo vigor e expressão real das cabeças, pelo movimento e tons das roupagens que Herrera pintava, creou-lhe desde logo uma grande fama e os discipulos correram a aprender-lhe os preceitos. O mestre porém, era intratavel, batia-lhes, e despresava-os.

Velasquez foi d'esses discipulos o que primeiro o abandonou, para tomar por mestre a Francisco Pacheco que era como homem e como artista exactamente o contrario de Herrera.

Velasquez entrou na officina de Pacheco com o firme proposito de aprender tudo quanto este sabia; e Pacheco, pela sua parte dedicou-se-lhe inteiramente com a melhor vontade.

Pacheco visitara a Italia, onde fizera sérios estudos, e pertencendo a uma das mais nobres familias da Paninsula, illustrissima nas armas e nas letras, sobrinho de Francisco Pacheco, o velho, que era conego da Cathedral e o primeiro litterato da cidade, bibliophilo, poeta e erudito de mão cheia, naturalmente encontrou, de volta a Sevilha, uma anciosa e benevola expectativa dos seus annunciados talentos, que para logo a sua illustração litteraria favoreceu, e a influencia e o prestigio dos seus parentes

e amigos confirmaram n'uma grande reputação de que gosou.

Pacheco que dizia imitar a Raphael, valia mui pouco como pintor, e os seus quadros não fazem lembrar em cousa alguma os do pintor d'Urbiño. O seu desenho é na verdade correcto, mas as suas composições são frias, sem espirito, vulgares. Comtudo ha nos trabalhos de Pacheco uma certa elegancia. Já era alguma cousa; e depois, a illustração do espirito do escriptor e o brilho da posição social encobriam a vulgaridade do pintor. O seu discipulo, porém, depressa descobriu que deixara Herrera, pintor que só procurava produzir praticamente grandes effeitos, por um homem de regras e de preceitos, e que, se este conhecia profundamente os processos artisticos de Cos e Ephasso, de Florença e Roma, aquelle sabia muito melhor reproduzir na tela as figuras humanas como ellas são e se movem n'este mundo.

N'um espirito essencialmente artistico, decerto, a maneira de Herrera devia fazer uma grande impressão; mas, igualmente, um espirito equilibrado e sensato não podia deixar de comprehender a necessidade de saber a theoria dos processos de pintar ao mesmo tempo que necessario é conhecer essencialmente o objecto que se pretende representar.

Parece ser Velasquez o primeiro pintor que fez consistir a arte na representação exacta da natureza. Foi elle o primeiro pintor naturalista, porque an-

tes d'elle, Herrera, era um imprecionista apenas, e não um artista completo. Concebendo a arte por esta fórma procurou na natureza o seu modelo, não só do desenho, mas também da côr.

Tomou para aprendiz, diz Pacheco na sua *Arte da Pintura*, o primeiro garoto que passou, e este servia-lhe de modelo para *estudos* em diferentes movimentos e posições, ora rindo, ora chorando, até ter vencido a dificuldade de expressão. E de cada modelo executava uma infinita variedade de cabeças a carvão e a alvaiada, até ter adquirido certeza em reproduzir com exactidão. Assim conseguiu Velasquez uma perfeição inexcedível em pintar cabeças.

Pelo mesmo paciente e laborioso methodo adquiriu uma extraordinaria facilidade e um grande brilhantismo de colorido, entregando-se a largo e aprofundado estudo dos animaes e da vida, pintando toda a especie d'objectos ricos em tons e cores e de fórma simples, como bandejas de prata, jarros de metal e de barro, utensilios domesticos, peixes, passaros e fructos de que em extrema variedade os bosques e os rios, que cercam Sevilha, abastecem os mercados. Dizem que esses cartões de cada dia rivalisavam com os dos melhores pinceis flamengos.

O proximo estadio que Velasquez fez nos progressos da sua instrucção foi o estudo de assumptos tirados da vida de commum. E que vida cheia de pitoresco e de variedade não haveria por essas bran-

cas ruas da povoação d'Andaluzia, cheias de sol e de ruído !?

Palomino cita muitos trabalhos d'este genero, e eu vi ha annos uma photographia dos *Aguadeiros de Sevilha*, quadro que creio ser possuido pela familia do general Wellington, a quem Fernando VII o offereceu. Mas que é uma photographia ?! Se o desenho pode dar a expressão, só a côr dá a vida !

O muzeu não possui quadro algum de Velasquez d'esta época.

Começa-se então a pintar scenas da vida commum, e abandonar-se o severo estylo, asceticamente rigido da pintura religiosa. Os pintores da Hollanda não eram decerto mais perfeitos. A attenção geral despertada por este novo estylo, tão cheio de vida, de correccção e de côr, é solicitada pelos trabalhos das outras escolas estrangeiras; Velasquez procura completar-se pelo estudo das obras dos mestres, estrangeiros e nacionaes, e a influencia do illustre Ribera não deixa de se fazer sentir.

Estava feita a revolução artistica; a natureza era a escola; os modelos, mesmo de santos, eram os homens e as mulheres que viviam no seio da vida commum.

A arte hespanhola achara tambem o corpo humano, o eterno modelo da arte humana. Achara-o, porém, por modo differente d'aquelle por que o tinha

reencontrado a renascença italiana. Não era a forma escultural e perfeita do marmore da estatua grega, nem a correcta musculatura triumphante do gladiador romano; era o corpo em que o excesso do fluido nervoso da vida espiritual tinha secado a amplitude do tecido muscular nos homens, e a que a inacção e a molura perfumada dos costumes arabes havia creado nas mulheres o arredondado das fórmas e essa languida flacidez d'uma flôr de petalas carnosas levemente assombradas pelo moreno dou-rado, que os beijos do sol peninsular espalham, como uma sombra de pudor, nos rostos das mulheres andaluzas.

A liberdade relativa que em Sevilha se gosava, a influencia indirecta dos costumes da côrte elegante de Filippe IV, e a admiração pelos venezianos, de que os palacios e egrejas hespanholas estavam cheios, haviam libertado emfim os espiritos do frio e rígido ascetismo.

D'este movimento sahe Murillo, pintando scenas de rua, cheias de verdade e côr; e, quando pintor religioso, não deixa tão pouco de buscar sinceramente o modelo na natureza. Mas organização menos equilibrada, que a de Velasquez, na fatalidade do seu temperamento meridional, arrebatase, apaixonase e entra em adoração por essas bellas fórmas de santas, que pinta, santas que são deliciosas mulheres, cujos corpos, ricos de seiva, de perfeitas e delicadas andaluzas, estremecem em voluptuosi-

dades desconhecidas, em palpitações bruscas, em perturbações fugitivas e vehementes, em fremitos nervosos, enquanto o incendio interior d'essas almas voluptuosas, absorvidas n'um delirio d'amor, lhes arde no seio, empregnando-lhes d'um habito de fogo as carnes illuminadas pela intensidade da propria vida.

Com Murillo creou-se a escola de Sevilha. N'elle se harmonisa e condensa todo o caracter da arte andaluza, que, a meu ver, consiste n'um sensualismo tão refinado que frisa pela idealidade. Os trez estylos successivos de Murillo,— o *frio*, o *callido*, e o *vaporoso* — revelam completamente esse caracter, manifestado no esforço, talvez inconsciente, d'um genio que procura dar a nota mais alta da sua intima vibração.

Velasquez, d'uma raça mais fria e mais equilibrada, não tinha o arrebatamento apaixonado de Murillo, puro sangue andaluz, e, por isso, quando pintor de scenas religiosas, as suas santas e as suas virgens não passam de simples mortaes, figuras cheias de verdadeira naturalidade, como se vive n'esta vida.

Inquestionavelmente no espirito de Velasquez não houve o menor desvairamento mystico; era um verdadeiro e completo realista. Os acontecimentos da sua vida favoreceram perfeitamente o desenvolvimento do seu genio no sentido da sua verdadeira vocação e conforme ao gosto do seu espirito culto e aristocratico.

Casado com a filha do pintor Pacheco, veio a Madrid, onde a posição e as relações de família de sua mulher lhe grangearam desde logo a protecção de Juan da Fonseca, grande fidalgo da côrte de Philippe IV, e pouco depois a do omnipotente ministro conde-duque d'Olivares e, para logo, a do proprio rei.

Foi no meio d'essa côrte brilhante, como nenhuma outra d'essa epocha o era, que o genio de Velasquez se affirmou em toda a sua plenitude e que a famosa escola de Madrid se creou.



Escola de Madrid

III

Velasquez, depois de ter adquirido todos os conhecimentos litterarios e artisticos em que Sevilha se podiam obter, emprehendeu em 1622 uma viagem a Madrid com o intuito de completar o seu estylo pelo estudo dos grandes mestres, tanto nacionaes como estrangeiros, de cujas obras primas as galerias reaes estavam cheias.

Madrid d'essa epocha era na opinão de todo o bom hespanhol, *Noble teatro de los mayores ingenios del orbe* ¹. Depois d'alguns mezes de estudo, passados no Pardo e no Escorial, voltou a Sevilha levando consigo o retrato do poeta Luiz de Gongora, talvez o quadro que no muzeu do Prado tem o numero 1085. Este busto do Pindaro da Andaluzia — o seu negro traje clerical, gravemente abotoado; o ar rigido e ascetico — lembra hoje mais o busto d'um inquisidor fanatico, de que o do ele-

¹ Palomino, tomo 3.º, pag. 483.

gante escriptor de conceitos alambicados, que Gongora foi.

Pouco tempo depois da sua volta a Sevilha foi Velasquez chamado para Madrid por D. Juan de Fonseca; e pela influencia e relações d'este entrou ao serviço do rei Filippe IV, como pintor da côrte.

Filippe IV tinha então desenove annos, e entrava no terceiro anno do seu reinado, d'esse reinado, cuja historia de quarenta e quatro annos é a affirmação mais vergonhosa do mau governo no interior, da oppressão, rapacidade, revolta nas provincias e nas colonias, da declinação do commercio e das sangrentas guerras desastrosas, terminadas sem gloria pela paz dos Pyrineus.

Os Filippes que succederam a Carlos V, dizem alguns escriptores, haviam herdado d'este monarcha a ambição enorme, mas a fatalidade da degeneração da sua raça foralhes gradualmente, de geração em geração, negando o talento e a habilidade politica do poderoso imperador. E assim explicam a decadencia successiva e rapida da monarchia hespanhola.

Viardot, nos seus estudos sobre os muzeus de Madrid, faz notar a degradação das fórmas que elle diz observar nos retratos dos reis da casa d'Austria, desde a magestosa e intelligente physionomia de Carlos V, até ás estupidas e repugnantes feições de Carlos II.

Não foi, porém, o talento que faltou aos trez successores de Carlos V, aos trez Filippes, sob cujos

reinados se enfraqueceu o poder da mais brilhante corôa do mundo; nem tão pouco foi a fatalidade da doença hereditaria da casa d'Austria que originou essencialmente essa decadencia da monarchia hespanhola. Deve-se antes procurar na maneira por que foi constituida a nação as causas pathologicas da dissolução politica da Hespanha !

Entregue a si mesmo a Hespanha tornou-se o que teria sido mais cedo, logo após a sua constituição feita, militarmente por Fernando e Isabel e, espiritualmente, pelo cardeal Ximenez e pela Inquisição, se o descobrimento da America e a energia de Carlos V não a tivessem galvanizado por algum tempo ainda.

Entretanto á casa d'Austria deve a Hespanha a sua influencia na historia politica da Europa.

Ainda durante os reinados dos primeiros quatro monarchas da raça austriaca, os reis são superiores ao meio corrupto da nobreza castelhana, em energia e em altas ambições politicas.

Talvez, se o espirito da Reforma tivesse penetrado na Peninsula, a alma castelhana, a esse ar de liberdade e de discussão, se tivesse retemperado, e as suas faculdades tivessem, enfim, entrado n'um equilibrio mais estavel. Mas o catholicismo romano firmara-se para a reacção sobre a desgraçada Hespanha. A politica papal pensou que explorando as ambiciosas vistas de Carlos V, encontraria, na mais poderosa corôa do mundo, a força temporal necessaria

para reduzir á obediencia reis e povos scismaticos.

As circumstancias de nascimento haviam dado ao imperador uma influencia preponderante na Europa, e seria quasi inevitavel que essa preponderancia se não tornasse completa e absoluta.

Porque não dividiram o papa e Carlos V, entre si, o mundo, — para um o poder temporal, para o outro o espirital? Pela historia do grande imperador passa muitas vezes essa luminosa visão, doirado sonho de toda a sua vida, scopo ambicionado de toda a sua politica.

Mas já a Hespanha ia, pelo seu fanatismo religioso, perdendo toda a energia e toda a consistencia de caracter necessarios para que um povo realise uma missão historica e se sacrifique por um principio alevantado e humano.

E depois Carlos V, um estrangeiro, servira-se das energias da raça castelhana para um trabalho politico que não correspondia nem a um sentimento, nem a uma necessidade da alma nacional e, bem depressa, portanto, a força nervosa d'esse povo se esgotou e o corpo da nação cabiu na apathia physica, e na desorganisação moral, que seguem os grandes esforços de vida, estremecendo de tempo a tempo em convulsões sem consequencia.

É certo que o imperador era mais flamengo, de que allemão ou castelhano, as duas qualidades porque poderia ter-se identificado com o genio da raça

hespanhola, proxima ou remotamente, mas ninguem lhe contesta a superioridade.

A obra de Carlos V falhara talvez, e, contudo, quando o grande imperador procurava nos claustros do Justo a paz e a tranquillidade, ainda não se havia separado completamente das cousas mundanas, e, em quanto celebrava os seus proprios funeraes, esperava ansiosamente pelos despachos de Vienna e de Bruxellas. Do que elle, porém, descrera realmente fôra da Hespanha.

A Hespanha fôra a arma que Roma temperára no mais feroz fanatismo para lhe servir nas grandes batalhas que ia dar ao mundo; mas embotou-se-lhe nas mãos aos primeiros golpes vibrados, e por fim foi a França, vacillante entre o papa e Calvino, que, por interesse da gloria propria, salvou o catholicismo da ruina inevitavel.

Carlos V não poderia nunca aceitar nem servir a Reforma; e, contudo, Luthero e Malencthon contaram com elle por muito tempo ainda, apesar de o imperador ter exclamado, quando em Worms se avistou, pela primeira e unica vez, com Luthero: — «Este homem nunca fará de mim um heretico!»

Não podiam crer os reformadores que o joven imperador germanico se opporia aos desejos e ás aspirações do povo allemão, e, julgando-o sob a influencia de perfidos adversarios, appellavam para seu bom senso natural e amor pela justiça. Desilludiram-se a final, porque o imperador era um catholico fer-

vente, educado na fé por Adriano d'Utrecht, educação que a severa religiosidade hespanhola completara, de sorte que, apesar de elle ter como todos os principes da epoca os seus resentimentos contra o Papa e do cardeal Ximenez, o grande ministro de Isabel e ainda seu, ter representado contra as indulgencias tão firmemente como Luthero, nas ultimas sessões de concilios de Trento, tudo se havia harmonisado, não tendo de certo entrado nunca no pensamento, nem do imperador, nem de Ximenez quebrar a unidade da Egreja.

A Reforma, revolução e philosophia incompletas, occasionara entretanto um movimento politico, em que o fino espirito da intriga e a bizarra galhardia d'uma espada valiam mais de que a força bruta das gandes massas fanatisadas e a fé cega d'um mysticismo ardente.

O erro da politica romana, fanatisando a Hespanha e impedindo assim a livre constituição social d'um povo, perdeu para sempre a nação sem d'isso tirar uma grande utilidade pratica. A casa d'Austria fanatica e crente valeu-lhe de menos que a casa de França espirituosa, philosophica e politica.

Nos combates d'essa ordem vale mais uma espada forjada ao fogo da liberdade e temperada na corrente crystalina da vida, de que o alfange moldado ao fogo do inferno e temperado nas aguas mortas da lagôa Stygia. É a differença que vae de Henrique IV a Philippe II.

A decadencia era fatal e inevitavel, e n'ella foi arrastada a casa d'Austria.

Filippe II fôra sagaz e habil politico e ainda engrandecera, no sentido mais proficuo e natural, a sua vasta monarchia, unindo-lhe os immensos dominios por luguezes.

Mas, porque a obra de unidade catholico-politica, começada por Fernando e Isabel, era levada a cabo por violencia de tal forma contraria aos interesses dos povos e á indole das differentes raças que se pretendia amalgamar, antes de concluida, já a dissolução se manifestára e, quando apos o curto reinado de Filippe III, Filippe IV, um homem de consideravel talento, sobe ao throno, encontra a administração do seu vasto imperio presa do abuso e da mais profunda venalidade.

Dos talentos de Filippe IV diz Rubens n'uma das suas cartas :

« Bem dotado de corpo e de espirito, este principe fôra certamente capaz de governar tanto na boa como na má fortuna, assim elle tivesse obrado na realidade mais por si mesmo, deixando menos poder aos seus ministros; mas agora paga elle pela sua boa fé as loucuras dos outros e é victima d'uma malquerença para a qual não concorrera.» ¹

¹ Gachet : Lettres de Rubens, Bruxelles, 1846, pag. 226. Traducção do original flamengo.

Referia-se Rubens a inimizade pessoal entre Buckingham e Olivarez.

O vicio não vinha só d'uma oligarchia corrupta de fidalgos ; era essencial a toda a raça castelhana, que perdera a noção de moralidade e toda a aspiração superior.

Querem alguns ver na doença de melancholia, que feriu os reis da casa d'Austria, a herança legada por Joanna, a louca, mãe de Carlos V. Sem querer contestar a hereditariedade d'essa doença, manifesta-se ella, ainda assim, em Carlos V e nos seus descendentes por maneira differente d'aquella porque se manifestára na rainha Joanna. Parece-me que o meio castelhano, tragico e sombrio, favoreceu o desenvolvimento d'essa doença, pois que nos outros descendentes da mesma rainha, que viveram e reinaram fóra de Hespanha, não se decláraram jámais os symptomas terriveis do veneno subtil da melancholia, que infiltrado, nas veias de Filippes e de Carlos II, fez dos mais poderosos monarchas os mais infelizes dos homens.

Não seria essa enfermidade resultado do trabalho physiologico da adaptação d'uma casta a um meio atrophiante das suas mais vivas e caracteristicas qualidades ?

Nos retratos d'esses monarchas pôde-se observar, não a degradação das formas notada por Viardot, mas a expressão d'uma lucta intima, que vae decrescendo de intensidade até parar na fria phisio-

nomia marmorea e immobilizada de Filippe IV. Só em Carlos II, retratado por Miranda, é que se afirma a decadencia da dynastia de Carlos V, esgotada de forças e vencida emfim. Mas, se a essa dynastia deveu a Hespanha a sua afirmação na historia politica da Europa, deve-lhe tambem a sua gloria artistica.

Estava-se em pleno seculo xvii.

Tudo quanto era aristocratico se concentrara em volta do rei; os nobres rivalisavam do luxo e de prodiga grandeza.

A Filippe IV, como protector da litteratura e da arte, nenhum principe contemporaneo se lhe avantejou em saber e munificencia. Durante o seu reinado o theatro castelhana chegou ao auge do seu esplendor; não se poupavam despezas para levar á scena as peças do velho Lope de Vega, ou do classico Calderon; e esplendidos eram os saraus dramaticos e muzicaes do Buen Retiro.

No paço vivia-se n'uma atmosphaera de lettras e de sciencias; Luiz de Gongora era um dos capellães de el-rei; Velez de Guevara era camarista; o poeta Quebedo foi secretario real até que uma das suas allusões satyricas excitou contra elle o resentimento do implacavel conde-duque; Bartholomeu Argensola era o chronista de Aragão; Antonio de Solis era ministro de estado; e a Cruz de Santiago premiara os meritos litterarios de Calderon e do poeta Francisco de Riojas.

Não era Filippe IV um simples amador e protector das letras e das artes. O rei escrevia com elegancia em linguagem correcta e de tanto primor classico, que nenhum escriptor de então o excedia na pureza do estylo. Muitos volumes das suas traducções do italiano, e diversos trabalhos seus, dizia Casiano Pellicer existirem na real bibliotheca de Madrid. Um critico contemporaneo (Sallas) que commentou as obras de Gongora, considera Filippe IV como um dos melhores muzicos e poetas da epoca. Não sómente el-rei compunha peças dramaticas que eram representadas nos saraus da cõrte, (a sua tragedia do favorito inglez Essex ainda se conta no repertorio do theatro classico hespanhol), mas tambem entrava na representação das *comedias de repente* com outros *ingenios de la corte*. Sob o pseudonimo d'um *Ingenio de esta corte* escreveu Filippe IV além de *La tragedia mas lastimosa*, *El Conde de Sex*, uma comedia com o titulo de *Dar la vida por su dama*, e ainda outras.

Como pintor deu Filippe IV evidentes provas de talento. Aprendera o desenho, como seu pae e seu avô, e, sob a direcção do frade dominicano Juan Bautista Mayano tornara-se o melhor artista da casa d'Austria. Pacheco, Carducho, Palomino e outros chronistas do seu tempo, citam-lhe os quadros.

¹ Ochoa : Tesoro del Teatro Español, 5.º vol. 8.º, Paris, 1838, tomo 5.º pag. 98.

Durante uma viagem pela Andaluzia na primavera de 1624, apesar das grandes caçadas e das esplendidas festas com que as cidades o recebiam, tinha el-rei cuidado em explorar com artistico empenho as bellas egrejas, os conventos celebres e as ruinas dos palacios mouriscos, por onde passava. Em Sevilha perdoou a Herrera o crime de ter feito moeda falsa, em consideração d'um Santo Hermenigildo pintado por elle.

Quando Rubens veio a Hespanha, como enviado da infanta-archiduzia, foi recebido na corte com tão grandes honras, que maiores não se haviam já-mais feito a fidalgo burgonhão do melhor sangue e mais clara estirpe, sendo mandado em seguida por el-rei á Inglaterra em missão diplomatica.

Adquirir obras d'arte era o primeiro cuidado de Felippe IV. Se já eram ricas as galerias de Felippe II, foi-lhes duplicado o valor por outros tantos quadros dos melhores auctores. Os vice-reis e os embaixadores recebiam ordens apertadas para comprarem por todo o preço e enviarem a Madrid as obras dos melhores auctores, que podessem obter. O oiro do Mexico e do Perú era trocado pelos thesouros artisticos da Italia e de Flandres, e ninguem podia competir, portanto, como collecionador de quadros e de estatuas, com o monarcha castelhana.

D'um convento de Palermo, Santa Maria *del Spasimo*, obteve o rei, a troco d'uma pensão annual 4 :000 ducados, um quadro de Raphael, o que

é conhecido pelo nome de *El Pasmó de Sicilia*, que no muzeu tem o n.º 366. O quadro n.º 369, a *Sacra Família de Raphael*, e que é conhecido pelo nome de *Perola*, denominação delicadamente achada para caracterisar o mais bem acabado trabalho de Raphael, que n'este muzeu se encontra, e talvez o melhor de todos os quadros do grande mestre, pertenceu á galeria de Whitehall e foi comprado para el-rei pelo seu embaixador em Inglaterra por 2:000 libras, quando Crammwell desbaratou a galeria que Carlos I se dedicara a organisar.

Vieram para Madrid n'essa época muitos quadros dos mais celebres pintores venezianos, entre os quaes sobresaê a todos o n.º 527, *Venus e Adonis*, de Paulo Veronez, e que representa Adonis dormindo no regaço de Venus, quadro que me parece rivalisar empoder e graça voluptuosa com outro que tem o n.º 455, representando igualmente Adonis e Venus, que Ticiano pintara expressamente para Felipe II.

Não só esplendidas composições do Demenichino, virgens do Guido e de Guercino, nymphas do Albano, classicas paizagens de Poussin, formosas marinhas do Salvator Rosa, mas ainda trabalhos de Rubens, Vandyck, Jordaens, Snyders, Crayer, Teniers e d'outros pintores que n'essa época floresciam em Flandres, opulentavam o immenso thesouro artistico de Filippe IV.

Os grandes e os nobres, conhecendo a predilecção do rei pelas bellas-artes, frequentemente procura-

vam lisongeal-o e provar-lhe a sua lealdade apresentando-o com quadros e estatuas. D'esta sorte, por exemplo, o duque de Medina de las Torres, de quem Victor Hugo disse no *Ruy Blas* — ¹

Medina, fou d'amour, emplit Naples d'esclandres,

offereceu ao seu real amo quadros de Ticiano e de Paulo Veronez. D. Luiz Haro, que succedeu ao conde duque na confiança d'el-rei, deu o *Descanso na fuga para o Egypto* (n.º 472) de Ticiano e ainda outro quadro de Cambiaso.

Filippe IV estimava igualmente a escultura, e conta-se que sempre que passava pela rua d'Alcalá se detinha diante d'um S. Bruno executado por Pereyra, estatua que occupava um nicho sobre o portal da igreja.

Formara el-rei de estatuas antigas e de copias, em marmore, em bronze e em gesso, dos mais famosos trabalhos de escultura da Italia uma bella collecção. Muitos originaes foram comprados expressamente para o rei n'aquelle paiz, e outros trazidos para Hespanha pelo conde de Oñate, que em 1653 voltou do governo de Napoles.

Em verdade só a Roma de Leão X excedera em

¹ Eu não respondo por que no anno de 1695, época do drama *Ruy Blas*, Medina fosse ainda vice-rei de Napoles, mas era d'este Medina que Victor Hugo fallava.

esplendor de vida e de luxo a capital das Hespanhas, sob o reinado de Filippe IV.

Todas as grandes casas, que haviam dado vice-reis para o Peru e para o Mexico, eram celebres pelo seus sumptuosos e immensos serviços de prata e de oiro; e aquellas, cujos senhores tinham tido governos e embaixadas, opulentavam-se de pinturas e tapessarias; e algumas familias afortunadas havia, cuja copa era tão rica como esplendidas e brilhantes eram as suas galerias. O palacio do almirante de Castella era adornado com alguns quadros de Raphael, de Ticiano e de Correggio, antigas armaduras riquissimas e peregrinas esculpturas em marmore e em bronze. A casa do principe de Esquilache, Francisco de Borgia, um dos nove poetas que eram chamados as nove musas de Castella, tinha um grande salão celebre por suas pinturas.

Os dois favoritos do conde-duque, o conde de Monterey e o marquez de Legañes, aquelles de quem Ruy Blas diz —

Vaudemont vend Milan, Legañez perd les Flandres!

e tão famosos pelas suas concussões que mereceram o cognome de *dois ladrões*,¹ eram tambem eminentes colleccionadores. O conde possuia uma col-

¹ Guide-Relation de ce que c'est passé en Espagne à la disgrace du comte duc d'Olivarez, traduite de l'Italien, Paris, 1658, pag. 63.

lecção de esboços de Miguel Angelo, e uma Sacra familia de Raphael,¹ e o magnifico convento que edificou em Salamanca era um verdadeiro museu de bellas-artes. Carducho diz: «Que não faria o conde de Monterey para obter esses bellos quadros originaes?»²

A galeria particular de D. Juan de Espina era rica. Possuia este fidalgo dois volumes de esboços e manuscritos de Leonardo de Vinci³ e uma collecção de curiosissimos marfins. O duque d'Alba enriqueceu ainda mais a magnifica galeria que herdara do grande Alba com quadros escolhidos e comprados no destroço de Whitehall⁴. Os duques de Medina Celi e Medina de las Torres, os marquezes d'Alcalá, Almazan, Velada, Villanueva del Fresno, d'Alcaniças, os condes de Osorno, de Lemos, de Benavente e de Humanes, Jeronymo Fures e Muñoz, Jeronymo Villafuerte y Sapata, Suero Quiñones Porras, Rodrigo de Tapia e outros fidalgos, eram possuidores de opulentissimas galerias.

O duque d'Alcalá, de quem Lope de Vega diz no Laurel d'Apolo:

Principe, cuja fama esclarecida
Por virtudes e lettras será eterna, —

¹ Carducho, Dialogos, fl. 148.

² Card., Dial., fl. 159.

³ Card., Dial., 156.

⁴ Card., Dial., 156.

era embaixador de Filippe IV em Roma e seu vice-rei em Napoles, mas brilhava frequentemente na capital durante as suas visitas a el-rei. D. Juan da Fonseca y Figueiroa, irmão do marquez de Orellana, conego e chanceller de Sevilha, reposteiro mór do palacio real, e primeiro protector de Velasquez, era notavel artista amador, e pintou um bom retrato do poeta Francisco de Riojas. Dom Juan de Jauregui, cavalleiro de Calatrava e estribeiro mór da casa da rainha Izabel, era não só poeta de subido merito, como o provam as suas rimas originaes e traducçõs de Tasso, mas tambem pintor de retratos do valor e gosto, que de Cervantes pintou elle um retrato, de cujo merito o grande escriptor falla honrosamente no prologo das suas novellas. Era Jauregui igualmente gravador de habilidade; são d'elle as estampas que veem no livro do jesuita Luiz de Alcazar, «*Vistigatio arcani sensus in Apocalipsi*» — in-folio impresso em Antwerpia em 1619. Lope de Vega celebrou os quadros d'este illustre cortezão, e Pacheco, o sogro de Velasquez, contribuiu tambem para a collecção dos versos ecomiasticos, que lhe perfaciam as poesias, com um soneto laudatorio. D. Jeronymo Fures, cavalleiro de Sant'iago e «gentil-homem de la boca», era auctorizado juiz em questões de gosto e de arte; pintor allegorico de grande merecimento, go-sava Fures de creditos de excellente artista.

Poder-se-hia alongar consideravelmente a lista dos

fidalgos artistas e poetas, que formavam esea brilhantissima côrte de Madrid, do meio da qual se destacavam os vultos do rei, da rainha, dos infantes, irmãos d'el-rei, e o do famoso e infeliz ministro conde-duque d'Olivarez.

A formosissima princeza Izabel de Bourbon, Elizabeth de França, filha de Henrique IV, primeira mulber de Philippe, era a estrella da côrte e o assumpto mais querido do pincel de Velasquez. A rainha era piedosa e brilhante, e no livro de Florez, «Reynas Catholicas», encontra-se a narração d'uma solemnidade religiosa realisada no Alcazar, que nos dá uma idéa do gosto da rainha, cuja vida particular não foi extremamente notavel. Em junho de 1624, um francez impio e mau, dizem os chronistas castelhanos — eu diria doido — despedaçou a Hostia na igreja de S. Philippe. O francez foi, é claro, enforcado e queimado por tal crime em 14 do mesmo mez e anno, e em todas as igrejas solemnes officios se fizeram para aplacar a cclera celeste, offendida pelo impio insulto. No palacio do rei um grande cerimonia se celebrou tambem.

Para esta côrte ao mesmo tempo, fanatica, e artistica, uma festa religiosa tinha necessariamente todos os attractivos d'um certamen de rivalidades de vaidade e de riqueza. E assim cada uma das pessoas da côrte se encarregou de levantar e de decorar o seu altar, n'uma das galerias do palacio, que para tal effeito fôra destinada. O altar da rainha

excedeu a todos os outros em artistica magnificencia, não sendo de valor inferior a trez milhões e meio de coroas.

Os infantes de Hespanha, irmãos de Filippe IV, eram dignos e esplendidos satélites do rei. Ambos altamente instruidos, ambos artistas distinctissimos, revalisando em elegancia de vida e de bom gosto com os maiores principes de Roma, os Colonna e os Orsini.

D. Carlos, tão amado pelos hespanhoes por causa da sua côr morena e da belleza essencialmente meridional da sua phisionomia, era reputado homem de tamanha capacidade que os seus talentos, dizem,¹ despertaram o ciume e o despeito de Olivarez.

D. Fernando, o cardeal, o mais verdadeiro representante da casa d'Austria, depois de Carlos V, havia herdado dos seus maiores o gosto pelas artes, e, sob a direcção de Vicencio Carducho, tornara-se um habil pintor. Apesar de ter recebido ainda creança o chapéu de cardeal e a mitra archiepiscopal de Toledo, não se revestiu jámais de santas austeridades; antes foi sempre a alegria da côrte e a vida e alma dos divertimentos.

Na sua casa de campo da Zarzuella, perto de Madrid, poz D. Fernando em moda essas peças, hoje tão populares em Hespanha sob o nome de *zarzuellas*,

¹ Dulop — Memoires, vol. I, pag. 469.

nome que lhes vem da casa do cardeal, e que ali eram representadas, sob os seus auspícios, com grande riqueza e pompa de decoração.

Não se entregava elle, porém, sómente a uma elegante vida de prazeres; amava tambem os livros, e a sociedade litteraria; estudava a philosophia e a mathematica; e era versado em algumas linguas estrangeiras, diz Sallas na dedicatória, ao infante, das suas *Lecciones á las obras de Gongora*.

Sendo nomeado governador de Flandres, aos vinte e dois annos, passou D. Fernando nove annos da sua vida em conselhos, em negociações diplomaticas, ou em campanha; mas o vencedor do Nordlingen, ainda, entre tão sérias preoccupações e trabalhos, achava occasião para se fazer retratar por Rubens e Vandick, e alcançava vagares para cultivar com particular predilecção as artes e a sociedade dos artistas e dos litteratos.

O omnipotente ministro de Philippe IV, D. Gaspar de Gusman, conde de Olivarez, e duque de S. Lucar, era um verdadeiro Mecenas; era elle o heroe de mil dedicatorias encomiasticas de livros de prosadores e poetas; era elle o protector de Quebedo, de Gongora, de Argensolas, de Pacheco, e de muitos outros. Em sua casa vivia Lope de Vega, seu capellão, como já do velho duque d'Alba fôra capellão e hospede tambem.

A sua livraria era uma das mais ricas de raridades bibliographicas e de importantissimos manuscripts.

Nos primeiros tempos da sua carreira levava Olivarez uma vida de luxo e de excessiva elegancia. Valdory conta aneddotas da vida do conde-duque que provem o seu amor pelo luxo e pelas artes. E que se não diga que tal gosto era ostentado por elle só com o fim politico de agradar ao espirito do rei, pois ainda antes de ser ministro, quando simples alcaide de Alcazar de Sevilha, fizera n'este palacio mourisco muitas e importantissimas obras, e, depois de ter cabido na desgraça, os seus dois amigos mais fieis foram Murillo e Velasquez.

O palacio do Buen Retiro foi mandado fazer por Olivarez que o offereceu ao rei; e foi por ordem sua que Rubens pintou muitos dos quadros que opulentam a egreja conventual da aldeia Loeches.

As festas que Olivarez dava a el-rei tinham alguma cousa da grandeza dos espectaculos da antiga Roma. N'uma tourada, com que elle celebrou o nascimento do principe herdeiro, em 1634, fez entrar na arena da Plaza del Parque, um leão, um tigre, uma hiena e outros animaes ferozes, ou, como disse Quebedo na noticia poetica d'esse espectaculo «toda a arca de Noé, e todas as fabulas de Esopo», afim de combaterem juntos até uma das fêras ficar senhora da praça. E, ó gloria das Hespanhas! foi um toiro de Jarama que venceu a todos os formidaveis antagonistas d'aquelle prelio antigo. Filippe quiz dar a tão valente triumphador a gloria de ser morto, ali mesmo, no theatro de suas proezas, pela mão

do proprio rei da Hespanha, e pegando n'uma espingarda caçadeira a desfechou sobre o valente toiro, que, no meio da arena, rugia furioso, e fêl-o cahir instantaneamente morto. «Nem sequer por um momento, diz o chronista, Sua Magestade perdeu a sua habitual serenidade, a sua compostura de porte, a sua habitual gravidade de aspecto, e quem o visse não diria que elle acabava de fazer um tão nobre quam bem succedido tiro».

Ostentar em publico um ar grave e magestatico era, na opinião de Philippe IV, um dos mais sagrados deveres d'um soberano. Esse rei de Hespanha, a verdadeira personificação da etiqueta, era todavia dotado d'uma rica veia comica, que derivava sob um grande ar de serenidade triste, mas scintillante de graça, quando elle entrava nas *comedias de repentes*, em que rivalisava em ditos de espirito com o proprio Calderon ¹.

Tambem Philippe IV era dotado de notavel belleza; de estatura alta e elegante, com mais propriedade poderia elle ter adoptado o cognome de *Bello*, de que o de *Grande*, que Olivarez o persuadira a assumir.

Quando elle, muito novo, foi, como principe das Asturias, a Lisboa receber o juramento das côrtes de Portugal, dizem os chronistas, que, no seu trajo de seda branca e oiro, a sua figura esplendida de

¹ Ochoa El teatro español, tom. V, pag. 68.

adolescente produziu uma extraordinaria admiração e enthusiasmo.

Sua segunda mulher, D. Marianna d'Austria, dizem, que muito menina ainda se apaixonou pelo retrato d'elle, que havia no palacio imperial de Vienna, e que jurara que não casaria senão com o seu primo da pluma azul.

Emfim, Filippe IV era esse palido flamengo, de cabello loiro, labios grossos e vermelhos, olhos pardos, que, vestido de negro e com o collar do Tozão d'ouro, o pincel de Velasquez e o de Rubens, fizeram conhecido do mundo inteiro.

Eis ahi o rei, e a côrte, em cuja intimidade Velasquez teve de viver em Madrid logo que deixou Sevilha. Nada mais aristocratico, nada mais artistico e elegante.

O gosto do rei pela suprema gravidade, um certo ar escuro de melancholia, que constitue o fundo do meio sombrio, em que esplendem e vivem as brilhantes figuras d'essa côrte, cheias de vida nervosa, vibradas por commoções violentas, atormentadas pelas ambições, pelos receios, pelos despeitos, mas encerrado esse oceano revolto de coleras e paixões no circulo severo da etiqueta, que o genio melancholico do rei impunha, eis os elementos do estylo de sobria elegancia do pincel de Velasquez e da vida espirital de que todas as figuras vivem nos seus quadros, a ponto que todas as pinturas d'este muzeu, ainda as maiores creações, junto

dos retratos de Velasquez, parecem mortas ou friamente academicas.

E, em verdade, na representação viva dos homens da sua epoca, d'esses brilhantes personagens cortezãos ou bobos, em cujas feições o artista surpreendia, no momento psicologico, a expressão nervosa de toda a sua vida interior, sobre cujas fronte fluctua uma sombra de desalento e um vivido relampago de avidéz ambiciosa, que para o castelhano significa a esperança, é que pode dizer-se que consiste a característica da escola de Velasquez.

Quadros ricos de brilho e de colorido, esplendidos de realidade, mas sobre que fluctua uma sombra, — a sombra lutuosa do Escorial, e um reflexo de luz, — o reflexo dos clarões das fogueiras da Inquisição e o do fulgor do oiro do Mexico e do Peru ; tal é a escola de Madrid.

Os trabalhos da primeira maneira de Velasquez, que se encontram no muzeu, como por exemplo o quadro *Los Borrachos* não se pode dizer ainda d'esta escola. Entretanto o quadro *Los Borrachos* é um trabalho magistral, mas representaria, com enorme verdade, melhor uma funcção de rusticos em varios estados de embriaguez, do que uma alegoria mythologica.

Nove figuras tomadas da vida real e transportadas para a tela. No centro, um Bacho vulgar coroado de parras e enthronado sobre um casco, coroa com igual grinalda um companheiro d'orgia. Dos outros

sele personagens, a um lado, dous que já haviam sido coroados, cahem n'esse estado de profunda philosophia contemplativa que caracteriza o periodo de beatitude da bebedeira, em quanto os outros cinco candidatos á invistidura bachica, se dispõem, do outro lado, a receber a cubiçada investidura. A scena passa-se n'um campo plano, junto de uma parreira.

Pela força do caracter e do colorido, pela natureza do assumpto e pela paisagem, este quadro pertence á maneira realista da escola andaluza, maneira que Velasquez começara por affirmar tão caracteristicamente com os seus «aguadeiros de Sevilha» e a que Murillo não foi inferior nos quadros *Refeição, Merenda, La Viega Hilando* e outros.

Embora se queira ver n'esta maneira uma manifesta influencia da escola flamenga, a verdade é que pelo genero dos assumptos, pelos caracteres das figuras, pela côr, tons e fundos dos quadros, é ella puramente andaluza, estylo e processo iniciado por Velasquez, verdadeiramente o precursor do realismo moderno na pintura.

O equilibrado genio de Velasquez entregue a si mesmo, no seu meio natural de Sevilha, teria fundado decerto uma verdadeira escola em tal sentido, fixando o seu estylo n'esta maneira. Mas as influencias da vida da côrte deram-lhe, partindo ainda assim do mesmo principio — a representação naturalista — uma outra orientação, como a irresistivel tendencia do temperamento arrebatou Murillo até ao *vaporoso*.

Comtudo a Hespanha pode ufanar-se de ter nos quadros d'este genero pintados por Velasquez, por Murillo, por Vellavicencio, — e d'este, os quadros dos *Muchachos jogando á los dados* (1119) — uma escola realista verdadeiramente caracterisada.

Mas Velasquez não se fixou tampouco na sua segunda maneira, aquella em que realmente se funda a sua gloria, e, impellido pelo desejo de crear uma escola classica de pintura academica, dando á arte uma missão mais elevada do que a retratar altos personagens, sem ser comtudo a de servir exclusivamente a egreja, missão esta a que, pela natureza do seu genio, elle se não sentia decerto destinado, procurou nos quadros de genero, nos assumptos mythologicos e até na paizagem, uma nova orientação artistica.

Na *Rendição de Breda* (n.º 1060), quadro chamado das Lanças, revelara-se Velasquez um grande pintor de historia; mas no desgraçado reinado de Filipe IV eram os triumphos poucos e muitas as derrotas; os assumptos faltavam-lhe portanto, e recordar os feitos dos passados reis, em epoca tão ingloria, não seria d'um cortezão, como Velasquez. Era pois necessario explorar outros veios.

As suas repetidas viagens á Italia, o gosto do rei e dos fidalgos pelas colleções dos antigos, e o affectado gosto litterario pelos poetas italianos, que o proprio rei traduzia e, mais talvez ainda, a influencia da renascença portugueza, cuja litteratura não

era estranha, antes familiar, aos homens de letras e aos artistas de Madrid, predispunham os espiritos para os assumptos mythologicos. O quadro n.º 1039 a *Caverna de Vulcano*, foi pintado por Velasquez em Italia, sob a influencia manifesta dos seus estudos da Renascença, e estabelece a transição do segundo estylo de pintor para a maneira do seu ultimo tempo, maneira distincta, mas que se não chegou a caracterisar-se como estylo propriamente dito, differente do segundo.

Esta tentativa, porém, falhou como falharam, a meu ver, todos os seus quadros mythologicos, tanto, já se vê, quanto um homem do talento e das poderosas qualidades de Velasquez podia falhar. Estes quadros são realmente inferiores ao genio do seu auctor, que não comprehendeu nem podia comprehender o seu assumpto.

A pintura de assumptos mythologicos, apparecendo na Hespanha do seculo xvii, é a florescencia mais exotica e artificial que, em verdade, se podia imaginar nos dominios da arte e da litteratura.

A que sentimento da alma nacional corresponderia? De que tradição derivava? De que philosophia era a consagração, ou pretendia ser a precursora uma tal manifestação artistica?

Não correspondia a sentimento algum; nenhuma tradição renovava; nenhum espirito philosophico a inspirava. Foi apenas o producto da affectação litteraria da cõrte; o resultado da influencia

d'um meio pedante sobre um grande artista, e nada mais.

Diz-se que Velasquez pintara posteriormente o quadro, que deve existir hoje n'um dos muzeus de Inglaterra, representando Venus, a pedido do duque d'Alba, e para fazer par com uma Venus de Ticiano.

Foi elle o primeiro artista hespanhol que se aventurara a pintar o corpo nú da Deusa do Amor, sentindo-se nàs graças da côrte e até nos do santo officio. Mas as tentativas mythologicas, apesar d'isso, não podiam fazer nunca escola em Hespanha, porque não a fazem nem o pintor, nem o estatuario, senão quando a sua obra se acha em harmonia com a sua epoca, sendo a expressão mais alta do sentir geral e das aspirações communs dos seus contemporaneos.

As creações mythologicas da arte, productos do antropomorphismo grego, correspondiam a um estado geral do espirito, de que de nenhum modo vibrou jámais a alma hespanhola.

Se na renascença italiana essas creações haviam sido o fundo de toda a renovação artistica, é que a renascença fora sómente a restauração da antiguidade, cuja tradição nunca se perdera na Italia.

A Roma pagã continuára a obra da Grecia, e a grande imagem de Roma, que a igreja era a primeira a venerar, uniu sempre a Italia moderna á Italia vergiliana. É Vergilio o *mestre* que conduz Dante ao Inferno.

Para os escriptores e para o povo da Italia da Renascença, como para a Italia de hoje, a archeologia não é uma simples curiosidade de erudição; é a archeologia quem lhe restituiu os títulos da familia italiana. Nunca a Italia perdera de vista a antiguidade. Na Sicilia continuou-se a fallar na lingua grega; o latim era a lingua da egreja; e Dante chama sempre ao toscano, que se tornara a lingua litteraria da Italia, lingua latina, lingua real.

A litteratura e a arte da antiguidade, grega e latina, mostravam aos italianos do seculo xv como outr'ora os homens tinham sabido pensar e obrar, livres os espiritos, como o espirito da Italia estava, de toda a crença imperativa e absorvente. E' que as forças vivas da Italia se tinham ido desenvolvendo espontaneamente, porque a egreja, que na Hespanha foi a clausura sinistra e estreita do dogma e da repressão, para a Italia foi d'uma tolerancia immensa.

O christianismo italiano da idade média é uma creação singular; cheio de simplicidade da fé primitiva, o dogma estreito, a moral rígida, a pratica severa, a hierarchia, não tiram a independencia dos espiritos.

As tradições da alma italiana encontram-se essencialmente todas na religião franciscana, cujo fundo é a inspiração individual e a communhão directa do fiel com Deus. «Onde está o espirito de Deus abi reside a liberdade», eram palavras de S. Paulo,

e S. Francisco, o verdadeiro apostolo da Italia, no seu *Cantico ao Sol*, exaltava no mesmo canto de amor a luz celeste e todas as coisas vivas, e para elle a serenidade e a alegria são quazi virtudes theologaes:— *Ostendant se gaudentes in Domino, hilares et convenienter gratiosos.*

A consciencia livre, o espirito alegre na cidade livre e satisfeita, em pleno gozo da natureza ridente, tal era a lei da vida italiana.

N'estas condições nenhum estôrvo para a razão humana; o homem torna-se a encontrar naturalmente a si mesmo; e o humanismo é um facto natural.

A Italia depositaria do genio da antiguidade continuou a obra da civilisação, reatando a corrente da tradição desviada pela invasão dos barbaros.

Que enorme differença, pois, de condições sociaes e historicas se dão entre a Italia e a Hespanha !

A Igreja em Hespanha é dominicana, o terror do inferno, a humilhação do homem diante do sebre-natural; ou é jesuita a mecanisação da vida pela disciplina espiritual: em Italia a religião é franciscana, isto é a liberdade, a alegria e a confiança absoluta na infinita misericordia de Deus.

Em Hespanha o Estado é o dogma do direito divino dos reis: na Italia o Estado, sob os Médicis, é uma obra d'arte.

Em Hespanha o individuo é absorvido pela comunidade, a sua liberdade civil depende do arbitrio

do soberano, a sua liberdade de pensamento e de consciencia depende da sancção do Santo Officio!

Como poderia a Hespanha comprehender e sentir o antropomorphismo, a divinisação da creatura humana, tanto das suas qualidades corporeas, n'uma fórma de belleza idéal, como das faculdades espirituaes, sublimes, mas nunca infinitas?

Para a Hespanha, pois, a religião da Grecia e de Roma era a *fabula* simplesmente; para a côrte litteraria e preciosa de Filippe IV era essa mythologia uma curiosidade de erudição luxuosa. Nunca poderia, portanto, a Hespanha sentir, nem vivamente representar na tela, nem na poesia fazer entrar, as figuras que a antiguidade criara, porque essas figuras são o homem idealisado no excesso das suas faculdades até tornar-se Deus; e para o hespanhol o homem é um reprobado ferido pelo peccado original, e só pela annullação das suas forças e pela humilhação da sua alma se tornará digno de ser perdoado.

A concepção religiosa e a acção politica de Hespanha eram de tal fórma contrarias ao espirito da Renascença que, mesmo em Italia, a dominação hespanhola reduz Napoles, apesar da vivacidade extraordinaria d'esse povo e da sua proxima tradição grega, a permanecer por largos annos n'um estado de cultura muito inferior ao do resto da peninsula italiana.

E, assim, os deuses da mythologia grega são na

litteratura castelhana do seculo xvii as figuras delambidas, frias e pedantes da Arcadia.

Velasquez mesmo, apesar do seu talento enorme, não as podia comprehender, e, pretendendo fazel-as reviver pelo poder magico do seu brilhante pincel, na *Caverna de Vulcano*, por exemplo, pintada em Roma, em vista dos antigos do Vaticano, e dos melhores modelos de Miguel Angelo e de Raphael, se produziu uma scena de grande effeito dramatico, não conseguiu representar deuses nas figuras desse quadro. O Apollo — a divinisação da belleza, da graça e da intelligencia varonil, — ninguem o distinguiria, senão fosse a corôa de louros e a flutuante clamide, de qualquer mancebo de belleza duvidosa que, de braço erguido n'um gesto banal, contasse uma historia mais banal ainda. E comtudo Apollo viera á caverna de Vulcano contar-lhe a infidelidade de Venus. Em compensação d'este desgraçado e mesquinho Apollo, Vulcano é desenhado por um esboço de Homero, negro, corpolento e feio. Surpreendido pela nova da sua deshonra, escuta, meio colerico, meio succumbido, o discurso de Apollo; o seu martello parou, o ferro batido para um arnez escorrega da sua bigorna, e o brilho do seu olhar vacilla n'essa expressão incerta do desalento sacudido de subito pela esperança de vingança. Os Cyclopes pararam tambem de trabalhar e escutam com avidez curiosa, surprezos, a narração do escandalo celeste.

Se Apollo é um pobre moço, sem a soberana expressão d'um Deus, tambem os Cyclopes podem ser muito bem quaesquer ferradores que Velasquez tivesse encontrado n'alguma mesquinha aldeia da Estremadura e por quem, em jornada, houvesse feito ferrar o seu cavallo. Nenhuma, absolutamente nenhuma comprehensão do antropomorphismo grego, e, contudo, muita expressão, grandes efeitos de luz, riqueza de colorido e profunda sciencia anatomica.

Com sciencia e taes qualidades de execução, que inexcidível pintor de quadros de genero foi Velasquez no quadro n.º 1061 — *Las Hilanderas* — e no seguinte — *Las Meninas* — da sua ultima maneira!

Na mesma preocupação de crear uma escola classica, Velasquez levou Zurbaran a pintar a série de quadros, os trabalhos de Hercules, (n.ºs 1122 a 1134), que são inferiores a qualquer simples cabeça doente de pobre monge das que Zurbaran pintou. Eu daria de boa vontade esses dez quadros de Zurbaran por o seu magnifico S. Pedro, que existe no palacio patriarchal de S. Vicente em Lisboa, e faz parte d'uma collecção de quadros representando os doze apóstolos.

Tenta Velasquez tambem a paizagem, e como pintor de paizagens é um dos mais notaveis artistas da sua epoca.

Ticiano parece ter sido o mestre preferido, mas dizem que as altas qualidades de colorido e o efeito

pittoresco, que distinguem Salvator Roza e Claude Lorrain, não faltam ao pincel paizagista de Velasquez; se bem que eu não conheço quadro algum desses dois pintores para poder comparar.

As paizagens de Velasquez, onde explende a luz do sol que nós vemos, onde palpita o ar que nós respiramos e onde vive o verdadeiro espirito da natureza, são, comtudo, demasiadamente sacrificadas a um determinado accesorio.

E poderia a paizagem n'esta epoca ser compreendida e sentida como hoje? Não creio.

Foi a vulgarisação da philosophia pantheista que deu aos espiritos a verdadeira comprehensão da natureza, e lhes deu o sentimento da paizagem que não era antes mais de que quadro e scenario da representação do homem.

Pelas concepções anteriores á vulgarisação das theorias pantheistas, o homem, creado á imagem e similhaça da divindade, concentrava em volta de si toda a vida da terra, como a terra era tambem o centro do universo. Era a natureza um scenario e nada mais.

A arte grega preoccupou-se muito do principal, o homem, mortal ou Deus, e na sua simplicidade affirmou-se de preferencia no processo que mais palpavelmente e melhor o podia reproduzir, qual é a esculptura.

A arte latina seguiu o mesmo movimento, e as obras dos seus pintores resentem-se muito da esculptura e do baixo relevo.

Na pintura italiana da Renascença, diz Taine: ¹
Quand viendront les paysages, ce ne seront que des fonds et des accompagnements.

Entretanto as pallidas montanhas da Judeia, as tranquillias bacias do Mar Morto, a corrente do Cedron, as aguas cristalinas do Jordão, as barcas dos pescadores, a fulva aspereza do areal, onde se ergue junto da cisterna de Samaria a esbelta palmeira flexivel e alta, — cujas palmas finas riscam o azul esbranquiçado do ceu do Levante —, o deserto dos prophetas, e os jardins das oliveiras doirados pelo reflexo do poente, ou banhados pela luz branca do luar, em summa, todo esse fundo de paizagem melancholica e suave da vida do Evangelho, não podia deixar de influir na pintura christã. E foi assim que a paizagem se tornou indispensavel, como fundo de quadro e como scenario.

Mas com a decadencia natural da pintura da Renascença, resultado da preocupação exagerada de sómente produzir grandes effeitos na representação do corpo, a figura humana, apresentando-se falsamente concebida, foi perdendo a supermacia no quadro e a paizagem, que fôra até então o accessorio, começou a ter mais importancia do que o principal.

Depois diversas cauzas concorriam para o desaparecimento na arte do ideal do corpo humano.

¹ Viagem em Italia, pag. citada.

O homem n'essa epoca já tinha perdido quasi absolutamente o valor como individualidade social e physica; por um lado, socialmente, fôra absorvido na communitade realisada pela unidade monarchica, e, por outro lado, a constituição do direito e a transformação por que passara a arte da guerra tinham tirado á força dos musculos e á destreza do corpo o grande papel, que na antiguidade e na idade media haviam desempenhado.

A religião com o movimento da Reforma tinha tambem perdido muito, considerada como fonte do ideal artistico. Passando a ser objecto de discussão apaixonada, o culto perdera realmente o perfume de vago e indefinido sentimento, de sorte que, após o concilio de Trento, a pintura religiosa cahira em decadencia completa, porque o espirito da religião já não inspira superiormente as gerações que immediatamente se seguiram ao periodo reformador. De mais, com a separação da Allemanha da communhão catholica, a arte do norte da Europa teve de procurar novas fontes de inspiração. E assim nasceu a escola flamenga dos quadros do genero.

Mesmo nas nações catholicas tudo concorria então para separar as artes do serviço da igreja e dar-lhes uma expansão mais larga do que a simples representação das passagens do *Flos Santorum*.

Com a constituição das cortes dos reis, em que os fidalgos rivalisavam em luxo, em riqueza e em elegancia, carecia a pintura de servir ás necessidades

da ornamentação e ao gosto artistico essencialmente mundano das sociedades da epoca, — epoca de etiqueta e de galanteria, em que até para as caçadas se vae de casaca de seda e punhos de rendas de Alençon, em companhia de gentis senhoras que, arrebicadas e preciosas, cavalgam, com requintes sabios da arte da gineta, pelas correctas aleas dos parques e dos bosques plantados e cuidados expressamente para as diversões galantes.

Que differença de tempos ! Como já vão longe os grandes prelios venatorios dos rudes e fortes barões feudaes ! — e como estas damas, empoadas e com carmin nas faces, são differentes das formosas e ingenuas castellãs que reclusas ficavam na fria soledade dos castellos, enquanto os homens partiam cobertos de ferro para as luctas e para os perigos desconhecidos das guerras ou das caçadas !

A força do corpo perdera a importancia nas luctas da existencia social ; a vida da nobreza amolecera-se na doce voluptuosidade dos sentidos ; o guerreiro transformou-se em espadachim, e o pesado montante do cavalleiro é substituido pelo faim do casquilho cortezão. Tudo se torna convencional ; a etiqueta da côrte é uma sciencia, — *a sciencia aulica* !

A paizagem começa então naturalmente a apparecer e a valer por si mesmo ; entretanto, muito particularmente concebida, quazi sempre subordinada á representação principal d'uma ruina, d'um castello, d'um templo romano, ou do panorama

d'uma cidade ou d'um porto; e ainda em todas as paizagens apparecem com maior ou menor importancia figuras humanas, ou alegorias mythologicas, como se fosse impossivel conceber quadro sem a representação do homem. Comtudo a paizagem propriamente dita, a paizagem *nua* e representando um só accidente da natureza, já principia a chamar as attenções.

Em Velasquez, que era o maior pintor do seu tempo, encontram-se naturalmente as manifestações de todas as tendencias, correntes, qualidades e esperanças da arte de sua epoca. Mazo (Bautista Martinez del), genro de Velasquez e o seu melhor discipulo, pinta de preferencia paizagens. Dos quadros originaes de Mazo, treze são de paizagens, mas em nenhum d'elles deixa de haver figuras humanas; em muitos d'esses quadros collocou scenas mythologicas, ou da fabulosa historia de Eneas. Não serão os trabalhos de Mazo a prova concludente da natureza das aspirações artisticas do mestre, procurando, ainda incerto, fixar a escola de pintura hespanhola na mythologia e na paizagem!

Murillo tambem tem duas paizagens n'este muzen (os n.ºs 898 e 899), e Rodrigo de Miranda (da escola de Velasquez) tem igualmente duas paizagens magnificas e, senão tão perfeitamente executadas como as de Velasquez, por certo mais sentidas do que as d'este e tanto como as de Murillo. N'estas paizagens já não apparecem figuras humanas.



IV

Perdida a inspiração religiosa e não achado ainda o verdadeiro sentimento da natureza, a arte hespanhola entra n'uma decadencia rapida e miseravel com o desaparecimento de Murillo e de Velasquez e dos seus contemporaneos, das escolas tanto de Madrid como de Sevilha, por falta de inspiração. Depois, com o advento dos Bourbons ao throno de Castella por morte de Carlos II, começou naturalmente a predominar o gosto pela escola franceza da epoca de Luiz XIV.

Mas a connexão entre a Arte e a vida publica em França nunca fôra em tempo algum mais frizante de que no seculo xviii; e aquella vida de galanteria e de delicadeza não era possível aclimatal-a n'esta pezada atmospherã ensebada de Castella.

A decadencia era inevitavel; e a arte hespanhola perde-se cada vez mais n'uma mediocridade irremediavel, imitando em geral a insipida e pedantesca maneira de Menges.

Os francezes Jean Ranc e Louis Vanloo, a quem

sucedeu o bohemio Antonio Raphael Menges, foram successivamente pintores da côrte.

Entretanto, pelo fim do seculo floresce o pintor Goya, o qual, ainda que influenciado pela maneira de David, tanto nos seus retratos como nas pinturas sagradas, tem os *esboços dos tapetes*, d'uma originalidade tal, que, embora os assumptos por elle escolhidos de preferencia sejam caracteristicamente nacionaes, no seu espirito continua-se a tradição do humorismo germanico, que, n'este meio contrario e quizi totalmente asphixiado pela onda do sangue berbere e pelo fumo das fogueiras inquisitoriaes, resplende ainda—em largos intervalos—como os ultimos lampejos d'uma luz que se apaga, no livro de Cervantes e nos quadros de Goya.

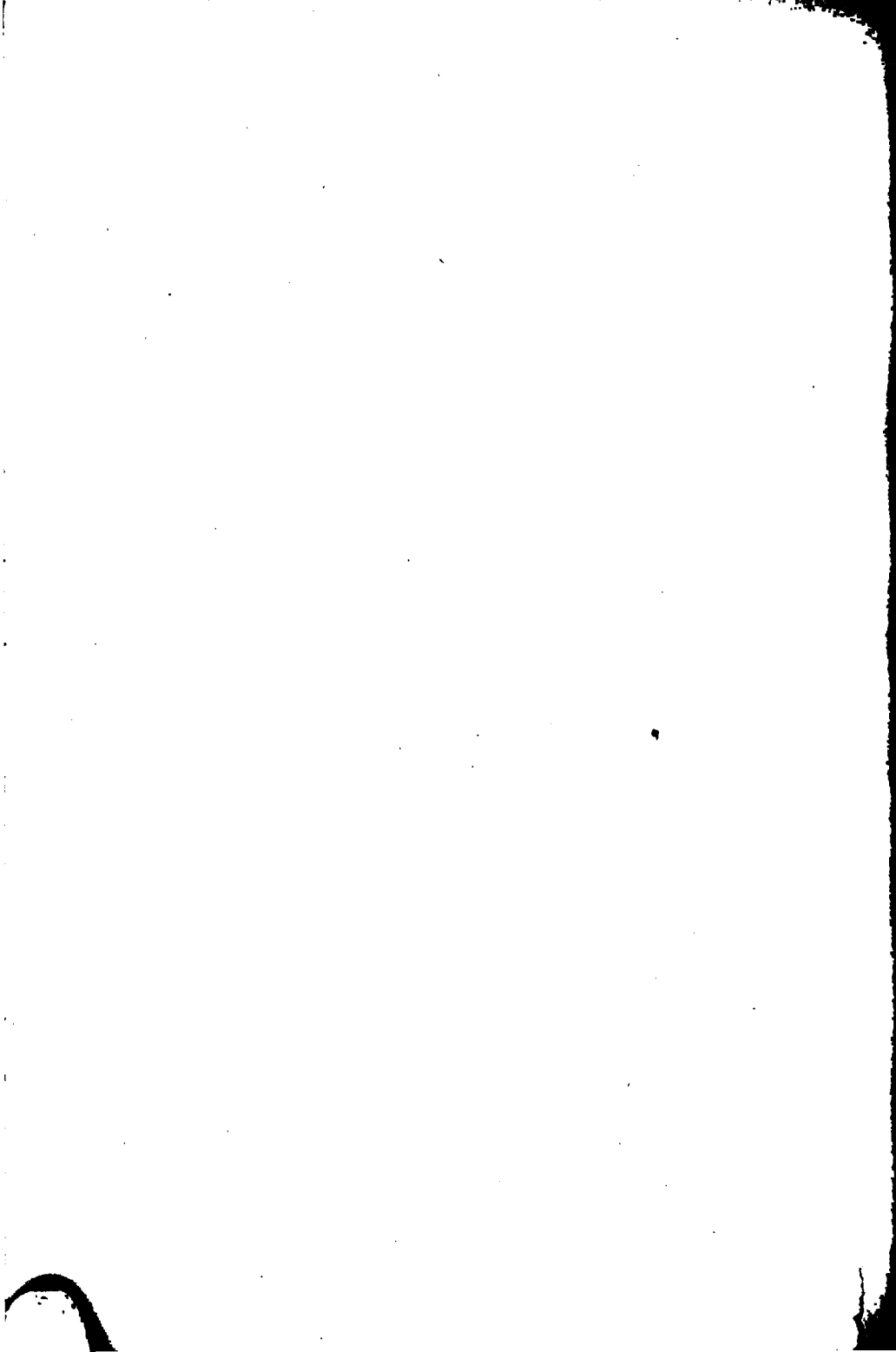
Toda a alma germanica, no seu modo de ser phantastico, como no seu humorismo sensato e triste dolorosamente, abi se revela na obra d'esses dois hespanhoes, provando-nos que o attavismo é uma lei incontraditavel, e mostrando-nos a força de resistencia do sangue gotbico a ser anniquilado para sempre.

Verdade é que — pelo que respeita a Goya que não a Cervantes — Goya é aragonez e não castelhana, nem andaluz; e na velha patria aragoneza as condições historico-sociaes foram favoraveis, até ao casamento de Fernando de Aragão com Isabel de Castella, á evolução natural da antiga tradição da peninsula iberica.

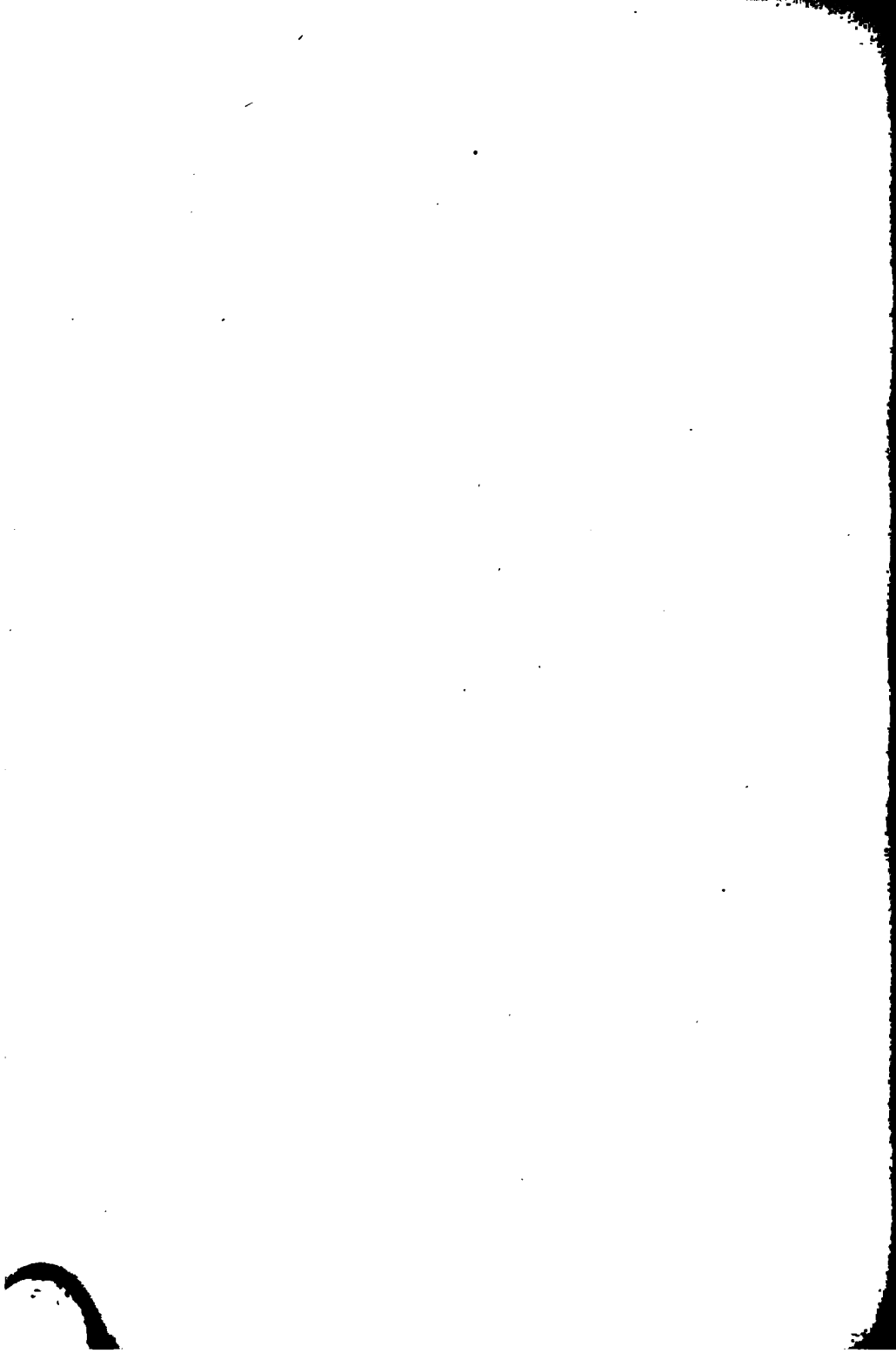
Decerto Goya foi o ultimo que tentou o restabelecimento da pintura caracteristicamente nacional, e, depois d'elle, um ou outro artista de merito que, como Rozalles e Pradilla, tem apparecido em Hespanha já não são pintores hespanhoes pela sua maneira de pintar, exclusivamente; são artistas da moderna escola europeia, que é tanto franceza, como italiana, hespanhola, ou portugueza.

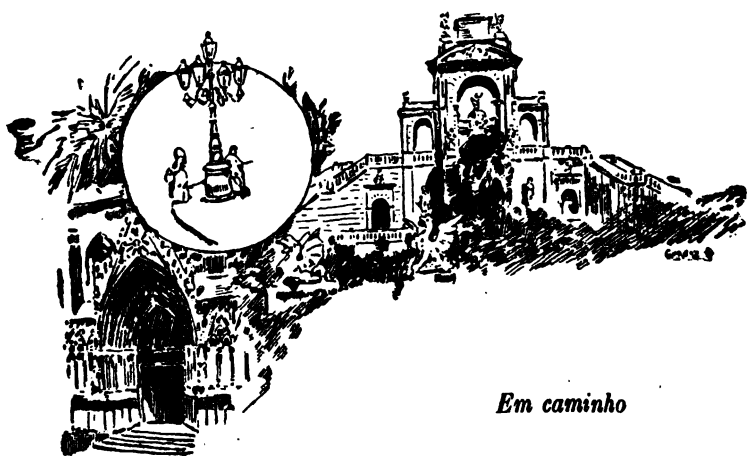


J. P. de Carvalho



BARCELONA





Em caminho

Albuquerque

Sabi ante-hontem de Madrid, já de noite, para Barcelona.

Na mesma carroagem entrara um rapaz alto, magro, de boas maneiras e espirito cultivado por uma leitora bem dirigida n'um sentido positivo: chama-se José Utrillo, e vinha como eu para Barcelona. Conversámos quazi toda a noite, muito de Portugal e alguma couza de Hespanha, porque o meu companheiro, que tinha assistido no gremio militar de Madrid ás festas dadas ali aos portuguezes, mezes antes, interessava-se por conhecer os homens illustres que vira e ouvira, e eu insensivelmente levado pela tagarellice d'um filho do Algarve e compatriota d'aquelle bom remador da galeota real que

mandou a D. João vi que guardasse a *peça* no sítio que sabes, satisfiz mais que plenamente a curiosidade do meu agradável companheiro.

Naturalmente veio á collecção o eterno assumpto da união ibérica, e, tão grande foi o meu espanto, quanto agradável a surpresa de ouvir Utrillo dizer que lhe parecia que não seria para Portugal uma vantagem a sua união a Castella.

—Curioso! exclamei, sois vós o primeiro hespanhol a quem ouço dizer que não seria a felicidade para Portugal a sua união á Hespanha.

—Perdão, eu disse a Castella e não á Hespanha.

—Mas Hespanha e Castella é o mesmo.

—Na linguagem vulgar assim é; mas historica e ethnographicamente é necessario não confundir Hespanha com Castella. Hespanha é tanto Castella como é Portugal, como é Catalunha; e os reis de Castella só começaram a intitular-se officialmente reis de Hespanha depois da annexação de Portugal em 1580.

—É verdade.

—E assim o senhor e eu somos hespanhoes, mas não somos castelhanos, porque, como o senhor é portuguez, eu sou catalão...

Não ponde conter-me e sorri-me d'aquella distincção refinada do patriotismo platónico da Catalunha, e disse-lhe:

—Eu não me sorri do seu enthusiasmo patriótico que me é em extremo sympathico. Mas, francamente, parece-me que o sentimento que revela a distinc-

ção que acaba de fazer entre castelhano e catalão é politicamente infecundo. É na verdade cheia de episodios epicos a historia d'esse valente povo herotico, amigo da liberdade e das artes; mas que resta de tudo isso? A autonomia politica perdida, a nacionalidade absorvida, a lingua compromettida. O principado da Catalunha não é mais que uma provincia hespanhola; e dos seus condes, dos seus principes, dos seus reis, das suas franquias, não resta á Catalunha senão uma vaga e amarga recordação.

—Em primeiro logar a lingua não está compromettida, e depois, assim como Portugal se fez independente como nação e se tem conservado tal, tornando-se uma nacionalidade historica, tambem nós poderiamos ter sido o mesmo.

—Não podiam; apertados entre duas nações poderosas, ou haviam de ser francezes ou castelhanos; e não digo hespanhoes, porque hespanhoes somos todos nós.

—E os portuguezes não estavam apertados entre a Hespanha e o mar?!

—E então?—ou haviamos de ser hespanhoes ou peixes, não? Pois bem, assim succedeu: fomos marinheiros; fomos colonisadores; fizemos o Brazil, e havemos de fazer Angola, se nos deixarem; e o Brazil é que nos sustenta e sustentará ainda por muito tempo, e depois senão fizermos Angola... Deus proverá... talvez ainda venhamos a fazer a Hespanha, já se vê, nós de sociedade com a Catalunha.

— Talvez ; mas os *fueros* pôdem restaurar-se e dar-nos, senão a nacionalidade, ao menos uma certa autonomia politica.

— Estou completamente de accordo com a ideia de que uma federação dos antigos reinos de Hespanha poderá realisar-se um dia sobre a base dos antigos *fueros* . . .

A questão ia cahindo em politica revolucionaria e em verdade não me convinha estar a falar do governo da casa alheia, principalmente em paiz onde se enforcam portuguezes, que se dão ares de prophetas, com acquiescencia dos embaixadores de Sua Magestade Fidellissima na côrte de Madrid, como succedeu em 1879 no desgraçado acontecimento de Pinus Puentes, sendo ministro de Portugal o muito alto e illustre senhor conde de Valbom. E o peor é que o caso pôde repetir-se, porque o ministro que premettiu esta affronta feita á fé dos tratados e ás sagradas leis da humanidade, se se viu obrigado a sahir de Madrid, foi para logo receber em Lisboa das mãos d'el-rei D. Luiz I a nomeação do membro do Conselho de Estado, o mais alto cargo de confiança politica a que pôde ser elevado um conspícuo lusitano.

Toda a indiscrição revolucionaria poder-me-hia comprometter, e por isso mudei de conversa e fallei ao meu companheiro da importante questão da litteratura catalan.

Dizem que o movimento de renascença litteraria da

lingua catalan se vae acentuando de dia para dia; e o meu companheiro crê na sua completa resurreição litteraria. A mim, porém, affigura-se que o movimento mais artificial do que espontaneo e que, n'elle não entra simplesmente um gosto de erudição, mas tambem, e por muito, um pensamento politico que imagina conservar com a lingua o sentimento da nacionalidade em constante affirmação.

Será possivel dar condições de longa vida á lingua catalan, não digo nas obras litterarias e academicas, mas no espirito e gosto do povo? Será politicamente proticuo e justo o pensamento que incita e promove o movimento d'este renascimento litterario, ou essa tentativa, além de ephemera será simplesmente um grande erro politico? Eis as proposições que se me apresentaram ao espirito ao escutar o meu entusiastico companheiro. Prometto-te estudar a questão em Barcelona e ácerca d'ella escrever-te ainda.

A conversação declinou naturalmente e eu adormeci d'um somno profundo.

É preciso não contar em Hespanha com a rapidez do trem, cuja velocidade maxima nunca passa além de 35 kilometros por hora, por isso quando acordei, já sol nado, acabavamos de entrar sómente nas primeiras planicies do Aragão. A paizagem é dura; a raça, que habita este solo rude, não cede de certo a nenhuma outra em soberba e altivez. Os animaes do paiz teem o mesmo character fogoço e asperdo dos seus donos.

Quando se viaja ha interesse em observar a physionomia dos animaes, porque, pela docilidade ou ferocidade d'estes, se pôde conceituar do character, das paixões e dos instinctos dos habitantes humanos do paiz. E que não pareça um paradoxo tal asserção. Se é uma verdade a influencia do meio natural no temperamento dos seres animados, que habitam uma certa região determinada, nas especies inferiores, que dependem mais directamente do meio e das condições materiaes, melhor do que na especie humana se pôde observar o resultado de tal influencia. por que no homem outros elementos de raça estrangeira e de educação, muitas vezes, podem tornar difficil a apreciação immediata d'um facto que contudo é seguro, fatal, inapagavel. Os toiros, os cavallos e os muares que por esses campos encontramos, são curtos, reforçados, de musculos salientes e nervosos, de pellagem escura, serdosa e aspera, faiscante, de reflexos metallicos; olhar fundo e duro...

Passámos por algumas cidades e villas notaveis, de grandes nomes historicos. Saragoça celebre pela famosa resistencia contra os francezes, da qual um episodio tragico serviu de assumpto a um dos mais commovidos poemas do François Copée *La benediction*; depois Lerida, capital de provincia; depois Cervera, menos conhecida modernamente pela sua Universidade, a mais antiga de Hespanha, de que pela sua resistencia contra os carlistas.

Em Lerida comprei um livro de Jozé Zorilla — *Recuerdos de tiempo viejo*, uma verdadeira autobiographia do famigerado auctor do *Don Juan Tenorio*. Vou enviar-te os *recuerdos* porque nada te explicará melhor a aventurosa phenomnalidade phsycologica e moral d'uma litteratura, do que esta biographia do primeiro poeta romantico da Hespanha.

Ao declinar do dia avistamos Monserrate, monte de formas extranhas e de aspecto surprehendente. Á primeira vista affigura-se-nos um castello enorme de ameias innumeraveis, de torreões phantasticos; depois lembra uma immensa cathedral prodigiosa de mil torres gothicas, edificada para um povo de gigantes. É a montanha sagrada da Catalunha, um dos mais ricos sanctuarios do mundo, e naturalmente, uma mina enexgotavel de lendas milagrosas e de contos populares.

Isolado n'uma planicie, Monserrate surge abruptamente do solo sem se ligar immediatamente por uma lombada qualquer á *sierra* que nos fecha o horizonte, ao fundo. É realmente phantastica a apparição d'esta montanha. Emfim ao pôr do sol chegamos a Barcelona debaixo d'uma tempestade.

Tomei quartos no *Hotel de las Cuatro Naciones*, o melhor da cidade, e depois de jantar, um magnifico jantar de peixe; e eis-me junto da braseira escrevendo-te o meu diario.

Em Barcelona



dia, amanhecera hoje radiante, um formoso dia de inverno; o ceu d'uma pureza cristalina, limpo pela tempestade da vespera; o mar é que não se aquietara ainda, e rugia formidavelmente.

Ao sentir-me tão proximo do mar experimentei uma inexprimível sensação do intimo bem estar, de alegria radiosa, o que me acontece sempre que chego a qualquer paiz do litoral depois de habitar algum tempo' em terras sertanejas.

É tão extraordinaria esta influencia, que, durante o tempo que habitei Coimbra, padeci quazi constantemente da nostalgia do oceano, e, em Dezembro de 1874, indo ao Algarve expressamente para ver pela ultima vez uma irmã querida que ia morrer, durante a rapida viagem, com o coração anciado pela nova fatal que me chamara ali, insensivelmente,

inconscientemente, o desejo de ver o mar, de ouvir as ondas quebrarem-se contra as muralhas da nossa velha cidade, prevalecia no intimo do meu ser intensamente a todos os outros sentimentos, talvez mesmo á immensa dôr que me affligia. É curioso, mas esta idiosincrazia da minha natureza physica tem uma profunda razão de ser na tristissima solidão em que se passou a minha triste infancia, — n'um grande e frio casarão no fundo d'uma velha cidade militar, antigo baluarte da terra assente em rochedos a pique sobre o oceano.

A casa do meu pae fica sobre as muralhas d'essa cidade, do lado do mar, cujas ondas, em dias de tempestade, cospem flocos de salitrosa espuma sobre os terraços, queimando as flores e as plantas do jardim, que minha madrastra teimava em cultivar a despeito das repetidas dosolações do levante.

Meu pae era então deputado, vivia em Lisboa e só ia a Lagos para renovar contractos de arrendamento de propriedades, levantar dinheiro, ou preparar trabalhos eleitoraes; sempre apressado, preoccupado, pouco d'ordinario se demorava.

Emquanto elle estava, havia algum movimento de visitas de gente da cidade e de homens de lavoura, que prestavam contas, de foreiros que vinham pagar os foros e d'um ou d'outro prior d'aldeia afastada, que, a cavallo na sua mula d'albardão coberto por um lençol branco de linho, dobrado, vinha fallar de

eleições. Depois meu pae partia e na mesma solidão se afundava a nossa existencia de familia.

E eu vivi annos n'essa casa, sem premissão para sabir para as ruas da cidade, mas em plenissima liberdade para explorar os terraços, os telhados, os quintaes; sem que tivesse uma só hora do dia subjeita a coação de qualquer ordem que fosse, sem um só companheiro de brinquedos, sem mestres, e felizmente sem educação religiosa de especie alguma.

Era o mar que eu via constantemente; era a voz das ondas que conversava comigo; e era ao mar a quem eu contava as minhas alegrias e as minhas tristezas e os phantasticos e ingenuos romances da minha imaginação de creança; era o mar o meu camarada, o meu mestre de muzica, de grammatica e de cathecismo.

Que bom amigo elle não era para mim, esse oceano, que para quebrar a monotonia da nossa existencia de familia me apresentava em cada dia um espectaculo diverso; ora todo festas se cobria d'azul e oiro como um brilhante cavalleiro, trazendo as suas gaiotas brancas a voar tranquillias sobre os terraços da minha casa, ora velho rei de tragedia se enrolava nos seus mantos de arminhos e, rugindo, sacudia ao vento as brancas guedelhas desgrenhadas, emquanto fazia passar sobre a minha cabeça bandos negros de grasmentos corvos.

Eramos bem companheiros! As nossas existencias

identificavam-se, e quazi sempre estavamos de accordo; uma occasião, porém, lembra-me ainda, durante oito dias uma calmaria podre, a agua igual, unida, estanhada; o ceu embrulhado espalhava nas aguas, nas montanhas, na cidade, um tom geral d'um cinzento amarellecido que me entristecia e me irritava. . . E foi então que houve entre nós o primeiro amuo e que eu lhe dirigi as primeiras ironias, que foram tambem os meus primeiros versos —

Isto tudo, ó tedio insano!
É pacato e socegado;
Parece o proprio oceano
Um capitão reformado!

Que de recordações e que de saudades!

Abri a janella do meu quarto no entresolo do hotel, e puz-me a observar o movimento da manhã. O hotel fica na *Rambla*, a famosa *Rambla* de Barcelona, uma larga e magnifica avenida, assombrada por duas fillas de grandes e copadas arvores. Havia já na rua, áquellas horas que em Madrid seriam talvez as do primeiro somno, um grande movimento de gente de negocio e de trabalho; carroças carregadas passavam; os americanos corriam cheios de passageiros, e os lettreiros dos carros dizem — Gracia, Sanz, Barcelonetta. Todos esses carros teem pintados e doirados, como affirmação patriótica, grandes brazões heraldicos com as *barras* de Aragão. Á minha direita, subindo-se a avenida, era magnifica

a perspectiva animada e encantadora que offerecia á vista o mercado das flores.

Tomei uma chicara de bom chocolate e sahi a passeiar na avenida. Que magnificencia ! Que actividade ! Que vida de negocio n'essa rua ! D'um lado e outro magnificos edificios, theatros, hotéis, cafés, livrarias, armazens de modas e lojas de todos os generos. Só casas de cambio contei dezeseis. Mas de tudo o mais gracioso, o mais surprehendente, é o mercado das flores. Cada vendedeira dispõe d'uma meza de marmore branco e polido, pequena, de forma oval com o seu *étagère* de ferro, collocada symmetricamente entre duas arvores.

É encantador este pedaço da avenida, *Rambla de las Flores*, mudado em alea de jardim de sebes orvalhadas, onde, por detraz de cada pyramide de variados matizes e perfumes, nos sorriem e nos fallam as esbeltas catalans, altivas e pittorescas nos seus trajas nacionaes.

O typo da mulher catalan, sendo no fundo o typo hespanhol, é comtudo mais cheio de vigor e d'alegria ; a musculatura nervosa e secca não se lhe perde em macias curvas e toma um aspecto vencedor, porque ao sangue, que lhes colore o marmore polido d'uma encarnação mais firme, a montanha e o mar deram decerto os seus energicos elementos de vida e de saude.

A lingua, que predomina n'esta verdadeira babel

das linguas neo-latinas, é uma lingua rude e forte, energica e concisa, aspera e desagradavel, alguma couza de rustico e grosseiro. E'-me quazi impossivel entendel-a; é o catalão popular.

Voltei ao hotel para almoçar e aqui encontrei, de sobre-casaca e chapéu alto, o meu excellente e instruido companheiro de viagem, que amavelmente se propunha a servir-me de guia. Accitei e seu convite, e, depois d'almoçar, tomamos uma sege e fomos ver a cidade e visitar os seus principaes monumentos.

Subimos de novo a Rambla até á grande praça, d'onde a avenida desce para o mar.

Estamos em pleno bairro da Universidade; e o meu *cicerone*, instruido e cioso de fazer a um portuguez as honras da sua cidade natal, explicava-me que as muralhas, que tinham permittido a Barcelona sustentar tantos assedios celebres na Historia, haviam sido demolidas ha annos, o que dá logar a que a cidade possa com vantagem alargar-se e engrandecer-se, e em cada anno *embellezar-se* consideravelmente, dizia.

Effectivamente uma grande parte de Barcelona, apresenta esse aspecto das modernas cidades, que parecem mandadas construir agora, expressamente por ordem superior, e em cujos planos se obedece sobre tudo á preocupação de despertar a admiração dos estrangeiros e dos provincianos.

Infelizmente o gosto da Europa em cada dia

vae-se accentuando de mais em mais pelas grandes construcções banaes e decorativas, procurando-se por isso nas povoações mais o effeito geral do que a commodidade dos habitantes, ou a pureza original do estylo.

Quem sahio da monotona baixa de Lisboa, e, tendo atravessado as antigas e irregulares povoações da Hespanha, tão cheias de pittoresco e caracter nacional, se acha na parte moderna de Barcelona, encontra n'esta cidade alguma couza que lhe faz lembrar Lisboa, e que não é afinal senão essa regularidade de construcção, tão estimada e admirada hoje, mas que na minha opinião só revela o triste symptoma de esgotamento do poder artistico nas sociedades. Imagine-se, pois, se eu ouviria sem replicar a asserção que Barcelona se ia embellesando por tal maneira. Entretanto a grande avenida — *Paseo de Gracia* — excede de certo em belleza e amplitude a nossa projectada Avenida da Liberdade.

Felizmenteess a parte nova, banal e artificial, não prejudica o effeito produzido pela velha cidade com as suas ruas estreitas, tortuosas, um tanto sombrias, e onde os numerosos monumentos attestam as grandezas passadas da velha capital da Catalunha.

Passemos primeiro defronte dos antigos passos do municipio de Barcelona, onde ha umas janellas, graciosos exemplares do gothico florido, e depois, antes de visitarmos o magnifico palacio, onde hoje

o *ayuntamiento* celebra as suas sessões, subamos pela rua do Obispo até a cathedral.

Admiravel !

Tem-se escripto tanto sobre a architectura gothica, tanta rethorica se tem feito do vago mysticismo em que as almas se deixam enlevar ao penetrarem nas sombrias e mysteriosas cathedraes, que, em verdade, não farei d'esta folha de papel em que te escrevo, nem um tratado de architectura, nem uma poesia romantica, apesar d'esta soberba egreja merecer toda a minha admiração, porque realisa ella o verdadeiro typo do gothico puro em toda a sua bella e grandiosa simplicidade.

Edificada no seculo xiv, o systema de construcção differe dos planos de construcções do estylo gothico hespanhol propriamente dito e reveste um caracter particular, de sorte que poderíamos talvez com propriedade chamar-lhe o gothico catalão.

A particularidade mais caracteristica d'esta cathedral é que os contrafortes ou *gigantes* passando atravez das paredes vão formar dentro do templo as capellas.

O que é realmente surpreendente são os effeitos da luz coada pelas altas e estreitas janellas ogivaeas atravez dos vidros coloridos das mais delicadas pinturas. Que fina riqueza de purpura, de azues, de vermelho e de oiro ! Que delicadeza de tons ! Uma mancha de luz vermelha, sangrenta, batia em

cheio, n'este momento, na face pallida de uma enorme cabeça de moiro, pregada ao meio do grande arco, e produzia o effeito maravilhoso de se nos affigurar que aquella cabeça ainda estava ali quente e palpitante de intelligencia e vida, para assistir por um castigo terrivel ao culto do christianismo.

Sahimos e fomos visitar ainda outra igreja, Santa Maria, onde ha umas preciosissimas vidraças coloridas ; e depois descemos pelo caes.

Seguindo as galerias de Xifré, onde a maior parte das agencias maritimas teem os seus escriptorios, chega-se a uma grande praça, donde a vista descobre o grandioso *boulevard, El Paseo de Colon*. N'esta praça levanta-se a estatua de D. Antonio Lopez, marquez de Comillas, o audaz armador que fundou a formidavel *Companhia Transatlantica*, e que, começando por ser um simples adêlo em *Puerto Rico*, chegou a milionario e a grande de Hespanha, pelo poder da sua intelligencia, inquebrantavel energia e indiscutivel probidade, o que tambem é uma grande força para vir a ser grande, embora vulgarmente se creia o contrario e até nos jornaes assim se proclame.

A linha de aterro vae correndo á beira mar até ao sopé d'um môrro, sobre o qual a fortaleza de Monjuich se levanta como uma sentinella que, sempre álerta, vigia ao mesmo tempo o porto e a cidade. Uma numerosa guarnição, servida por uma formidavel artilheria, contem em respeito esta popu.

lação activa, intelligente, irrequieta e turbulenta, que vive sob as boccas dos canhões, mas cujo temperamento revolucionario tem afrontado mais d'uma vez o poder dos reis e dos regentes. Consequentemente a guarnição de Monjuich nunca é composta de catalães, desde o tempo da regencia de Espartero.

Mas, se a memoria de Espartero é detestada pelos barcelonezes, a de Prim, um verdadeiro catalão de Reus, é venerada como a do mais illustre dos patriotas.

N'estes dois sentimentos oppostos da alma catalan ha duas nuvens de tempestade politica, que engrossam carregadas de electricidades contrarias, cujo choque hade afinal determinar a grande revolução em Hespanha, revolução que assentará definitivamente, talvez, a constituição social da nação.

Antes porém de fallarmos de politica e de fazer phantasiosas prophcias, voltemos ao municipio, onde me dizem haver quadros antigos da escola de Aragão (sic) e uma grande tela de Fortuny, não acabada, representando a batalha de Tetuan.

Prim, o heroe da batalha, occupa o centro da tela; montado n'um soberbo cavallo arabe, domina pela heroicidade sympathica, que da sua pessoa se irradia, todas as numerosas figuras que se agrupam em volta do chefe, ou que se agitam a um e outro lado e ao fundo, animadas de differentes movimentos.

Parece-me que a harmonia que mantem n'este quadro a linha de movimento tão complexo de tão diversas acções e atitudes, é que constitue o seu grande merito, realçado pela riqueza de tons e colorido especial, e pela expressão característica das phisionomias das diferentes raças. E' um grande quadro mural, que occupa o vão d'uma parede da sala das sessões do *ayuntamiento* de Barcelona, e feito manifestamente no intuito de perpetuar a lenda patriótica de D. Juan Prim. Mariano Fortuny era tambem catalão de Reus, creio.

Voltámos quasi de noite para a Rambla pela rua de Fernando VII, pela Praça Real e por uma *passagem* envidraçada. Havia já illuminados, de um lado e outro, magnificientes armazens e lojas de todas as especies, d'um luxo e d'uma elegancia, de que realmente não dão uma idéa os mais ricos e elegantes estabelecimentos de Lisboa. Na *passagem* alguns armazens occupam dois predios fronteiros e a comunicação d'um para o outro, estabelece-se por um passadiço construido á altura do primeiro andar. Estes passadiços feitos de ferro e vidro estão ornados de flores e plantas, e brilhantemente illuminados, de fórma que são verdadeiras estufas elegantes, phantasticos e graciosos jardins suspensos, que produzem um effeito surprehendente e unico. De noite a perspectiva da *passagem* é a da alea d'uma floresta magica de arvores estranhas, cujas copas, entrelaçando-se, formassem uma abobada con-

tinna de ramagens de mil côres, carregadas de grandes flôres de luz e purpura por entre largas palmas de crystal.

A multidão engrossou consideravelmente nas ruas a esta hora do sol posto ; a multidão dos operarios, o operario de blusa, de pequeno gorro derrubado sobre a orelha, que vem, de mãos nos bolsos, chupando no seu cachimbo de gesso ou de páu, passeiar até á Rambla ou á Esplanada, «Muralla de la mar.»

Ainda aqui se nota em toda esta gente o gosto pela flanação em pleno ar, apesar da rude vida de trabalho que se leva durante o dia inteiro.

As mulheres das fabricas passam em grupos, feias, rudes, angulosas, parando a olhar as montras, onde se desdobram em passadas ondas scintillantes, ou em fofos recamados se aninham, as peças de seda, que ellas, pobres deseherdadas, ajudaram a tecer para o goso de vaidosa voluptuosidade dos privilegiados da fortuna. Observei, porém, que não era n'essas tentações do luxo que se lhe iam os olhos á pobre mulher operaria ; antes de nenhum modo a expressão do desdem altivo e rude soberba, que é o traço physionomico caracteristico d'esta forte raça catalan, se lhes dissipava por um momento ao olharem as lojas de modas e confecções. Quando, em verdade, um sentimento do enlevo e do desejo se lhe traduzia no aspecto, era ao passarem por alguma das largas confeitarias que na Rambla se abrem illumi-

nadas e coloridas. Fatal guloseima! Eu creio que os dois maiores perigos para a classe operaria estão no alcool para os homens, e no doce para as mulheres.

Depois de *passeandar* pela Rambla entrámos nas livrarias.

Centralizando Barcelona a actividade litteraria da Catalunha, as livrarias devem-nos dar pouco mais ou menos uma justa ideia do movimento dos espiritos, pois, é pelos livros preferidos geralmente por um paiz que se reconhece a natureza e tendencia da sua corrente intellectual.

Em verdade, e, bem que isto pese ao meu patriotico companheiro, não podemos deixar de constatar que apesar da Universidade e das sociedades scientificas e litterarias, apesar da renascença inaugurada ha mais de quarenta annos e das producções da litteratura local e das folhas de propaganda, não é o elemento catalão que predomina na livraria.

O elemento estranho prevalece ao local. A maior parte dos livros expostos á venda são hespanhoes e francezes;—romances, livros de vulgarisação scientifica, tratados para as escolas, resumos, compendios; além d'estes poucos livros inglezes; italianos menos ainda; em allemão raramente se vê um; e em portuguez absolutamente nenhum. Todos os jornaes de Madrid se vendem pelas ruas, ou se encontram nos cafés, e dos periodicos francezes, o

Figaro e as folhas radicaes são os mais espalhados e lidos.

Comprei a obra primâ da moderna litteratura catalan, um poema intitulado *La Atlantida*, na edição de Paris que traz ao lado do texto a versão em prosa franceza e tem por prefacio um longo estudo, sobre a renascença litteraria na Catalunha, escripto por Albert Savine.

Tendo jantado, quasi só, á meza redonda do primeiro hotel de Borcelona, fui ao theatro lyrico, o *Liceu*.

Cantava-se o *Baile de Mascaras*, e entravam dois artistas que eu conhecera muito em Lisboa na epoca 1880-1881:—mademoiselle Torresella e o barytono Pandolphini. Torresella, apesar de não ser de natureza muito progressiva, ganhou como cantora e como actriz n'estes tres annos decorridos. Pandolphini, esse, sempre o artista superior, actor de primeira ordem, mas voz declinante, infelizmente.

O theatro acabado ha pouco tempo de edificar é um salão vastissimo, talvez o maior theatro lyrico do mundo; mas de grande e pouco ornamentado que é, com os seus camarotes de grades de ferro, e com a immensa altura do seu tecto torna-se frio, á forçada simplicidade elegante.

Estava pouca gente na platêa e os camarotes poucos tambem se achavam occupados. Realmente havia uma falta de linha predominante no aspecto

dos espectadores perdidos, por assim dizer, na enorme vastidão da sala.

Em conclusão, aborreci-me consideravelmente durante a noite, e antes de acabar a opera vim escrever-te esta carta, que de certo será mais enfadonha do que as precedentes, porque me sinto fatigado e doente talvez, um quasi nada.



Na livraria



ois dias de tempestade, que me não teem permitido passear, proporcionam-me em compensação vagares para me demorar mais tempo nas livrarias, conversando sobre assuntos litterarios,

visitar algumas fabricas e tomar relações com distinctos catalões.

Devo, pois, embora de relance, ter feito uma idéa qualquer das duas mais importantes questões que aqui preoccupam os espiritos esclarecidos, a questão da lingua e a questão politica.

Se se me affigura a primeira irremediavelmente perdida, penso em relação á segunda que ha de ser eminente, n'um futuro mais ou menos proximo, o

papel que a Catalunha terá de desempenhar na reorganisação social da Hespanha, e, talvez, de toda a Península.

Não é decerto concedido a qualquer academia regenerar a lingua, que se altera e que se transforma, porque esse trabalho realisa-se espontanea e inconscientemente; e, se a illustres academicos fosse dado tal poder, não seria em Barcelona, onde as relações incessantes com estrangeiros de tantas proveniencias diferentes estão constantemente corrompendo a lingua nacional e fazendo esquecer ao espirito as primitivas fórmas, os velhos costumes, as antigas tradições, e onde o castelbano é o idioma official, que a lingua catalan, refeita, renovada, disciplinada por auctores, poetas e grammaticos de profissão, poderia readquirir a força, o vigor e lustre dos passados tempos.

Este idioma ficticio e artificial, sujeito a regras inflexiveis d'uma arte classica, em que se escrevem os livros e se declamam os dramas, e a que a Academia e o Instituto da *Sciencia gaia*, promettem premios e concedem corôas, nada tem que vêr com essa outra lingua rude, aspera e grosseira que o povo falla, só tanto mais pura de barbarismos quanto os individuos do paiz frequentam menos as terras do litoral.

A evolução é fatal. A mesma causa que orienta n'uma direcção moderna o espirito e o sentimento da Catalunha, tornando-a superior a Castella, qual

é a íntima e constante influencia das ideias francezas, essa mesmo é o mais poderoso elemento que concorre para a corrupção do velho idioma catalão.

Obrigado o povo a servir-se nos seus interesses communs do commercio e da industria e na sua vida official da lingua castelhana, que idioma particular, velho e de ha muito decadente, poderia regenerar-se em condições progressivas de longa vitalidade? Parece-me que nenhum, e é n'estas condições que a tentativa de renascença lucta, sem ganhar terreno, ha uns bons trinta annos já. E o povo parece-me completamente alheio ao movimento renascente. A litteratura popular não se creou, nem lyra dos poetas, tem encontrado echo na alma catalan.

A classe media vive no interesse do commercio e do mundo official, e este é castelhano; e os operarios, essa poderosissima força social em Barcelona nutre-se de ideias francezas de communalismo, que teem alguma affinidade com a tradição da independencia dos *fueros*, e detesta e odeia com toda a energia soberba do seu odio secular o seu inimigo, o castelhano, que, como inimigo é a carne da sua carne, e, por isso, longe de o desdenhar, se interessa com ardor pelo movimento politico de Madrid, lendo os jornaes castelhanos, e rindo das caricaturas dos grandes homens da Hespanha, que os periodicos illustrados da corte lhe fazem conhecer.

Mas se esta crença na renascença litteraria é es-

teril e não terá resultado de vantagem social imediata; tem sido comtudo na minha opinião um grande elemento de equilibrio no movimento politico-social da Hespanha, mantendo os espiritos dirigentes da Catalunha n'essa preoccupação, a qual, ao mesmo tempo que lhes conserva o enthusiasmo e o sentimento patriotico da independencia, tem evitado que permaturamente se lancem n'uma lucta politica, que, por não ser ainda chegado o seu momento historico, só traria improficuamente mais perturbações anarchicas, como succedeu com a revolução de Carthagená e Alcoy; e por consequencia, mais retardaria a revolução definitiva, provocando a reacção inevitavel do governo central.

A revolução sem direcção é impossivel, e os espiritos, que a poderiam dirigir, buscam-a ainda, sem perderem de vista o ideal verdadeiro da federação, n'uma origem que não póde dal-a. Quando, porém, se convencerem do engano, talvez então já tenba soado a hora da redempção politica para a desgraçada Hespanha.

Existindo Portugal, como paiz politicamente independente, com uma nacionalidade historica propria, grandiosa de tradição, e, parecendo ter ainda uma grande missão a desempenhar na civilisação do mundo moderno, qual é a missão colonial, e, em todo caso (pondo já de parte o que d'utopia póde haver n'um futuro colonial) ligado intima e necessariamente ao desenvolvimento do Brazil, não é provavel

que nós, portuguezes, venhamos a ter uma influencia predominante e muito menos decisiva nos destinos da nação hespanhola.

O renovamento social da Hespanha provirá dos seus proprios elementos organicos; e isto fatalmente, sendo, como é, impossivel de prever, senão de realisar-se, qualquer intrevenção estranha, dadas as actuaes condições politicas da Europa.

Mas pelo que tenho observado da existencia da nação de hoje, constituida sob a hegemonia de Castella, e dos estudos que tenho feito da sua historia, cujas conclusões tiradas por mim, algumas abi ficaram escriptas de relance n'estas cartas a proposito dos costumes e das artes, parece-me que o renovamento só pelo elemento catalão se poderá vir a effectuar; pois que a Catalunha é o unico dos antigos estados independentes, que por diversas circumstancias historicas, embora dominado por seculos, ainda até hoje não tem sido absorvido na forte unidade politica da Hespanha.

Na verdade, outros centros da população da Península teem tambem affirmado por vezes as suas extraordinarias individualidades resistentes; mas sendo de menor importancia de que os povos d'origem catalan, já em recursos de riqueza material, já em cultura moral, e não tendo nem a brilhante tradição historica, d'onde nasce a confiança no futuro, nem occupando a posição geographica vantajosa de senhoriar os melhores portos commerciaes da nação,

tem-se a sua força ido pouco a pouco dissolvendo em luctas estereis e mal orientadas; e não serão elles decerto que virão a estabelecer a hegemonia no movimento revolucionario. Ninguem mesmo poderá em consciencia dizer amanhã se a energia que lhes restar será empregada a favor, ou contra a revolução.

Emquanto Barcelona pugnar pela idéa democratica e pela revolução social, é possível e até provavel que as vascongadas se batam pelo direito divino e pelo altar.

A tradição, que tem armado todos esses povos contra Castella, é a mesma, a questão dos *fueros*; mas differindo na fórma de tornar effectivas essas antigas franquias populares, uns são pelas modernas fórmas democraticas, outros pelo velho absolutismo real. O absolutismo, porém, é impossivel restabelecer-se na Europa; e o futuro pertencerá decerto a quem for pela democracia. Ainda uma outra differença, profundissima e característica, é que a revolução ha de ser social e não politica, aliás será esteril e perder-se-ha outra vez por inconsequente, como succedeu á republica de 73, que a burguezia castelhana fez e que a mesma burguezia desfez.

Ora em questão social as vascongadas nem sequer pensam n'isso, mas se são inconscientemente por alguma couza, são pelo velho communismo monarchico, emquanto que Barcelona e todos os centros industriaes são pelo socialismo; e Castella e a Andaluzia,

ricas herdeiras dos velhos bandidos que exploraram a America e de quem herdaram os vicios do sangue e o brutal egoismo dos sentidos, são pelo individualismo da rica, ou remediada burguezia que n'esta hora governa a *nobre terra das Hespanhas*.

Eu creio que esta deversidade de opiniões, mais ou menos inconscientes, é a unica cauza das repetidas revoltas estereis e *pronunciamentos* de cazerna e, secretaria, que só teem tido como resultado o enfraquecimento da nação, continuando Madrid a viver na allucinação d'uma digestão difficil e pezada, na qual a burguezia, esse enorme ventre nacional, vae transformando em podridão todos os fructos ricos da seiva nova, que a nação produz.

Eu creio que os vivos são, demais em mais, governados pelos mortos, e que o poder da tradição é tal que difficilmente se vence em seculos, a influencia d'uma dada civilisação anterior, no futuro d'um povo, quando tal civilisação constitue a cultura da sociedade. E quando digo cultura quero significar o estado intimo da consciencia nacional. Se o termo cultura não convier, em teu entender á idéa que pretendo exprimir, procura tu outro, que no inexgotavel thesouro da lingua portugueza has-de encontrar decerto, visto que tens as chaves da burra, na qual eu, pobre caixeiro de fóra, não logro metter a mão.

E' da tradição da passada civilisação aragoneza,

que ha de provir o renovamento da grande nação hespanhola.

No velho reino d'Aragão, e principalmente na Catalunha propriamente dita, a renascença greco-latina tinha attingido no seculo xv, quando se deu o nefasto advento de Fernando ao throno aragonez, um grande brilhantismo; e, porque eram historicos e naturaes os elementos da sua evolução, a sua consequencia foi que o estado intimo do espirito da nação era superior ao dos outros reinos da Peninsula, á excepção unica de Portugal, mais do que todos adiantados então. Os aragonezes gosavam já de liberdades taes, que, em comparação com os seus visinhos das planicies de Castella, se podiam considerar independentes e cidadãos.

O que a Hespanha teria sido, se a velha civilisação arabe de Granada se tivesse fundido sem luctas com a renascença greco-latina, de que Aragão era theatro, não o poderia talvez dizer o historiador mais poeta; pois tendo-se realisado tal fusão em Portugal e tendo sido ella a cauza premodial da nossa assombrosa grandeza do seculo xvi, quando tão pequenos eramos em territorio e em recursos de gente, que pouco mais d'um milhão d'almas contaria a população portugueza, que prodigios, que assombros e que duradoiro poderio não alcançaria a Hespanha, vasta de territorios e riquissima em recursos de toda a ordem, se uma cultura scientifica e um forte espirito de liberdade e confiança no fu-

turo a unificasse e lhe dêsse uma orientação consciente e justa!?

Como sabemos, com a expulsão de mouros e judeus perdeu a nação o que n'ella havia de sciencia, de poesia, de commercio e de industria.

Similbante ao que se deu em Portugal com a expulsão de judeus por D. Manuel, nas provincias do norte de Hespanha e principalmente em Aragão, se o abalo foi forte e a decadencia principiou então, o espirito d'esses povos, entretanto, tinha já sob um regimen benigno de tolerancia politica e religiosa e de cultura litteraria e scientifica, atingido um tal grau de civilisação propria e a sua consciencia adquirira esse estado intimo de consistencia de character, que, embora abafado sob o pesado manto do despotismo e já meio asfixiado pelos fumos das fogueiras da inquisição, subsistiu sempre como elemento vivo e original, prompto a expandir-se ao primeiro sopro da liberdade.

No Aragão, como em Portugal, quando a estúpida presseguição começou a sua obra, já o espirito da nação estava formado pela quazi fuzão da civilisação christã e da civilisação arabe, pelo trabalho de alguns seculos de liberdade, enquanto que, no sul e no centro, á conquista christã seguiu-se quazi immediatamente o despotismo e a intolerancia.

Um dos artigos da carta de Aragão dizia expressamente: *Nunca inquisição alguma se poderá estabelecer.*

Mas D. Fernando d'Aragão caza com Isabel de Castella, e um e outro, que haviam usurpado os respectivos thronos aos seus legitimos herdeiros, viram na obra da unidade monarchica da Peninsula a garantia da estabilidade da sua dynastia.

Na côrte d'Aragão, os homens mais influentes eram de origem e raça hebreá, convertidos ao christianismo. Os nobres, cavalleiros, magistrados das cidades, professores das universidades, emfim todos aquelles que a educação elevava, conservavam o amor da liberdade, e todos se diziam *amantes de las luces*.

Havia côrtes, pacto fundamental, instituições communaes.

Os monges, porém, exerciam uma certa influencia preponderante sobre a arraia miuda, e o rei não hesitou em apoiar-se nos frades, que influíam no povo, para vencer as resistencias dos seus esclarecidos e liberaes vassallos, que gosavam ainda de privilegios feudaes que convinha absorver na unidade do poder real.

O resultado da lucta política era inevitavel.

O rei não encontraria de certo no povo, para quem os senhores feudaes eram benevolos e respeitadores das liberdades communaes, de que elles mesmos tambem desfructavam e de que haviam sido os propugnadores durante a revolução da União, — lucta de fidalgos e burguezes contra o poder real, — um elemento de guerra contra elles, se não se

apoiasse nos frades, que influenciavam os animos populares; e os frades, por sua vez, não serviriam o rei, senão servindo-se a si e tirando da lucta, em que entravam, o aniquilamento da raça inimiga dos judeus.

Os frades e o rei triumpharam; os judeus foram expulsos; e o feudalismo, que já de longe vinha enfraquecido pelas instituições communaes, extinguiu-se, fundindo-se no principio da independencia e liberdade d'esta instituição o espirito da liberdade e independencia, que creara outr'ora o feudalismo.

O que, porém, nem os frades, nem o rei puderam vencer e aniquilar, foi essa consequencia da cultura da Renascença, essa aspiração da independencia communal, essa consciencia de homens livres, que mais se affirmou e maior força de character adquiriu com o resultado da obra politica da unidade do poder real, porque, identificando-se os interesses politicos dos senhores com os dos burguezes da communa, creou-se, para nunca mais se extinguir até hoje, o espirito da independencia communal e quasi de nacionalidade propria no seio da grande nação.

Quão differente, porém, não foi d'este resultado, o que a mesma acção unitaria produziu no sul e no centro da Hespanha!

No sul e em Castella, o espirito popular afundou-se allucinado nas trevas da intolerancia.

A obra estava apenas começada e já Fernando e Isabel tinham de luctar, não com o poder espiritual

do clero, a cujo dominio haviam submettido á força a alma nacional, mas com as pretensões e velleidades de poder temporal, que os bispos se iam attribuindo em detrimento da absoluta soberania dos monarchas. Já os altos dignatarios da egreja pretendiam em seu proveito crear em Castella um feudalismo ecclesiastico, a que sómente a manhosa politica d'esses dous grandes velhacos, que se chamaram Fernando d'Aragão e Isabel de Castella, poderam illudir com affectadas transigencias hypocritas.

Um facto curioso se deu por occasião do nascimento de Catharina de Aragão, a que depois foi a desgraçada mulher de Henrique VIII de Inglaterra. Nasceu essa princeza em dezembro de 1483 no castello de Alcalá, castello que era ao mesmo tempo uma fortaleza e um sanctuario e de que o cardeal Mendoza pretendia ser o unico senhor.

Terras da egreja, dizia elle, e nem a propria rainha, embora este castello domine a estrada que de Toledo conduz a Saragoça, pode aqui exercer o seu direito de soberana.

Mendoza não consentiu que outro, alem d'elle, tomasse conhecimento official do nascimento, o registrasse e ordenasse a cerimonia do baptismo da princeza.

E os reis não ousaram cortar a questão, que foi submettida a arbitros com ordem secreta de protolar a decisão. E de facto todos os interessados morreram, antes que a sentença tivesse sido pronunciada.

Seguiram-se todos os momentosos acontecimentos dos reinados de Fernando e Izabel, o descobrimento da America; seguiu-se o imperio de Carlos V e as conquistas; o sombrio governo dos Filippes e a união politica de Portugal ao resto da Peninsula; enfim a grandeza ephemera e a decadencia rapida da Hespanha.

Entretanto, o espirito e a vida do povo aragonez concentravam-se de mais em mais na aspera rudeza da sua existencia de montanhezes; e a Catalunha ferida pela decadencia das grandes cidades do Mediterraneo, — que se seguiu ao descobrimento do caminho maritimo das Indias —, entretinha a sua actividade intellectual e mercantil no commercio da vizinha Italia, cuja influencia, se não se manifestava fecunda em progressos, o que seria impossivel dadas as condições sociaes e politicas da Hespanha d'então e da propria Italia, — ella mesmo sujeita ao jugo estrangeiro — mantinha comtudo viva a tradição de liberdade, que a cultura da Renascenca creara na alma catalan.

Emquanto, pois, o resto da Hespanha se perdia na allucinação do terror do inferno e na da sede do oiro, nas suas provincias do norte, n'umas, em que dominara a França, n'outras, como em Aragão e Catalunha, onde a cultura anterior imprimira caracter proprio ao espirito do povo, subsistia vivaz o germen de liberdade e independencia, unicas fontes de regeneração das nações. Assim, a cada momento em

que a atmospherã politica se lhe tornou propicia, uma forte commoção de vida se tem manifestado sempre, desde 1640 até ao presente, n'esses antigos povos do norte da Hespanha.

E, agora, que os horizontes sociaes se começam a esclarecer e que uma reversão á intolerancia e ao despotismo parecem irrealisaveis, e que as circumstancias economicas e geographicas fizeram de novo de Barcelona a capital commercial da Hespanha, difficil, senão impossivel, será impedir a esses povos do norte o natural desenvolvimento, retardado, mas nunca extincto, do seu espirito liberal e progressivo.

A Barcelona necessariamente competirá o predomínio n'esse movimento renascente; e, pelas condições da sua população operaria, pela natureza da sua existencia economica e industrial, pelas condições tambem da vida agricola da Catalunha e das montanhas do Aragão, a revolução, que será inicialmente politica a favor das velhas instituições communaes dos *fueros*, transformar-se-ha naturalmente n'uma definitiva revolução social, pela reorganização do trabalho e da propriedade, favorecida pelo justo systema politico da descentralisação communal.

A republica federal da Hespanha originára a hegemonia das populações do norte na organização politica da nação, e o renovamento moral e social operar-se-ha lenta e gradualmente, mas proficua e progressivamente.

Eis a largos traços esboçada a minha opinião ácerca

do futuro social da nação hespanhola, a qual, embora enferma e louca, ha seculos, tem ainda no seu corpo elementos de vida bastante energicos, para que, n'um verdadeiro renascimento venha a desempenhar no mundo a grande missão, a que a destina a sua soberba posição geographica, qual é a de centralisar e servir de foco de irradiação ao movimento das relações dos tres grandes continentes que a rodeam, a Africa, a Europa e a America. Então a Hespanha será o que nós não podémos, nem poderemos ser, pela exiguidade do nosso territorio europeu.

E nem se diga que a união iberica daria a Portugal a hegemonia, que ao Aragão e á Catalunha eu venho de attribuir n'um futuro mais ou menos proximo, e que d'essa fórma teriamos, na missão civilisadora da Peninsula o principal papel historico que, separados e independentes, tem de ser secundario e auxiliar, porque é claro que a nossa existencia autonoma durante tantos seculos creou-nos caracteres particulares, que nos são já talvez essenciaes e que necessario se tornaria perder para que tal influencia se estabelecesse. E quem sabe se, perdendo-os, não perderiamos tambem as altas qualidades que os originaram; emquanto que o Aragão e a Catalunha, sem terem perdido o seu caracter especial, se identificaram pela acção do tempo e em virtude de outros cauzas ainda, em muitos pontos, com o modo de ser da nação hespanhola, e de fórma tal, que talvez não haja em toda a Peninsula hoje provincias mais

hespanholas de que o Aragoão e a Catalunha. Quero com isto dizer que é ahí onde quazi unicamente se encontra na alma popular esses sentimentos de dignidade e independencia, de que se possa seriamente derivar o espirito da nacionalidade.

A Peninsula tem direito a fixar a orientação commercial das relações da America e da Africa com e Europa, porque trez quartas partes do continente americano são hespanholas e portuguezas pela raça e pela lingua, e mais de metade da Africa austral é portugueza; alem de que é de tal modo favoravel a esta missão a posição geographica da Peninsula, que basta ver que todas linhas de navegação para aquellas regiões tem de passar nas suas aguas e á vista dos seus portos; e por assim dizer, os perigos e asperezas da derrota principiam onde findam os ultimos cabos septentrionaes da costa peninsular.

A Portugal cumpriria, dizem, exclusivamente esta missão. Mas se Portugal é o *caes da Europa*, entre esse caes e o resto do continente estadeia o vasto territorio da nação hespanhola, como poderiamos pois realisar-a, sem que a Hespanha d'ella se compenetrasse tambem e fosse conosco solidaria?! Fazer de Portugal a escala do commercio da Africa e da America do sul com a Europa, como muitos pretendem, sem uma liga de interesses com o resto da Peninsula, é grande absurdo, impossivel de realisar, porque nem Portugal teve jámais recur-

sos industriaes sufficientes para satisfazer as exigencias d'esse commercio, nem, que attingisse o maximo desenvolvimento da sua industria, seria bastante a sua producção para se impôr e supplantar a concorrencia da Europa.

O que succede hoje com o commercio das colonias da Africa occidental, que um systema necessario e justificavel do proteccionismo obriga em parte a escala de Lisboa, mostra, no atrazo d'essas colonias, quam fraco é o meio artificial da imposição governativa quando as condições economicas da industria d'um nação não determinam fatalmente a orientação das suas relações commerciaes. E depois a America hespanhola e a America portugueza são hoje nações livres e autonomas, a quem as conveniencias proprias podem fazer preferir as relações commerciaes das antigas metropoles, mas que, de mais em mais, d'estas se affastarão, se outras relações forem amanhã mais propicias ás suas necessidades e interesses.

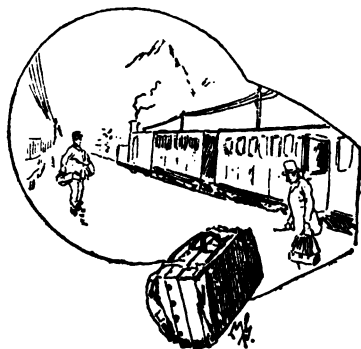
Tem a Peninsula ainda poderosos elementos para realisar essa missão, missão que tornaria as antigas colonias mais proveitosas para as antigas metropoles, hoje como nações independentes, do que jámais poderiam sel-o como dependencias suas.

Mas para isso seria necessario que n'um só pensamento unico se unissem os esforços solidarios das duas nações da Peninsula, que uma nova existencia do trabalho nacional e actividade industrial para ellas

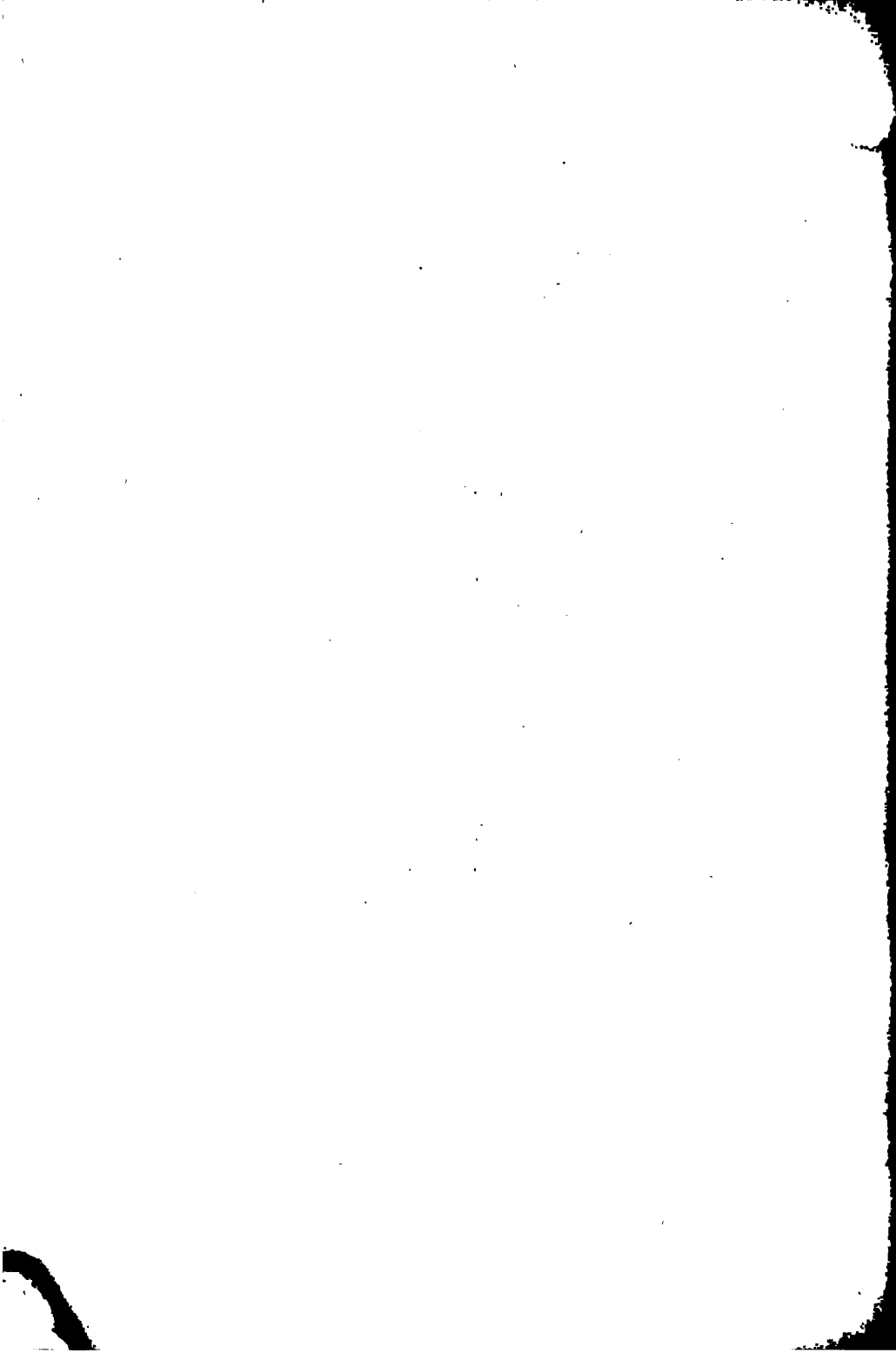
renascesse em condições progressivas e justas; e tudo isso é impossível sem uma completa revolução política em Hespanha, e sem uma definitiva e racional reorganização social, tanto em Portugal como em toda a Península, porque, com o actual parlamentarismo e, consequentemente com o predomínio dissolvente da burguezia uzuraria e egoista, nada é realisavel nas sociedades senão a intriga, a corrupção dos costumes, a centralização absorvente do capital, emfim a plethora bancaria ao lado da miséria nacional.

Mas realizar-se-ha a revolução?

Decerto, e o perigo para a Península só está em que talvez essa hora de redempção social soe muito tarde para ella, a tempo que já tenha perdido muito dos grandes elementos da prosperidade futura que ainda lhe restam.



NICE





Em caminho

Tomei hontem o trem das duas horas da tarde, e parti para Marseille, afim de seguir para a China a bordo de um dos paquetes da companhia das *Messageries Maritimes*.

E', realmente, encantadora a vista que se disfructa da estrada ferrea durante as primeiras leguas, ao sahir de Barcelona. Nada ha mais agradavel, decerto, do que a amenidade d'esta paizagem, depois de se ter atravessado os adustos sertões da Peninsula, pelas aridas campinas da Estremadura e de Castella, e de se ter galgado pelas gargantas das asperas montanhas do Aragão.

Agora, á nossa direita, estende-se o mar, e que mar! D'um azul de anil, com a doçura delicada do setim, arfa n'uma palpitação suave, vindo sacudir,

brancas como flocos d'arminho, as delgadas espumas da sua pequena e branda rebentação, quasi sobre os *rails* do caminho. Nas praias, grandes barcas de pesca, pintadas de côres vivas, umas brancas com grandes olhos de um e outro lado, á prôa, outras todas negras, jazem sobre a areia, como peixes monstruosos, arrastados para terra, ao abrigo da tempestade dos dias anteriores. Os pescadores conserlavam as redes estendidas sobre a areia.

Do outro lado, começavam as terras de vinha, dispostas em socalcos nas primeiras elevações do terreno, que sobe mais além em montanhas verdadeiras.

Antes de anoitecer já havíamos galgado o cordilheira e corriamos por entre verdadeiras florestas de castanheiros, carvalheiras e azinheiros; cortavamos lagoas e passavamos torrentes, em plena região dos Pyrineus, alumiados por uma luz diffusa, d'um tom unico, entre alimonado e pardo. No ar, d'uma grande rarefação, immensas nuvens escuras, orladas de luz, pesavam, e algumas arrastavam-se nos vales, em espessos turbilhões alvadios, abaixo de nós, que corriamos pela crista d'uma *sierra*. Por fim, anoiteceu; uma noite sem luar, ao principio, e por isso, sem paizagem, porque, o que faz a paizagem é a luz. Uma praia arenosa da Trafaria, uma sarça na praia da Ericeira, uma sebe de cannas secas n'uma charneca de Beja, teem mais magnificencia quando são douradas pela luz do sol poente, ou rozadas pelos raios da aurora, de que os altos Py-

rineus d'este lado da Catalunha. Agora, formas indíceas de grandes monstros agachados nas trevas, de ventres enormes, titânicos pescoços de papeira, cabeças descommunes, irriçadas de gigantescas arvores seculares por armas; eis o que medonhamente se nos affiguravam os pincaros alcantilados e os cabeços escavados da *cordillera*, immersa na escuridão d'uma noite calleginosa, como a de hontem, e cuja illusão era phantasticamente enriquecida pelo estrepito das torrentes espumosas que vão mugindo pelas quebradas.

Passámos por uma cidade antiga, construida á beira d'um rio estreito, estagnado e immundo. Parámos um instante, á quem do rio, em frente d'uma muralha sinistra e escura; e bem pôde ser que do outro lado d'esse velho muro esverdeado de musgo, uma lenda tragica da idade-media se vivesse ainda, tão romantico e mysterioso era o aspecto d'essa escura cidade acastellada. Não me lembra o seu nome, mas deve ser celebre nos fastos das guerras do Aragão.

Passámos a fronteira franceza; mudámos de trem, e continuámos o caminho atravez dos Pyrineus. Rompera a lua, e o luar, na verdade, tornou mais grandioso o especto das montanhas, augmentando o effeito de seus angulos e resaltos, das suas grandes linhas de sombra ao longe projectadas.

Cada valle, cheio de arvoredo, cada cova, com os seus lagos, cada clareira com as sombras vacillan-

tes das arvores isoladas, cada massa escura de floresta, cada rochedo de fórmias atormetadas e duras, se nos afiguram, ao luar, um templo de mysterio e solidão; e os lucidos nevoeiros, derramados nas quebradas, passam como fluctuantes e fugitivas visões phantasticas de brancas sacerdotisas do silencio.

E assim iamos deixando a louca e ensanguentada Hespanha, para entrarmos na heroica e radiosa França, saindo por este paiz, povoado de mysterios e segredos, como se entrassemos na vida apoz um longo e pezado sonho, enredado de maravilhosos episodios tragicos. N'uma volta do caminho, andámos alguns minutos paralellamente á linha da fronteira, e, do lado da Hespanha, a lua cheia elevára-se sobre uma lombada escavada da serra, pallida e nua como a cabeça d'um velho inquisidor sinistro.

.....
.....

De manhã, quando acordei, já corriamos n'um terreno muito accidentado de colinas, plantadas de oliveiras armadas muito baixo, e furado de tuneis. A estrada ia costeando as praias do Mediterraneo, que á direita arfava, batido pelos raios do sol, em ondulações de azul e oiro. Ás seis e meia da manhã, chegávamos a Marseille.

P. S. Um tempo abominavel o dia inteiro. Fui com o nosso consul, o amavel D. Garcia de Men-

donza, um original, ao escriptorio das *Messageries Maritimes*. O paquete, que deveria sair depois d'amanhã, segundo as indicações do agente de Lisboa, sabiu já, ha dois dias, e só d'aqui a treze sahirá o *Yangtse* para Shanghae. Treze dias é que eu não fico em Marseille a conversar com D. Garcia, não. Ir a Paris? Não; oito dias é pouco para ir a Paris. Vae começar o carnaval. Irei pois a Nice, e voltarei depois a Marseille, para embarcar no tal *Yangtse*. Partirei ámanhã.



19 de Fevereiro



uma e meia da tarde sahi de Marseille pela linha de Toulon, tendo tomado no wagon, o meu lugar do lado direlto, como sollicitamente me recommendára o illustre D. Garcia. É realmente, encantadora a vista

que se disfructa do caminho, o qual, ora furando tuneis, ora atravessando largas planicies de olivae, aqui passa torneando um outeiro, sobre que se ergue um velho castello gothico, ou uma capella ogival, acolá entra n'um vale, onde se levantam modernas construcções ruraes; e assim vae sempre costeando o litoral, que se recorta em angras, em golphos, em bahias.

Torna-se-me, porém, preciso imaginar o azul classico do Mediterraneo, derramado sobre as aguas, e a viva luz tradicional do ceu da Provença, para poder ter no quadro a côr de convenção dos guias e roteiros, pois o dia de hoje tem teimado em conservar-se d'um pardo sujo, que esfumaria ainda os mais brilhantes tons da paizagem. Entretanto, ao passarmos Toulon, em cuja rada pezavam nas aguas côr de estanho dez, ou doze, couraçados da marinha nacional franceza, o ceu começou a abrir-se em azul desmaiado e suavissimo por entre as nuvens, que se iam esfarapando em brancos turvellinos; e o sol, no poente, doirava o quadro todo d'um tom fulvo e ardente. As oliveiras, envoltas ainda n'umà fina chuva pe-neirada, pareciam, por effeito da refração dos raios do sol, enredar entre as suas folhas de reflexos de prata fôscas, turbilhões de poeira de amethystas e saphiras. Emfim, uma paizagem de um quadro a oleo, molhado ainda pelas tintas frescas.

Deixámos Toulon; e era já noite fechada quando passámos Cannes, no golpho Juan.

O nevoeiro desfizera-se completamente, e as estrelas irradiavam um luar luminoso, brilhando a través do ar lavado pela borrasca do dia. Não sei que mysterio augusto se presentia no silencio d'aquelles olivedos, entre os quaes Napoleão Benaparte esperára o desembarque dos seus, poucos, companheiros na madrugada de 1 de março de 1815, quando, invadindo sósinho a França, abordára aqui, ao voltar da ilha d'Elba.

Bonaparte entertivera-se então a colher violetas no campo; e ao erguer-se a sua sombra epica, projectando-se por sobre a França, chegou até Paris, d'onde a decrepita raça dos Bourbons fugiu, recuando, tremula de medo. Era a monarchia de quinze seculos, a raça ungida de Henrique IV e mais sagrada ainda pelo martyrio de Luiz XVI e armada pela Europa inteira, que assim recuava diante d'um homem, o qual, só, sem exercito, sem alliados, proscripto e vilpendiado, voltava a invadir a França, trazendo na mão, como um poeta, um simples ramo de violetas, que colhera nas costas da Provença, elle, o triumphador de cem batalhas!

Todo o segredo da grandeza de Bonaparte se revela n'esse momento, — a poesia, conquistando o mundo. E Napoleão era, na verdade, um poeta, um poeta enorme, que vivia as creações epicas da sua imaginação genial.

O caminho vinha costeando um mar socegado, que nem o menor bafo de brisa enrugava levemente; a fraca ondulação desenrolava-se sobre a areia sem ruido, nem espuma, e no golpho não havia mais do que uma escuna ancorada e dois barquinhos de vela solitaria, que pescavam; á esquerda, luzia o pharol de Antibes; e, atraz de nós, deixáramos já as ilhas de Lérins, que agora nos appreciam á direita.

Que de recordações se levantam vivas d'este

golpho Juan. N'estas aguas se ergue a ilha de Santa Margarida, onde dezesete annos gemeu o *mascara de ferro*, se tal infeliz é uma realidade e se não symbolisa apenas a tyrannia de Luiz XIV; por estas aguas abordou Napoleão ás costas da França voltando do seu desterro da ilha Elba, a aventura mais artistica e poetica de toda a sua aventureosa e epica carreira. Evadira-se o heroe, ao sahir d'um baile, cujas honras fizera sua irmã Paulina, para vir reconquistar a França e o mundo, como se fosse a correr uma aventura d'amores. E chegou a França, pela risenha tranquillidade primaveril d'uma madrugada de março, quando ainda ha violetas, e as amendoeiras começam a desfolhar as suas brancas flores. E d'estes sorrisos da natureza e d'esta bucolica tranquillidade, sahio a tenebrosa epilepcia dos cem dias e o tragico ruido do Waterloo.



Em Nice



or fim, eis-me
na estação de
Nice.

A carrua-
gem, que alu-
guei na esta-
ção, uma po-
bre victoria puxada
por um magro
cavallo branco, condu-
ziu-me, a través da ci-
dade adormecida e de-
serta, ao *Hotel des Princes*,
situado no extremo oriental
do *Quai du Midi*, junto da
velha torre de menagem do
historico castello.

Soberbo hotel, e admiravel sitio !

O *Quai du Midi* é uma larga e comprida rua
marginal, que vae contornando a bahia *des Anges*,

arborizada de palmeiras e limoeiros desde a torre até á foz do rio *Paillon*, sobre o qual se passa por uma ponte para o *Promenade des Anglais*, continuação da grande avenida que vae correndo á beira mar, e assim chamada, porque, na intenção de dar trabalho aos indigentes, a colonia britannica de Nice nos invernos de 1823 e 1824 fez construir uma parte d'esse pittoresco passeio.

Sumptuosos palacios e elegantes chalets, entre as arvores e flores de cuidados jardins, se elevam sobre este caes magnífico, n'uma extensão de quazi uma legua. As ondas da bahia veem quebrar-se contra a muralha de suporte d'esse avenida de palmeiras, acacias e limoeiros, que contorna o Mediterraneo n'uma grande curva elegante e facil, como se marginasse um manso lago d'alguma rica *villa italiana*.

Deu agora meia noite; abri a janella do meu quarto, que deita para o mar. Que doçura infinita n'essa atmosphaera perfumada pelo acre cheiro da marezia! Que muzica extranha e vaga, a do vento nas folhas das arvores, que assombram a avenida! E este som unico, como das cordas d'um instrumento rudimentar, que produzem as folhas da palmeira vibradas pela aragem!?

Quantas noites nas viagens pelos sertões d'África, deitado sob o luminoso ceu dos tropicos, junto d'uma fogueira acesa para afugentar as feras e secar o ar, cercado por pretos boçaes, que dormiam

como novilhos negros e reluzentes sobre o capim queimado, eu, cansado do trabalho do dia, adormeci embalado por essa mesma musica suave e indefinida, murmurando, esquecido da hostilidade d'aquella natureza mortifera, algum doce verso de Virgilio, ou alguma santa oração da infancia!...

O mar socegado estende-se em frente, azul e escuro como um immenso campo de violetas, a través do qual a esteira do luar abrisse uma larga estrada de luz. Que immensa tranquillidade!

Fiquei-me a contemplar este quadro d'uma noite de luar; e ao meu espirito, embebido nas suas meias tintas suaves, acudiam quantos doces pensamentos ainda restam no fondo da minha alma, encanecida pela aspera lucta d'uma vida que só de si tem vivido.

Parece-me conhecer este mesmo ruido das vagas quebrando-se na praia, e sentir a mesma sensação de doce anciedade, que deve experimentar o exilado ao voltar do desterro, quando ao pôr do sol, ou por uma noite de luar, avistando já o branco campanario da sua aldeia, sente na volta do caminho o ciciar do vento nos olmeiros da fonte, tão seu conhecido por o ter ouvido, quando criança ali brincava nas suas faltas á escola, ou quando de noite ia, facinora impune, armar aos passaros. E, de certo, eu visitára já Nice varias vezes na barca festiva e doirada da minha imaginação. A familia de minha mãe, que tem um sonoro appellido italiano, é

originaria de Nice; e esta doce palavra — Nice — era tudo quanto eu sabia do passado d'essa familia, e constituiu sempre para mim, pela sua doçura, uma completa legenda poetica.

Eu nada mais sabia do que fosse essa terra, que tinha um nome tão suave; mas imaginava-a uma branca cidade á beira do mar, d'um azul profundo e cristalino, onde passassem velas brancas, banhada de luz, cheia de flores, e onde a vida deslissasse doce e sem ruido, os homens cheios de bondade e as mulheres, esbeltas com os seus brancos perfis de madonas, olhos grandes e cabellos negros com os reflexos metallicos, que o sol ardente do meio dia põe, como uma auréola de luz, nas cabeças das mulheres do sul.



20 de Fevereiro



s sete horas da manhã estava na rua.

Era necessario aproveitar o tempo para ver e estudar a cidade; esboçar-lhe o perfil; e, como um engenheiro o faz com quatro linhas traçadas n'um pedaço

de panno encerado, gravar na minha imaginação e na minha carteira de viagem o aspecto d'essa formosa terra.

A cidade está construida n'uma baixa fechada por elevações de terreno, que em volta se vae erguendo notavelmente. A leste prolonga-se uma cordilheira escarpada formada pelas serras *Mont-bron*, *Mont-alban*, *Mont-vinaigre* e *Mont-gros*; ao norte e a oeste, no

primeiro plano, erguem-se colinas de suaves declives, cobertas de oliveiras, entre as quaes, aqui ou acolá, se acanastram os tufos de verdura de diferentes tons das *villas*, entre os quaes branquejam as casas de serviço e recortam-se no fundo azul do ceu os tectos dos chalets elegantes, as flechas d'alguma abbadia de phantazia, ou as ameias dos castellos feudaes d'algum burguez enriquecido; e, no segundo plano, elevam-se verdadeiras montanhas, que são dominadas pela soberba pyramide do *Mont-Cau*, e que, de cimo em cimo, vão subindo em amphitheatro até ás cristas dos Alpes, resplandecentes de neve.

Os velhos bairros de Nice, que formam, do lado occidental do rochedo do castello, uma especie de enorme triangulo, limitado ao sul pelo passeio *des Cours*, e a oeste pelo leito pedragoso do *Paillon*, devem ter conservado quasi inteiramente o seu antigo aspecto. Como em todas as velhas cidades do litoral, algumas ruas sujas e tortuozas vão escalando a colina, enquanto outras mais regulares, mas estreitas, são menos íngremes e mais limpas.

Depois de errar toda a manhã por esses bairros sujos, onde o povo, sobre tudo as mulheres, tem uma phisionomia mais italiana e vive ás portas das casas n'um *dulce far niente*, achei-me na moderna praça do Phoceos, plantada de plameiras e d'outras arvores exóticas, e em cujo centro se vê uma graciosa fonte, esculptura grega dada por um imperador de

assistia n'uma terra qualquer á chegada solemne e official d'um alto personagem de sangue real. A primeira vez foi em Lisboa, quando ali foi Sua Alteza britannica, o principe de Galles, e agora em Nice á chegada de S. M. folgazã el-rei Carnaval.

Emfim, S. M. appareceu no seu traje official, um magnifico polichinello de seda da China côr de rosa. Um enorme clamor de enthusiasmo e admiração se eleva d'aquella multidão de povo n'um momento de felicidade unico.

Sempre sorrindo e magestoso, o rei monta no seu feroz *dragão*, (cujo corpo é coberto de escamas reluzentes, cuja boca vomita chammias de fogo de Bengala e jactos de luz electrica, tendo nas voltas da sua enorme cauda uma charanga desafiada.

Forma-se o cortejo:— á frente, a mascarada de Nice, um cento de arlequins precedidos da gaita de folles e do tambor tradicional. Um arlequin gigantesco leva o estandarte de Nice e agita-o desfaldado, proclamando o triumpho de Carnaval.

Soam as trombetas dos harautos-polichinellos a cavallo, que formam a guarda de honra d'el-rei. Que deslumbrantes uniformes! Enorme chapéu emplumado, meias altas de seda, calções e justilbos de furtacôres golpeados de vermelho; floream nas suas mãos, em vez de lanças, archotes que irradiam phantasticos clarões. Cincoenta d'estes heroes precedem el-rei, e outros cincoenta o seguem. Quando o cortejo chega

á entrada da Avenida da *gare*, el-rei Carnaval, cujo ar simplorio o povo admira, dá vigorosamente o *lá* á sua orchestra, que irrompe com *bravura* n'uma desafinação inaudita; troam os canhões dando as salvas reaes, e toda a Avenida illumina-se de subito a fogos de Bengala, cheia d'um esplendor de magica; burrahs ferneticos atrodoam os ares; e Carnaval, sempre sereno e ingenuo, vae, montado no seu dragão, cercado d'uma multidão dilirante, seguindo o itinerario annunciado até á praça da Perfeitura. Aqui os polichinellos e os arlequins começam uma sara-banda infernal e grotesca, e toda a multidão os imita dançando á roda d'aquelle bom rei, sempre alegre e satisfeito, por cujo espirito superficial e limitado não passa sequer a idéa do supplicio que o espera em poucos dias n'aquelle mesmo logar. Oh santa ingenuidade! Oh cega confiança dos reis!

De repente ouve-se uma voz, a voz d'um Bourbon; é Carnaval que falla: «*Mes enfants, vous êtes bien gentils, mais je suis fatigué; bon soir je vais me coucher!*»

Bonne nuit, grita a multidão n'um côro formidavel; e todos correm para o Casino municipal, onde um grande baile popular começa.

Eu não vou ao baile e volto para casa para te descrever a chegada de Carnaval. Eu detesto os bailes de mascaras; em toda a parte são o mesmo, e sobre tudo para um estrangeiro são uma semsaboria abominavel. Depois sentia-me triste; aquella

esplendor da cõrte do Carnaval apaga-se de subito na minha imaginação; e, por mais esforços que fiz para afugentar as imagens lugubres, recordava-me d'aquella outra recepção, da chegada a Lisboa do príncipe de Galles, da tristeza pobre do cortejo das velhas berlindas da casa real, cheias de virtuosas damas de honor, feias como a propria virtude, e de capitães bonitos, em cujos peitos amantes se enroscam as agulhetas de ajudantes de campo; e d'el-rei, não Carnaval, mas o nosso, inquieto e triste olhando alternativamente para o seu povo silencioso e para as hostis lanças da sua guarda de honra atravez d'uma luneta fumada.

Decididamente, pensei eu, para todo outro monarcha que não seja el-rei Carnaval, ha só um dia no calendario, e esse dia é quarta feira de cinza.



21 de Fevereiro



ceu azul está d'uma serenidade d'abril. Desde as nove horas da manhã uma multidão variada percorre as ruas, fornecendo-se do material de guerra necessario para a batalha da tarde. De quarto em quarto de hora ouve-se um tiro: é o castello, glorioso castello de que só resta a montanha em que assentou, que desde a alvorada

salva alegremente. As ruas estão vistosa e pittorescamente adornadas. Juncadas de espadas e flores, abobadadas de arcos triumphaes de buxo, onde tremulam desfraldadas bandeiras e galhardetes; as ruas de S. Francisco de Paula e o Corso apresentam o

aspecto de uma immensa alegria. As janellas e as tribunas adornadas de festões de setinetta e de flores são os reductos occupados pelos combatentes. A commissão encarregada das fortificações de Lisboa apontarei como modelos de fortificação passageira, alguns d'esses baluartes. E' tudo quanto ha de mais proprio para uma nação guerreira, que, se como a nossa tem o seu passado militar consagrado nos *Luziadas*, tem o seu presente na *Grã Duqueza de Gerolstein*. O systema é de fogos cruzados. *Mascarelli*, da rua de S. Francisco de Paula apresenta as baterias n'uma serie de camarotes guarnecidos de setinetta verde e côr de rosa, encimados por um braço humoristico.

Les bains Polythermes, n'uma sacada, um fortim isolado, tendo a cortina da muralha de setinetta azul, e a signa representando pierrots e polichinellos que põem as saas joias no prego.

O terraço *Visconti*, é a fortaleza typo n'este genero de fortificações,—antigo modelo, larga cortina de muro de setinetta vermelha e, entre bateria e bateria, os mil escudos dos valentes, como na torre de Damasco; o cavalleiro de ripado coberto de setinetta dominando os caminhos; no angulo da esplanada um torreão *capitoné* de setinetta verde. Toda a multidão de dominós e pierrots, que guarnece esta fortaleza, está vestida de verde e amarello.

Emfim, tres tiros de peça dão o signal da batalha. O cortejo que se formou na praça dos Phoceos di-

rige-se para o Corso e Prefeitura aos sons d'uma marcha louca, tocada pela charanga italiana.

Carnaval, sempre sorrindo, vem á frente desenrolando a través da cidade esse enorme rabo-leva variegado de mascaras pittorescas, de costumes imprevistos, de carruagens cheias de dominós.

Aqui vem o *Sabbat das feiticeiras*; um rochedo cavado de grutas, encimado de ruinas entre arvores enormes de fórmas mysteriosas; e esta sinistra paragem é habitada por gatos pretos miadores, mochos, corujas, serpentes e todas as familias de animaes tenebrosos; e ellas, as feiticeiras, corpos de mulher atormentados e invertidos sobre jarretes secos, a cara e os olhos no ventre, e os braços saindo-lhes das orelhas, dansam uma dansa macabra em roda da marmita cabalistica, junto d'um poço encantado.

Acolá avança a *lenda medieval do doutor Fausto*, — entre oliveiras desgrenhadas um branco templo greco religiosamente fechado aos olhos profanos, onde de certo habita essa idéa, fórma, aspiração, desejo, de que, desde Adão, está possuido o sexo feio e que se chama o *eterno feminino*, sublime aspiração instinctiva do coração do homem de se igualar a Deus, eternizando o seu ser na especie que procrie.

Mendigos de longas barbas brancas vadiam gulosos e famintos em volta do templo. N'uma mutação á vista caem-lhes de subito as tunicas esfarrapadas,

e ell-os transformados em feios e membrudos diabos que Mephistopheles commanda. O templo abre-se ao mesmo tempo, e mostra-nos Margarida, a loura Margarida ingenua, sentada a fiar e atirando beijos para a direita e para a esquerda; e, quando pára diante dos membros da commissão que tem de julgar os carros e dar o premio ao melhor, atira-lhes alguns ramalhetes de flores de lorangeira.

Oh casta flor da virgindade! lançada assim por um premio vil aos pés d'um argentario! E és tu, Margarida, oh loura ingenua da lenda! que sem teres ainda visto o fulgor diabolico das joias de Fausto, que deslumbrarão o teu vaidoso cerebro de mulher, adivinhaste já o brilho dos luizes que constituem esse premio appetecido!?

Estamos no reinado de Carnaval, bem sei; mas o Carnaval é a vida real, e cada qual põe a mascara para ser á vontade, ao menos uma vez no anno, o que na sua consciencia desejaria ser, para realizar o typo em que a sua natureza se teria modelado, e a que aspirava, — ser rei, ser guerreiro, ser mulher ou ser palhaço. E a prova é que a maioria dos mascarados são dominós, o informe, o incaracteristico e triste dominó, como na vida a maioria dos homens é de seres moralmente incaracteristicos, indefinidos e informes,—a legião dos insignificantes.

Mas logo vem *Baccho* montado n'um tonel, coroadado de pampanos, cercado de gregos e romanos ebrios. Evohe! Evohe! que alegria enorme!

Adens, tristissima canção do rei de Tule, a taça cheia de lagrimas de saudade, que se ia afundar nas vagas, eleva-se cheia de *lacrima christi*, espumante e coroada de rosas... e viva Pan! Como a vida é alegre e bella se o vinho é velho e a mulher bonita!

E depois... eis aqui a *cosinha universal*; uma canastra de cosinheiros e cosinheiras, de certo de boas casas, vestidas de cachemira branca, meias de seda e sapatos de setim, agitando nas cassarolas confeitos e ramos de flores, que atiram á multidão envolvidos em prospectos coloridos de desenhos humoristicos, onde entre outros conceitos felizes se lê: — *Dite moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es!* Oh! eterna verdade, aphorismo radioso que esqueceu a *La Bruyère*, conceito que melhor explica o destino das nações, que é um facho que illumina a historia e que brilhará como fogo fatuo na necropole sombria dos imperios! De resto, olhae para Portugal, nação que durante seculos comeu orelheira de porco com feijão branco, e dizei-me se não encontraes á luz d'aquelle principio toda a philosophia da sua historia; e, considerando que nos ultimos cincoenta annos tem ido, por falta de meios, cada vez comendo menos, até que hoje quasi não come cousa alguma, facilmente se explica o estado actual da sua politica dispeptica, da sua litteratura pallida, da sua moral cachetica e mesmo da sua immoralidade pelintra, tudo emfim pela fome, porque na verdade, o que Portugal tem, é fome.

Vêde a França, o paiz de molhos leves, e dizei-me se não comprehendéis agora o can-can no divertimento, a quinquilheria no commercio, e na politica uma republica de bachareis, apoz um imperio de dansarinas.

E a egoista Inglaterra, d'onde lhe vem o devorador instincto de tragar a terra, senão do *beef* ensanguentado e crú, que lhe dá aos dentes a força dos carnivoros e ao estomago uma constante sensação de fome canina, insaciavel.

Comparae o que é o macarrão com a maneira facil como as consequencias fermentam em Italia, e reparae como essa fermentação é ephemera, fraca e incompleta, e dizei-me depois se não comprehendéis as antigas revoltas dos pequenos estados da peninsula italica, a sua unidade presente, proveniente apenas d'uma agitação mais vigorosa que levou o fermento revolucionario simultaneamente a todos os pontos, e se não vêdes inevitavel a sua dissolução; se não comprehendéis os musicos da capella, de que os tenores são o typo immediato, ainda que rudimentar, na serie phenomenal da differenciação dos sexos. Mas para que mais, se a antiguidade tem prova bastante em exemplos bastos e fecundos — Sparta, a do caldo negro, e Roma com os seus banquetes lucullianos de morêas engordadas a carne humana, e de javalis collossaes recheados de beija-flores da Abyssinia.

Sim, eterna verdade! Dize-me o que comes, dirte-hei quem és!

Mas, a *cosinha universal* passou, e o cortejo vae seguindo; carros, cavalleiros, damas, curiosos, povo; e esse rabo-leva não tem fim.

De todos os lados começára ha muito o crepitar dos confeitos como uma forte saraivada constante. As mulheres nos trens, nas tribunas e nas janellas, todas parecendo bonitas sob a rede enganadora das viseiras de arame, travam luctas acerrimas, bem que cortezes, de que sabem inevitavelmente vencedoras. Os vendedores gritam: *Bonbons! Bonbons!* As faces erubecem-se; os cerebros embriagam-se; a animação torna-se geral; e d'um extremo ao outro do Corso não ha, durante tres horas, senão perseguições endiabradas, exclamações alegres, frescos risos trinados como canto de passaros, epithetos graciosos, murmurio, vaga confusão, ruido; d'onde sobe como a evaporação d'um licor forte, formando uma nuvem que nada no ar um sentimento maravilhoso de alegria louca, de que irrompe, estala e troa de subito a explosão d'uma gargalhada unanime e festiva, vibrando como uma bola de crystal a resaltar, caindo por uma escada de marmore.

22 de Fevereiro



batalha das flores!
É difícil imaginar-se n'uma cidade sem jardins e sem flores como é Lisboa, o que é este certamente em que, como n'uma batalha verdadeira, sentiamos em nós o fogo sagrado do heroísmo, em que

cada um espera sorrindo receber no peito a bala d'uma rosa, na cabeça a bomba d'um ramo de lilazes, ou desaparecer um momento sob a perfumada metralha de violetas, expondo-se alegremente com o coração a palpitar de entusiasmo e as mãos armadas de enormes ramos de rosas, aos fogos que se cruzam incessantes entre os carros de batalha, e envolvem toda a multidão n'uma chuva embalsemada de

lilazes e flores de toda a especie. Oh! admiravel, encantador, deliciosamente bello! Não, Lisboa, que no carnaval só sentiu na nuca, ao passar na rua, o talo da couve enlameado, despedido brutalmente desde a torre feudal d'um quarto andar, ou na face o açoite das folhas velhas da alface symbolica, não pôde comprehender a delicadeza fidalga d'este combate gentil.

O theatro da guerra oficialmente designado é toda a larga rua marginal formada pelo *Quai du midi* e *Promenade des Anglais*.

Desde a uma hora começam a chegar as elegantes carruagens brilhantemente adornadas, espalhando um perfume delicioso de rosas e violetas, cheias de seducções irresistiveis, de caras alegres, de flores raras. Um grande *landau* vem transformado n'um magnifico monumento, — cercada d'uma grade dourada uma pyramide colossal de violetas encimada por um enorme ramo de camelias; a grade de oiro esmaltada de pequenos ramilhetes; tecidos de flores cobrem as rodas, e atraz pende uma larga tapeçaria da mesma trama, onde se lê, bordada a *myosotis*, «*Salut à Nice la belle — 1884.*» Os cavallos do *landau* atrellados com tirantes de mimosas vão soberbamente empenachados.

Segue-se, tirada por quatro cavallos atrellados a Daumont, a *Yola da Janira*, propriedade do commandante Hargreaves. Os jockeys são marinheiros. Engrinaldada de violetas, com os remadores a postos,

os remos forrados de setim furta-cores, a *Yola* parece vogar n'um mar espumante. Á ré, a familia do proprietario abrigada n'um kiosque de violetas, deve sustentar a batalha.

N'um *duc*, admiravelmente montado, surge uma esbelta rapariga elegantemente vestida, n'um ninho de lilazes brancos, de jacinthos e de capillares; os cavallos enfeitados de fitas e de ramilhetes. Toda a equipagem desaparece sob um diluvio de flores.

Logo d'entre uma moita de margaridas tão frescas que parece que ainda teem no seu pequenino coração amarello uma gotta de orvalho que vae cair em chuva de prata sobre os assaltantes, defendem-se duas louras allemãs.

Depois vem um *landau* que parece um canteiro completo d'algun jardim de Hollanda, cujas flôres estão tão bem dispostas e tão naturalmente, que appetee colhel-as, para com ellas metralhar as elegantes do *four in hand*, que vem atraz extremamente ornado de brancos junquilbos e jacinthos, que formam cascatas espumosas. Seguem-se *breacks*, *victorias*, *mail-coachs*, qual mais elegante e ornado.

Mas as alas são interminaveis, e o desfilhar dos reductos é lento, e a batalha começou logo que os dois primeiros carros passaram diante das tribunas. A principio tiros incertos e isolados, como que a medo, escaramuças mais graciosas que sérias, quando de repente uma carruagem melhor equipada, e mais insofrida irrompe, originando uma deliciosa desordem. É

uma mulher esbelta e elegante, olhos negros, cabelos de ouro cendrado, que de pé no meio d'um enorme montão de mimosas apparece terrivel como Joanna d'Arc, deixando na sua passagem espantoso destroço causado pelos seus sorrisos e pelas suas flores. Um fogo sagrado, uma furia tremenda communica-se a todas as equipagens como um rastilho de polvora; a comprida fila de combatentes inflamma-se de paixão guerreira. Em breve só se vê redemoinhar um mar de petalas de todos os matizes, essencias de todos os aromas, como se um tufão formidavel n'um turvelinho de cinco horas arrancasse folhas, desfolhasse flores, desenraissasse plantas, formando d'um immenso jardim uma larga nuvem transparente de perfumes e côres, nuvem que se alastra, ondeia, eleva-se, abate-se sob o céu azul d'uma doçura de velludo á beira do mar unido e sem uma vaga, onde apenas no horisonte um grupo de barcos de pescadores de branca vella latina se balouça, como um bando de gaiivotas pousadas. E no poente, sobre a collina, ao fim da avenida, o sol parece abrir no céu azul affastado uma porta bysantica de luz, por onde aquelle exercito de combatentes perfumados e brilhantes vae voltar ao paiz de esplendor e dos sonhos, d'onde decerto saiu.

23 de Fevereiro



oje é o dia de *kermesse* na praça Massena, festa de verdadeiro interesse, ainda mais para os desgraçados que fruirão o resultado, de que para os estrangeiros que formam a sociedade do inverno, e, na realidade, de nenhum encanto para um pobre viajante que passa. Demais, uma venda de caridade é hoje o mesmo em todo o mundo, quer seja feita no *Square Massena*, quer na Tapada da Ajuda, em barra-

cas de campanha, entre as velhas oliveiras desgrednhadas, que conheceram Maria I, a *maluca*. Abre o livro de Zola — *Son Excellence Eugène Rogon* — e lê. E' o que melhor se pôde escrever a tal respeito. Em toda a parte ha os mesmos typos de homens galantes e petulantemente generosos; as mesmas

mulheres bonitas de grandes familias antigas, ou da grande burguezia moderna, que nos arrancam o dinheiro, que levamos para lhes dar para os pobres, em troca d'um sorriso ou d'um dito lisongeiro; e na gargantilha d'esta ou d'aquella alguem lerá estremeçando de despeito a celebre letra — *J'appartiens à mon maître.*

Isto, e tudo quanto a tua delicada imaginação de homem de fino gosto se lembrar de inventar d'uma festa d'esta natureza, te dará a ideia exacta da *kermesse* de hoje.

Fallemos portanto um pouco dos monumentos da cidade.

Entremos pela magnifica escada de marmore de um grande edificio que existe no centro da cidade velha; e passemos a notar alguns tectos pintados pelos irmãos Carlone; umas bellas cáriatides n'uma alcova; e eis tudo quanto resta do grande e antigo palacio dos *Lasaris*, uns nobres feudaes do paiz, grandes senhores e famosos bandidos, que ahí pelo seculo XIII andavam em continuas guerras com os seus visinhos de igual cathegoria heraldica e façanhas semelhantes, os *Dorias de Dolce Acqua* e os *Grimaldi* do Monaco. Talavam os campos e roubavam o que podiam, tornando a agricultura impossivel, espalhando o terror e a fome, emfim, uns procursores dignos da praga dos gafanhotos vindos d'África em 1364, praga que originou a peste horrivel que n'esse anno devastou Nice.

Estes Lascaris, como os outros nobres do paiz, depois d'um edito, pelo qual Carlos Manuel abriu em 1626 os portos do condado a todas as nações do mundo, proclamando a liberdade illimitada de transações, viram que ser bons burguezes rendia mais que a pilhagem dos abutres feudaes e, querendo tirar partido das riquezas que a paz e o commercio traziam, alcançaram uma *ordenança* declarando que se podia adquirir titulos e privilegios mesmo fazendo trafico de mercadorias, operações bancarias, ou agricultando a terra. Foi por essa epocha que se construiu o palacio dos Lascaris no estylo dos grandes palacios de Genova do seculo xvii, dos quaes o palacio Castello Melhor em Lisboa é um exemplar notavel.

Para fazer porém, um pouco a historia de Nice, subamos, já que estamos na cidade velha, pela rua do Castello ao monticulo, a que se dá o nome de Chateau, bem que d'essa formidavel cidadella, que foi outr'ora o *boulevard* de Italia, restem apenas vestigios. Do alto da collina, descobre-se um panorama d'uma indescriptivel belleza, outr'ora theatro de tantos dramas sinistros.

Em baixo, em um largo semi-circulo, resplandece e vive toda a cidade de Nice. Immersa n'esse diluvio de luz do meio dia, parece ter sabido n'aquelle momento das ondas crystalinas d'um mar azul, que retirando-se suavemente como um manto de seda azul que se arrasta, descobriram sobre a praia uma cidade formada de luminosas crystalisa-

ções, como uma cidade encantada das *mil e uma noites*. Em volta da cidade desenrola-se a larga facha dos pomares e jardins; depois as collinas; e mais alto o triplice amphitheatro das montanhas; e na planície, nos valles, nas peninsulas, que cercam Nice, e até sobre os rochedos, ha casas de campo, tão approximadas em alguns sitios que as tomariam por graciosas aldeias.

Acolá temos nós na extremidade meridional do promontorio de Montbran a *villa Smith*, uma amostra ridicula do *estyllo baroque*, combinação pateta do gothico, do arabe, do inglez e do rococo. D'ali por uma serie de jardins suspensos, abertos dispendiosamente nos rochedos, desce-se de terraço em terraço até ao mar, e goza-se d'uma magnifica vista da cidade.

Em Cimiés a *villa Mariana*, o *Chateau de Monte Cinella*, e no pendor da collina, proximo da abbadia de Saint-Pons, o bosque de lorangeiras da *villa Clarry*; no Carabacel, a *villa Massingy* e nas alturas, dispersas entre as oliveiras, as *villas* de conde de Chambrin, Van Derwies com os seus grandiosos jardins, *Cassoles* e outros, não menos bellos e sumptuosos.

E além na planície, passando o Paillon? É lá que florescem os jardins que deram a Nice a sua celebridade universal.

Perto do caminho de ferro, no meio d'um bosque de lorangeiras e outras arvores fructíferas, existe a *villa Bermond*, depois a *villa Rosy* com as suas

cascatas e as suas grutas cheias de sombras frescas e perfumadas, com as suas ruínas artificiaes e a sua soberba estufa, onde veio florir a *Victoria regia*; e ao lado a *villa Lefevre*, que foi propriedade de Alphonse Karr. Que recordações nos não acodem ao espirito ao ouvirmos este nome e ao vermos alvejar entre um bosque de olaias e laranjeiras aquella casa encantada. Que romances sonhados sob as tilias! Que dialogos entre as rosas escutados!

O coração illudido um momento tendo perdido a consciencia da tyrannia do tempo e dos factos, na embriaguez suave da luz e do azul infinito do mar, do ceu e das montanhas, palpita de commoção imaginando aproximar-se e ir encontrar n'aquella *villa* o poeta das flores, esse espirito gentil que resume o bom senso humano n'um fino paradoxo e que está sempre na verdade, porque vive da natureza como a vespa vive do calice d'uma roza.

Eis a largos traços representado, quanto possivel, o pittoresco scenario de tantos combates, desde a batalha famosa em memoria da qual os phoceos de Marseille deram, ha vinte e dois seculos, á cidade o nome grego de Nice, que quer dizer *victoria*, até ao incruento dia de hontem, em que um *landau* d'uma gentil condessa do Sagrado Imperio Romano fez calar á força de tiros de myosotis e de camelias um *duc* bem provido de ramos de violetas e um *huit-ressors* d'onde umas graciosas inglezas se batiam a rosas e margaridas.

Diferença dos tempos !

Por aqui passaram tantos famigerados reis e bandidos, Carlos V e Francisco I, Barbaroxa e Napoleão.

Em 1792 a Republica Franceza declara a guerra ao imperador da Allemanha e ao rei de Piamonte. O general francez Anselme occupou Nice, e o conda-do pediu e obteve a annexação á França.

Em 1800, os francezes foram obrigados a evacuar Nice e todo o departamento dos Alpes Maritimos. O general Meclás entrou em Nice e aqui restabeleceu o antigo estado de couzas, mas, tendo em vão tentado forçar a passagem do Var, foi a toda a pressa chamado a Turim e retirou-se perseguido por Suchet.

Em 1814 foi Nice annexada de novo aos estados sardos.

Em 1859, porém, voltou a fazer parte da França, assim como a Saboya, em virtude do tratado concluido entre Napoleão III e Victor Mannel, usando-se comtudo da contemplação para com as populações interessadas, que foram chamadas a exprimir os seus sentimentos sobre esta mudança de nacionalidade. O plebiscito, este instrumento politico tão querido dos Bonapartes, deu em resultado que, n'um recenseamento de trinta mil votantes, vinte mil foram favoraveis aos desejos de Napoleão III.

Nice acabou de perder sob a dominação franceza o que lhe restava ainda da individualidade propria; encorporada na prefeitura dos Alpes Maritimos, com

a construcção dos caminhos de ferro, o commercio que se fazia pelo porto de Nice tomou o caminho de Marseille, no que era francez, e o de Genova, no que era italiano. Assim a cidade perdeu o character primitivo e vive hoje uma vida brilhante e rica da cidade de prazer, alimentada pelo dinheiro dos estrangeiros e parisienses, a quem a doçura do clima e a proximidade do Monte Carlo convidam a residir n'esta cidade durante o inverno. Dizem-me que no verão é cidade morta e deserta, e que as suas praças e jardins na inacção de quem espera, se abrem para o azul esbranquiçado da luz, no movimento lento d'um bocejo.

Voltemos no hotel.

A noite vem cabindo. Uma chuva miuda fez desertar a multidão da praça Massena, apesar das suas brilhantes illuminações, que começam a resplandecer e da musica que mistura as vibrantes notas dos metaes com os ainda mais vibrantes convites dos commissarios da *Tombola*.

Mas decididamente o bello ceu de Italia, porque este ceu é de Italia, embora a terra seja de França, quiz apenas fazer tambem a sua partida de carnaval, peneirando uma fina chuva sobre o publico descuidado. N'este momento, dez horas da noite, tendo eu tido tempo só de fumar dois *vuelta abajo* e de ler á minha doce amiga de olhos verdes esta carta, o ceu já se arqueia luminoso e estrellado como um sonho de creança em noite de Natal.

24 de Fevereiro



assei hoje metade do dia no palacio da Exposição, na galeria das carruagens, e quando sahi já recommençara a desfilada do cortejo das mascaradas, o mesmo cortejo de quinta feira, porém com algumas mas-

caras novas e com um tal entusiasmo e uma tal animação, que surprehendia e alegrava, como se fosse a primeira vez que se nos apresentasse na

sua marcha triumphante e ruidosa.

O combate dos confeitos travou-se logo, encarniçado e poeirento. A febre da batalha, da continuada

lucta de tres dias, que o repouso de um dia de *kermesse* não conseguira serenar, recrudesceu mais ardente, aggravado, pelos despeitos e pelos enthusiasmos despertados nos dias precedentes.

Mas para que reproduzir-te as mesmas impressões da minha carta de quinta feira? Relê-a; e, se queres novidades, espera que depois de jantar eu vá assistir á festa da noite.

Duas horas da madrugada de 25

Positivamente tenho no cerebro uma aurora boreal, que me offusca todas as idéas; que não consente que a sombra benefica do somno venha abrandar a exaltação produzida pelo deslumbramento da festa. Não posso dormir e escrevo a arder em febre.

Um dia, n'uma viagem na Cinnebasia, depois de seis horas de marcha lenta montado n'um boi, sob um sol ardente, a través d'um areial arido, onde era impossivel encontrar agua a tres dias de marcha, caminhando entre a baixa abobada d'um ceu branco de luz e um solo, que reverberava e queimava como o chão d'um forno, eu experimentei, durante meia hora, a mesma sensação que sinto n'este momento. Julgava que a cabeça me ardia em combustão espontanea. Sentia distintamente dentro do meu craneo um resplendor que me cegava. Era a inso-

lação proveniente do calor do sol, disseram-me os medicos depois. Agora sinto exactamente o mesmo symptoma sem ter soffrido calor. Seria effeito da luz? Certamente foi. Os sabios que expliquem o phenomeno pathologico.

Entretanto, no estonteamento dos circulos de luz, que dançam deante dos meus olhos, como nos acontece quando fitamos o sol, procurarei descrever-te a festa d'esta noite.

As ruas destinadas estavam brilhante e vistosamente illuminadas. Às oito, ou nove horas, o carro de El-rei Carnaval, seguido da sua côrte de arlequins e polichinellos, fez a sua entrada solemne na fila de mascaras, que desde as tres horas percorria a cidade. Todas as mascaras, a pé, a cavallo, ou de trem, trazem uma vara comprida, de cuja extremidade pende uma grande lanterna veneziana, chinesa ou japoneza, balouçando-se á mercê do vento.

A confusão de todas estas luzes multicôres, subindo umas, descendo outras, agitando-se emfim em todos os sentidos, no fluxo e refluxo da multidão, era verdadeiramente magico.

Gritos, exclamações, risadas, notas estridentes dos instrumentos de metal, relampagos de luz electrica, gemidos e soluços das orquestras desafinadas, girandolas de fogos de Bengala, emfim, sons e côres, raios e sombras, ora irrompendo em confusão, ora sobressahindo n'um rapido instante, tudo fazia passar

os nervos excitados d'uma alegria louca de gritos, e rizadas, á estúpida impassibilidade do deslumbramento; mas todas estas sensações momentaneas, rapidas, impossiveis.

As illuminações de alguns dos carros eram surprehendedentes.

A mascarada dos commerciantes, uma das novidades de hoje, resplandece constantemente illuminada por fogos de Bengala. Este grupo magnifico é formado pelo sol de Nice, que abre a marcha n'uma biga romana puchada por uma parelha de cavallos brancos, e leva o estandarte da Sociedade, côr de fôgo com uma inscrição bordada a oiro. Depois segue o carro;—sobre um grande globo terrestre uma estatua de Mercurio de quatro metros de altura, toda doirada. Á frente, de pé, seis negros escravos egypcios entoam em tubas antigas a marcha da Aida. Atraz da estatua do Deus dos ladrões, dos namorados e do commercio, abre-se um templo romano com as suas vestaes e um augur de longa barba magnifica e branca. Entre os arautos egypcios, diversos personagens historicos e mythologicos, n'uma confusão anachronica de *bric-à-bric*, Baccho, Sileno, Esopo, algumas matronas romanas ainda menos más, senadores e dançarinas. Alguns cavalleiros munidas fecham a marcha, vestidos de guerreiros, os quaes, levando xaireis de pelle de tigre e finas lanças d'aço puido, montam soberbos cavallos ricamente ajaezados.

Depois vem o carro do Doutor Fausto, onde um fôco persistente de luz electrica faz resahir as vestimentas vermelhas dos diabolicos figurantes, e espiritualisa em tons azulados o pallido e branco vulto de Margarida, como se vestisse com um manto de luar essa appareição transitoria e linda da innocencia do amor.

E seguem os *Terres cuites*, artistica e elegante mascarada, — *um granadeiro da guarda, um marinheiro, uma camponeza, um burguez de guarda-chuva, um varredor de ruas, um pescador* e alguns typos mais; mas tão perfectas e tão intelligentes imitações, que uma creança exclamou alto, admirada, vendo uma d'essas figuras, que escorregara e cahira no lagedo do passeio, levantar-se e andar: — *Maman! maman! Pas cassé!*

Esta ingenua exclamação foi saudada pelas pessoas que a ouviram com um *vive les terres cuites*, seguido d'um hurrah formidavel, que, durante minutos, atroon os ares em toda a extensão do *corso*, sendo repetido inconscientemente por toda a multidão delirante.

Os *terres cuites* trazem esta noite guarda-chuvas, nas extremidades de cujas varetas pendem pequenos balões venezianos; e assim vão caminhando nas suas *poses* immoveis de pedra, como se cada um d'elles estivesse n'um gabinete sobre o marmore d'um trombó, junto d'um candelabro de globos coloridos.

E vão passando e repassando diante de mim, brilhantes de clarões phantasticos, cheios de musicas estranhas e discordantes, todos os carros do cortejo, todas as cavalgadas, todas as mascaras a pé; uma tal variedade de tons e de côres sem gradação, juntando-se por acaso tão disparatamente que os olhos fatigados, por momentos, só vêem um fundo negro com enormes nodos de fogo.

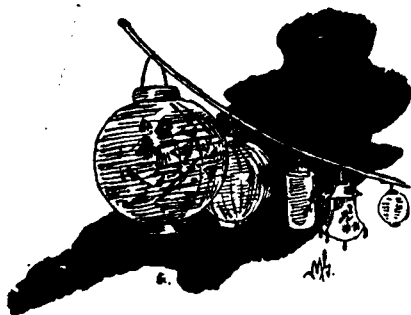
Mas logo os reflexos esverdeados do vidro polido dão-nos aos olhos uma sensação de frescura, como se sob uma sombria abobada de verdura, que o sol não penetrasse, vissemos de subito uma toalha d'agua tranquilla e azul. É uma mascarada estranha que passa, uma cavalgada, os *Peixes de prata*.

Imagina duas duzias de homens disfarçados em peixes; cabeças de sardinha; nas mãos, como se fossem lanças, arpões; em lugar de braços, alhetas; e das abas da casaca sahindo-lhes uma larga cauda em leque de escamas prateadas. Vêm montados em cavallos cobertos de redes de seda azul, salpicadas de lentejoulas de prata.

Extranho, phantastico, estonteador torvelinho de côres e de sons! Emfim, innumerous *landaus* cheios de feixes de balões venesianos, victorias, tylburys, etc., etc., desfilaram n'um turbilhão de luz até ás onze horas.

E agora. . . a nova aurora vem rompendo, entre lagrimas de orvalho e sorrisos de luz, incerta, vacil-

lante, como envergonhada de ter de vir entregar-se á orgia pagã do domingo gordo nos braços d'esse velho rei devasso, Carnaval. E eu, furtando-lhe da corôa de noiva algumas flores de laranjeira, mando com ellas fazer um chá que me acalme os nervos e me concilie o somno.



25 de Fevereiro



atalha das flores!

Accordei fatigado, e pouco disposto para sahir. Passei duas horas no *drawing room*, lendo os jornaes de Paris. Ao recommear a batalha das flores, miss H*** que no mesmo salão lia um volume de Tennyson, fechou o seu livro; fallou-me dez minutos com verdadeira intelligencia poetica dos *Idyllios do rei*, e convidou-me para a acompanhar na carruagem e entrar no combate do dia.

Como resistir? Aceitei. A carruagem era uma elegante victoria completamente forrada de mimosas, com a equipagem enfeitada de laços de seda azul claro. Bem fornecidos de projectis perfumados e graciosos, aventuramo-nos intrepidamente no centro da refrega. O primeiro inimigo, que se apresentou diante de nós, foi um grupo de figuras japonezas,

de ricos e autênticos vestidos, n'um magnifico *break* deslumbrante de flores, abrigado por um toldo leve, coberto d'um tapete de margaridas. Os japonezes batiam-se com toda a casta de flores raras, parecendo todavia haverem dado a preferencia aos bouquets de capillares como armas de arremesso. Entre a guarnição d'este reducto guerreiro, via-se, como chefe de *clan*, a proprietaria do *break*, madame Pelouze. Ora combatiamos com M. Serge d'Obidine, que da sua elegante carruagem nos metralhava com violetas, ora faziamos calar por um momento o fogo de camélias, que contra nós sustentava o soberbo *break* da marqueza de Rostaing.

Passámos tres horas de combate no meio da densa nuvem de perfumes e redemoinho de flores; e, depois de assistir á solemne distribuição dos premios feita pelo proprio *mair*e de Nice, voltámos ao hotel. Dei o meu ultimo bouquet do *myosotis* a miss H***, e vim escrever-te.

Estou mais fatigado. A excitação da lucta reacendeu-me a febre; o aroma das flores entonteceu-me.



26 de Fevereiro



Como te disse reaparecera-me a febre. A noite augmentou a excitação até ao delirio lucido. Sonhos extravagantes, povoados de phantasticas visões. Uma feiticeira de Macheth apertava-me o coração, que me arrancára do peito, nas suas mãos de dedos aduncos e cabelludos, e sorria n'um ranger de dentes, tentando beijar-me na boca com os seus labios esverdeados, cheios de veios brancos como dois gomos d'uma laranja verde, enquanto a ponta do seu enorme nariz, tocando-me na face, me picava dolorosamente, com uma rozeta de curtos pellos irsutos, até fazer-me escorrer sangue.

E este fantasma medonho attrahia-me e repugnava-me ao mesmo tempo.

Pele seu manto entreaberto eu via um corpo velho e enrugado, cheio de cordoveias, e um seio laso e pendente de pergaminho amarello. Mas esse pergaminho tornava-se por vezes transparente; e eu via, a través d'uma rede de arterias, o coração da feiticeira do feitio d'uma rebeca; e essa rebeca, vibrada por um arco invisivel, tocava. E a velha dizia:—eu sou a belleza!—e o coração ria a *aria da calumnia*. E a velha dizia:—eu sou o amor!—e o coração soluçava um nocturno de Chopin.

Mas o rosto desforme da velha recordava-me alguém que eu conhecia e amava.

Os seus olhos fundos e assombrados por espessas sobranceiras, eram mysteriosos e verdes, como dois pegos estagnados d'um pantano, na sombra d'uma floresta escura. E eu conhecia esses olhos, que me attrahiam e fascinavam.

A velha, n'um ranger de dentes, repetiu:—Eu sou o amor! Dei um grito e acordei;— tinha reconhecido a pessoa amada; a velha era miss H***, a minha doce companheira d'olhos verdes.

Vinha rompendo a manhã; um raio de sol entrava por uma fresta da janella, e vinha tocar-me na mão, que me pendia fóra do leito, produzindo uma sensação de calor tão delicado e suave como o afago d'um carinho, recordando o *shak-hand* que

miss H*** me dera na vespera, ao receber o ramo de myosotis.

A figura da velha feiticeira desvaneceu-se completamente. Fechei os olhos para melhor pensar em miss H*** e no nosso passeio de hontem, sob as flores, no ramo de myosotis e n'aquella mão, pequena e branca como a petala d'um lyrio.

Adormeci e sonhei. *Oh juventud, primavera de la vita!* Como esquecer, longe de ti, oh primavera ridente! a visão do inverno, que destouca as arvores, desfolha os lilazes, e, chamando-se velhice, ha de mudar a rozea e setinosa epiderme de miss H*** em seco pregaminho resequido; o seu delicado narizinho aquilino n'um bico de papagaio; e os seus labios, que parecem uma fresca rosa mal aberta, por onde o seu halito passa como um perfume que se evola, na cançada bocca do dente solitario; e o seu ingenuo coração de Rozina no rabeção de Dom Bazilio!? Mas, — *oh juventud, primavera de la vita!* — sonhando fomos, eu e ella, de braço dado pelas devezas floridas, entre sebes de lilazes! E os rouxinoes ao ouvirem a voz de miss H*** ensaiavam notas novas nas epopéas do amor.

Não sei como sonhei que perdido no ardor da batalha das flores entravamos n'uma floresta enorme para mim desconhecida, e da qual miss H*** era o genio, ou a nympa protectora.

Miss H*** transformara-se; em vez de ter o seu vestido de cachemira branco, vinha envolta n'um

manto de rosas naturaes e finas palmas de rezeda; a cabeça, toucava-lh'a um enorme lyrio branco, deixando passar, por entre as petalias, os sedosos aneis do seu cabelo.

Na floresta sentia-se o murmurio do germinar da vida. Rodeados de myrtos havia lagos tranquillos e azues.

E pareceu-me que as arvores da floresta viviam uma vida humana. Os grandes mortos, e alguns d'aquelles que, embora vivos ainda, são tão grandes, que alcançam a indisputada gloria dos mortos, haviam-se, como em loureiro a nympha da lenda, transfigurado nas arvores d'essa floresta.

Um cedro do Libano, frondoso e immenso, inclinava-se sobre um grande lago, e a sua imagem, reflectindo-se, parecia ir crescendo sempre na ondulação da agua. Finas rozeiras haviam trepado pelo tronco annoso, e, enroscando as suas hastes delicadas nos grossos e nudosos braços herculeos do gigante, constellavam dos vermelhos sorrisos das suas flores a verdura sombria da rama do cedro. Orchideas, doces e finas como cabellos de mulher, suspendiam cachos de flores. Um jasmineiro de cera, encostando-se ao tronco, cravejava-o d'uma serie de flores, que se abriam, como dolorosos ais, na casca enrugada da grande arvore, brancas, delicadas e melindrosas como a carne doente d'uma creança. Um rude cato, subindo até á altura da primeira bifurcação do tronco, abria-lhe entre os braços

uma enorme campanula vermelha que vibrava como um clarim. Outras mil trepadeiras se abraçavam ao gigantesco cedro, entrelaçando-lhe a rija envergadura de cadeias de flores de todos os matizes; dos troncos pendiam festões fluctuantes de hera como das ameias d'um gothico castello. Passaros de variadas côres ali escondiam os seus ninhos, que palpitavam de canticos e de amor. Myriades de insectos vinham ali beber o mel das flores; e sobre a relva salpicada de margaridas, que a sombra da immensa arvore conservava sempre aveludada e verde, um casal de borboletas noivava.

E, olhando-se para o ceu, de sob a arvore, via-se os troncos cruzando-se subirem de galeria em galeria, n'um dedado sombrio de ogivas agudas e ligeiras, cobertas pela rama de cedro, formando a perspectiva longiqua d'um interior de cathedral gothica, cujo sacrario estivesse, emfim, occulto lá no fundo, na penumbra luminosa do azul.

O cedro enorme parecia um gigante abrigando, na protecção da sua força, todas as fraquezas, emquanto a sua altirosa fronte provocava as tempestades que rolam pelo espaço nas nuvens calliginosas, batidas dos vendavaes. Formidavel como Jehovah, bom como Jesus.

Eu pasmara deante do colosso, exclamando:—que arvore gigantesca é esta? E a nympha respondeu-me:—é Victor Hugo.

Em redor do grande cedro havia uma pequena

clareira fechada por moitas de rozeiras, entre as quaes, uma magnolia magnifica fazia scintillar as suas folhas correctas, bornidas d'um lado como folhas de bronze florentino. As suas flores, grandes e brancas, d'uma carnação delicada e firme, cujas largas petelas se arqueiam como peitos alvos de pombas, não sei que lembrança nos traziam de seios de mulher, tumidos e nús, ao vel-as, palpitantes de seiva e exalando um languido perfume, alvejar e arfar entre aquella folhagem rigida de bronze.

Ao contemplar esta arvore sentiam os olhos a fria correcção do desenho na pureza artistica das linhas, ao mesmo tempo que, inconscientemente, um fremido de voluptuosidade nos quebrantava n'um desvanecimento de amor.

—Extraordinaria arvore! — murmurei.

—É Theophilo Gauthier — respondeu-me a nympha. E, desviando-se rapida, levou-me para junto de um enorme chorão, que, debruçando-se sobre um lago, mergulhava nas aguas as suas franças pallidas e flascidas, produzindo a corrente ao passar por ellas um monotono susuro. Uma andorinha morta vinha boiando na corrente, ainda sobre um pedaço do seu ninho meio desfeito. As folhas do chorão, que cabiam na agua, retiveram um instante aquelle sabimento funebre. Vinha a avesita deitada de costas, sobre os restos d'esse ninho, o qual decerto ella tecera para ser sacrario do seu amor e ora lhe servia de esquite mortuario; as azas trazias-as meio abertas,

como se fosse a desferir o vôo, — vôo dirigido para a luz do azul e que revertiera para a escuridão da terra; — a cabecita pendia-lhe fóra da tumba; o bico molhava-se na agua; e a curva suave da sua garganta de velludo alvadio com o seu colar da côr da folha secca era d'uma doçura arminho. Dir-se-hia que, de olhinhos semi-cerrados, ia bebendo voluptuosa a agua da corrente.

Sobre o lago passou n'esse momento a sombra fugitiva d'uma nuvem, parecendo que um fremito do frio vibrava a terra.

A corrente, encontrando o ligeiro obstaculo do ninho preso nas franças do salgueiro, murmurou mais forte, e, arrastando-o, desprendeu-o dos ramos, que o retinham, e, durante um minuto, cobriram com as suas compridas e finas palmas molhadas todo o feretro, que passava, como um abraço de despedida, recabindo depois na agua como lagrimas em fio.

Uma enorme tristeza me enchia o coração. A aragem ciciava uma prece plangente ao passar pela folhagem d'essa arvore. O coração anceiava n'uma saudade immensa de morte!

Esta arvore, que vês, é Lamartine, disse a nympha.

E fomos seguindo o leito da corrente.

Uma grande olaia, toda florida como uma camponeza garrida, mas com seus ares da cidade, a um tempo ingenua e grande dama, sacudia as suas

pequenas flores vermelhas em volta, na terra e sobre a agua; e a andorinha, que ia boiando, ao passar sob os ramos da olala, envolveu-se toda na rosea mortalha de flores.

Esta olala perfumada é George Sand, — disse a nympha.

N'uma garganta do rochedo a agua do lago estava d'um verde sombrio. D'uma fenda do granito sahia abruptamente um abeto, que retorcia os ramos epilepticos n'uma convulsão de tenebrosos paroxismos para attingir a superficie da terra e banhar-se na vivificante luz do sol, cujos raios lhe doiravam alegremente as mais altas e pequeninas folhas, e, não podendo penetrar a través da densa ramaria, emaranhada no esforço d'aquella anciedade pela vida, apenas coavam no interior dos ramos e na caverna dos rochedos um clarão sinistro e azulado.

O tronco do abeto estava coberto de musgo e de parasitas, de rachiticos fetos e de enormes cogumellos venenosos, que se entumeciam, como abcessos brancos de podridão. Na fenda do rocha, onde germinara o abeto, arrastavam-se reptis asquerosos, e escondia-se decerto, n'uma voluptuosidade languida, algum ninho de viboras.

Os braços herculeos e nodosos da arvore repelliam as paredes de granito como para as derrubarem e abrir passagem ao sol; e, n'aquelle esforço cego e impotente, iam-se esmigalhando os rebentos, e retor-

cando os frageis troncos, que se deformavam em medonhos aleijões.

E, no entanto, lá em cima, na aresta dos rochedos, a luz brilha; a atmosphera é pura; e descobre-se a campina verdejante, estrellada de flores; os passaros cantam; e os camponezes namorados noivam entre os trigaes. No ar vibram os echos festivos dos sinos d'uma egreja, cujo campanario no horizonte se avista, branco entre o verde pallido dos olmeiros, com a sua torre esguia apontando para o azul, como para o abrigo clemente da terra inteira.

—Pobre abeto, que triste solidão a tua! Que ave de rapina e morte, ou rajada tempestade arremessou a essa fenda escura do arido rochedo a pequena semente de que vieste, fortissimo e impotente! No entanto, a vida universal, lá em cima, canta nas alegrias do trabalho e na doçura infinita do amor! Que solidão a tua, e que tormento! Pobre abeto!

—Pobre lord Byron!

De subito notei que a paizagem se ia tornando lugubre, a agua estagnava-se em pegos cobertos de limos; as arvores rareavam; a relva amarellecia e estalava, sob os pés, como tapete de folhas seccas; aqui e acolá sobresahiam as bossas angulosas e amareladas dos grandes blocos de granito: a terra lembrava a velha carcaça d'um grande monstro rui-vo, que morrera e apodrecera ao sol, e cujos ossos descarnados começavam a furar o coiro irsuto e re-

sequido. E na verdade presentia-se um sussurro incoersível, como o do rythmico deslizar das larvas, uma legião de vermes roendo um cadaver monstruoso. Algumas searas amaralleciam e morriam sem ter espigado, pallidas como a fome, e entre ellas, de longe em longe, papoulas d'um vermelho arroxado se abriam como feridas incuraveis.

No meio d'aquelle campo desolado um enorme roble jazia por terra, com as raizes arrancadas e nuas.

Era uma arvore immensa. Quando estivesse de pé os homens só prostrados de costas poderiam ter olhado para os mais altos ramos; e ali jazia agora no meio d'aquelle desolação completamente morta, sem uma gota de seiva que nutrisse um parasita sequer no seu tronco, duro e frio como o granito. As folhas da sua copa tinham cahido desfeitas em pó; mas, por entre os troncos resequidos e nús, um enorme loureiro selvagem rebentara vigoroso enlaçando, entre a sua folhagem verde e estrellada de rozas, os braços d'aquelle gigante morto.

— Este roble gigantesco é Bonaparte.

E eu, exclamei: — Bonaparte foi a gloria, fonte sublime da vida; foi a Revolução; e como Jupiter veiu, transformado em nuvem, não d'oiro, mas de sangue para fecundar a terra, Danae encerrada então na bronzea torre da tradição feudal; e n'este campo abortiam as searas, e as arvores empallidecem e morrem!

A poucos passos do cedro morto havia um charco esverdeado e cheio de limos onde um simples botão d'um verde claro e luzente emergia ao lume d'agua.

—Ali tens,— disse a nympha, apontando-me para o charco,—o que estereliza o campo e mata as arvores e as searas; aquelle botão verde, que ali vês, é o escalracho, e o escalracho é a *monarchia*... Acordei.

Ao anoitecer sabi, dominado ainda pela dolorosa impressão d'aquella ultima visão do campo da esterilidade e morte, onde só o loureiro symbolico vivia junto d'uma grande arvore sem vida, fria e enigmatica como uma esphinge de granito n'um deserto do alto Nilo.

Oh! como são vãos e enganadores os sonhos da nossa fantasia! E a formosa miss H***, no seu estranho trage de nympha coberta de rozas e toucada por um lyrio, era sempre o feminino e caprichoso entesinho, que ora se envolve n'um sorriso como n'um manto de luz, ora se mostra indifferente e fria como desolada tarde de inverno!

Fora a lembrança do seu character feminino e do seu genio incerto, ora luz, ora sombra, que originára aquelle estranho sonho. E, senão, quem pôde crêr em sonhos, se o spectaculo pittoresco que ia por essas ruas protestava alegremente contra as visões pavorosas da terra esterilizada pelo escalracho da *monarchia*!?

Imponente e magnifico, o monarcha Carnaval entrava n'esse momento no *corso* seguido da sua brilhantissima côrte.

Uma estripitante saraivada de *moccolétti* rebentára em todo o percurso do cortejo. Que extraordinaria animação na multidão ebria de alegria! Que triumpho! Que grandeza! Que delirio!

El-rei sorria bonacheirão e protector, e um applauso unisono rebentava nos gritos de todas as boccas d'aquelle immenso monstro de milhares de cabeças.

Que insensato sonho o meu! Eis a realidade.

Veja-se como a multidão é feliz, d'essa felicidade scintillante d'uma tremenda orgia constante e embriagadora.

Oh grande rei! oh Carnaval! oh verdadeira monarchia! oh mascarada! Ri e folga, oh povo! oh polichinello! — a tua felicidade depende do brilho dos europeis e do ruido das festas, da bimbalhada das palavras ôcas, e da mascara da hypocrisia, com que se escondem as dores, que nos atormentam a vida, e se illudem os deveres que não se querem cumprir.

Que insensato sonho foi o meu! Pois não é a monarchia isto, esta alegria deslumbrante de brilhos e de rizo?

A folia tocava o delirio, quando a primeira girandola de foguetes annunciou o fogo de artificio.

As arvores de fogo haviam sido collocadas sobre os terraços, em frente da grande Tribuna.

Desde que um grande balão subiu, produzindo um effeito magnifico, até ao monstruoso *bouquet* final uma série de peças de fogo de artificio enchêra os ares de luminosas surpresas, e a festa parecia terminar n'uma apothese de soes.

A multidão deslumbrada applaudia em unisonos clamores d'admiração. Acabara o fogo d'artificio.

De subito, porém, um foguete perdido do grande *bouquet*, cêe, como por acaso, na cabeça do Carnaval que assiste á festa, feliz e sorridente. Pega-lhe o fogo no fato, na aba da magnifica casaca de seda da China, e, apesar dos leaes esforços dos bombeiros, o pobre monarcha arde como um Judas de palha, enchendo os ares da sua luz, do seu fumo e do ruido dos innumerous tric-tracs, que tinha na bar-riga.

Por um prodigio pyrotechnico o craneo do bom rei abre-se, e, de dentro, do meio dos miolos feitos de teias de aranha, sahe um rato cinzento que desaparece no espaço, fugindo estonteado.

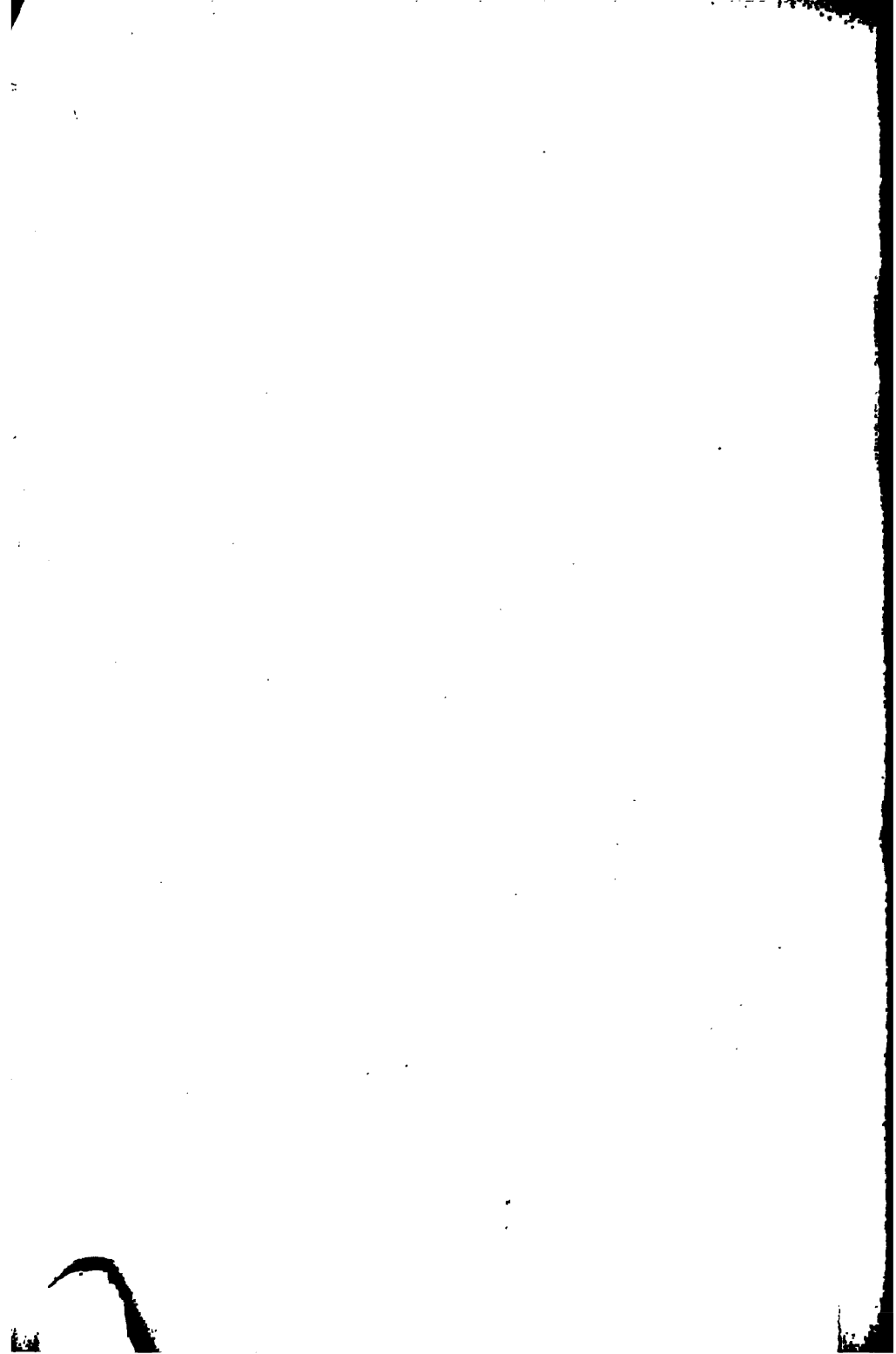
A multidão solta um grito enorme, mixto de surpresa e de alegria, de mal definida dôr e de desapontamento, ao vêr acabar assim de improviso aquelle rei tão bom e tão patusco.

Organisa-se uma retirada *aux flambeaux* para terminar a festa, mas sem enthusiasmo, pouco animada. Na verdade a folia acabára; e todos se vão afinal para suas casas entre alegre e pensativos, setindo, sem talvez o confessarem, um grande alivio

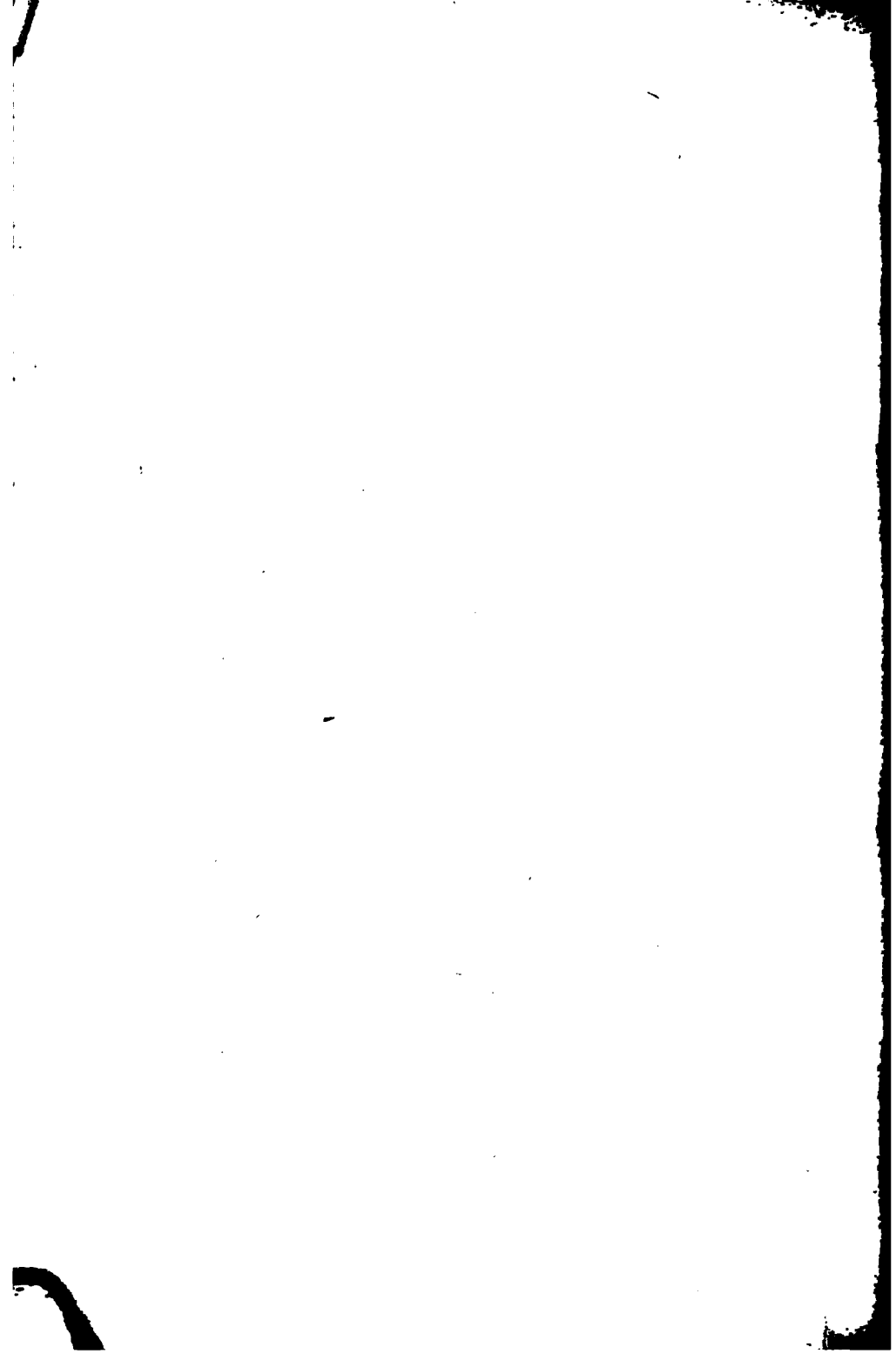
por ter findado aquelle despotismo festivo, e ante-gostando as delicias do descanso e do trabalho honesto.

Todas as tyrannias, ainda a da folia, acabam por cançar até os temperamentos mais servis e mais folgassãos; e á agonia dos tyrannos succede sempre o bem estar dos povos.





MONACO



MONACO



Em caminho

Depois do desastre acontecido hontem, a el-rei Carnaval, não te parece que eu, como funcionario d'um paiz monarchico e principalmente como consul acreditado por S. M. Fidelissima junto do filho do Ceu, faltaria aos deveres mais sagrados de fidelidade para com o meu real amo e de delicadeza com aquelle para junto de quem me dirijo, se parmanesse por mais tempo n'essa nefanda cidade, que tão revolucionariamente vira perecer um monarcha e a alegre monarchia da patuscada?

Pensando alem d'isto que S. Pedro é quem abre as portas do Céu e que eu tenho de ir velar pelo commercio portuguez no *celeste imperio*, resolvi partir para Roma, onde está o successor do dito santo.

Não voltei pois a Marseille, como tencionava; e eis-me a caminho da cidade eterna. Tomarei, portanto, em Napoles a mala da China.

Parei em Monaco para te escrever; e creio que o governo do Terreiro do Paço não levará a mal esta paragem, porque Monaco é um principado, e uma casa de jogo, e por consequencia uma corte, logar decente, e um centro de interesses, que um consul portuguez, que vae para a China deve visitar para se instruir.

Como sabes Sua Magestade el-rei D. Luiz tem, fazendo parte da sua vasta monarchia, uma casa de jogo no extremo-oriente, a famosa cidade de Macau. É pelo cofre de Macau que são pagos os vencimentos do consul portuguez na China; são pois os rendimentos do jogo que pagam a representação do rei de Portugal, senhor da Guiné e das Arabias, no celeste imperio.

Zelar pelo desenvolvimento do jogo como fonte de rendimento é, portanto, o dever de todo o funcionario portuguez na China. Estudado por mim este importante ramo de receita publica no paiz, onde está melhor organizado, creio que em breve Sua Magestade el-rei, nosso senhor, poderá accrescentar ao ditado de «Em Africa senhor da Guiné, etc., etc.» mais isto — «Em China principe de Monaco». Eu julgo que afinal é esta a idéa implicita nos etc. etc. do ditado; a não ser que el-rei seja senhor de tudo e de *muchas cosas mas.*

Macau
ok the
final

Para te não enfastiar desde o principio d'esta carta com a theoria economica das casas de jogo, mostrar-te-hei o doirado *antro* envolto em alguma paizagem e para que não morras de abstracção e enfado.

Sabimos de Nice ás 10 horas da manhã, uma esplendida manhã, um tanto nublada; mas por entre algumas nuvens alvadias que se esfarrapavam o doce azul apparecia, meigo e delicado. Na *gare* havia uma extraordinaria animação. Dois comboys partiam um para Lion e Paris, e outro para Italia, por Monaco e Monte Carlo. A baixa burguezia, os *commis* de escriptorio e os pequenos negociantes de provincia, que tinham tomado por 80 francos os seus bilhetes de ida e volta para virem ao rega-bofe de Nice, voltavam aos seus negocios e occupações pelo trem de Paris, fatigados, mas triumphantes, com um ramo murcho de violetas na lapella dos fraques, e deixando-nos presentir, no sorriso equivoco, que acreditavam ter emergido d'um banho de elegancia, cujo perfume canalha far-se-ha perfidamente sentir nos seus honestos *menages* por largo tempo. E as suas mulheres e as suas filhas aspirarão, suspirando, o aroma evolado d'essa exclamação toda a vida murmurada por elles: — oh o carnaval em Nice! — como se fosse o perfume da maçã vedada do paraizo da elegancia, a cuja porta está um archanjo, guardando com uma espada de oiro, archanjo que a uns se representa ser uma *cocotte*, e a outros um cocheiro inglez.

Pelo trem de Italia partiam os desapontados estrangeiros ingenuos, que, estando a passar o inverno nas outras estações de Corniche, tinham vindo a Nice attrahidos pela famosa folia, e varias e variadas cocotes que pressurosas voltavam a Monte Carlo a desfiar o eterno roزاری do *Trente-quarante*.

Tomei o trem d'Italia. Era um comboio de *cocottes*.

Nas suas toilettes caras, com os bustos, falsa ou verdadeiramente bellos, quebrados n'um abandono estudado, as mãos, enluvadas em guantes *de peau de Suède* de largos canhões enrugados, mettidas n'um regalo de pelle rara, os pés calçados em setim, enrollados n'uma manta de murtha zebelina, ou de *petit gris*, essas boas creaturas, tendo avaliado n'um rapido olhar provocante os companheiros de wagon, recostaram-se nos coxins da carruagem na attitude impassivel d'um Deus indiano que espera resignadamente, na sua posição de idolo, o seu proximo avatar,—uma transfiguração em Monte Carlo.

Partimos finalmente; e o comboio pouco depois de passar as agulhas entrou n'um extenso tunnel que atravessa a collina de Cimiés, ao sahir do qual, tendo passado o Paillon, entrou um segundo tunnel sob o Montalban.

Estas rapidas transições da radiosa claridade do sol para a fria obscuridade d'um subterraneo produzem-me sempre uma impressão de receio inexplicavel; um arrepio me percorre a espinha ao

entrar na humida atmospherã d'um tunnel; uma ansiedade impaciente de luz, origina em mim o absurdo sentimento de que sou eu quem sustenta, como o gigante da fabula, sobre os hombros a immensa mole da montanha; opprime-me um grande peso; sinto-me profundamente desgraçado, esquecido nas trevas por aquelles que em cima escalam a montanha entre flores e aromas, canticos dos passaros e murmurios das correntes, para irem roubar ao céu o fogo sagrado da vida. Causa-me vertigeos o rapido passar dos clarões avermelhados dos pharoes, collocados de espaço a espaço nas paredes das longas galerias.

A passagem do tunnel de Cimiès para o tunnel de Montalban, por uma ponte sobre o Paillon, foi rapida como uma illusão que florisse, um dia, na negra existencia d'um desgraçado. Passou como um destumbramento esse valle risonho com as suas villas entre jardins, fechado d'um lado pelo aspero perfil das montanhas e abrindo-se do outro lado na meiga doçura do azul desmaiado do mar. Mas logo veiu outro tunnel, e n'elle a mesma desconsoladora sensação de frio e de oppressão. Deve ser abominavel a vida dos mineiros mergulhados na bronzea escuridão das minas subterraneas. Entontecia-me olhar para as paredes do tunnel que pareciam fugir vertiginosamente, e puz-me a observar então o interior da carruagem.

Os outros passageiros, tres mulheres e um velho

dandy, tinham-se accommodado o melhor possível nas almofadas do wagon, e pareciam ter-se aproveitado d'aquella penumbra avermelhada produzida pela lampada do tecto, e do silencio que a entrada d'um tunnel occasiona sempre entre viajantes, para reclinarem os seus espiritos nas fôfas reflexões do seu profundo e insondavel egoismo.

Observei por um momento uma das damas que ia sentada em frente de mim. Era uma representante da galanteria europea, de cabellos côr de manteiga, que em franja lhe escondiam a testa.

Os olhos d'um azul desmaiado frio, sem expressão e sem pestanas, tinham as palpebras orladas por finas linhas feitas a Col, o que lhes engrandecia o contorno. O rosto era cheio e largo como o das mulheres alemãs; o nariz era pequeno e um pouco arrebitado; a pelle tinha esse alvor e brilho especial das pelles a que o uso constante do *cold-cream* e dos indianos dococotos aromaticos e tonicos dão um tom unico, ao mesmo tempo de firmeza e de mimo delicado; a bocca encarnada como uma ferida cortava aquella alvura.

Sentindo-se observada, sorriu-se.

Esse sorriso lembrou-me o rir das largas bocas dos clowns do circo feitas a vermelhão n'um rosto estucado a alvaiada.

O sorriso dá a expressão moral das physionomias. Effectivamente, que semilhança moral não ha entre o clown e a cocotte, dois forçados que o des-

tino condemna, um ás galés da alegria, o outro á farça eterna do amor.

De subito, porém, o comboyo sahio do tunnel; e a luz do sol explosiu na minha alma como uma granada de alegria, que prostrou, desfez, anniquilou a lugubre turba de tristes reflexões sobre as misérias humanas, que começavam a reunir-se, como conspiradores, contra a felicidade e saude do meu espirito.

Sob este céu azul e ao azul d'este mar, a vida é uma festa de muzicas e flores; e os negros conspiradores, as minhas reflexões, diante da salutar policia feita pelo sol, transformaram-se, como os conspiradores da Angot, em poetas e valsistas, arrebicadas como *incroyables* umas, gregamente semi-nuas outras; e só me acudiu á lembrança a recordação da côrte de Beranger, o velho rei da Provença, como sendo a representação digna da unica philosophia possivel para o espirito n'este paiz encantador.

Parára o comboyo na estação de Villefranche, da qual a casaria branca á beira mar, contrastando com a mole escura da sua torre quadrada, se avista do outro lado, o occidental, da pequena bahia, cujas aguas d'um azul profundo serpenteadas de tremulos zig-zags scintillantes, que os raios do sol riscavam na ondulação de pequenas vagas, se estendiam a nossos pés, arfando como uma bandeira tecida de oiro a seda azul.

Uma rua sobre um muro de suporte estabelece, á beira-mar, o transitio d'esta estação para a cidade.

O mesmo muro continua ainda e, sobre elle assenta a via ferrea, por onde o comboyo passa alguns minutos, entrando logo depois n'um pequeno tunnel, á sahida do qual atravessa um encantador bosque de oliveiras.

As oliveiras aqui são armadas muito baixo, de sorte que faziamos bem uma viagem de passaros entre o labyrintho da rama verde pallido das arvores.

Algumas d'estas oliveiras são velhissimas, e, não as tendo deixado crescer, tomaram enormes proporções de grossura. O terreno entre as oliveiras estava coberto de violetas de Parma, como um grande tapete verde salpicado de raminhos azues.

Passámos por Beaulieu, e depois, durante minutos, pelos despinhadeiros de *la petite Afrique*, sitio onde o calor, proveniente da reverberação do sol nas barreiras, é verdadeiramente torpical. Ahi a terra avermelhada, sulcada em declive de brechas pouco profundas, é hostil á vegetação. As rijas palmas das piteiras irrompem nas cristas dos barrancos, como molhos de espadas; do fundo das fendas do terreno os roliços troncos de catos de varias especies rastejam para fóra, como verdes reptis ouriçados de espinhos; rasteiras palmeiras, aqui e acolá, enfeixam-se, abrindo do chão as suas estreitas e compridas palmas, em graciosos leques, de um verde escuro e brilhante.

Chama-se a este sitio *la petite Afrique*, e o seu aspecto de paizagem, é o de quasi todos os sitios do nosso Algarve.

Um tunnel mais, e parámos em Eza.

A estação fica á beira d'um pequeno golpho azul e pittoresco, e no cimo da collina, cortada a pique d'este lado, ergue-se a povoação. Depois vae-se contornando o litoral; vencem-se os promontorios, furando-os em tunneis. Sempre uma successiva passagem da escuridão penumbrosa dos subterraneos para a atmosphera radiante dos campos de limoeiros e oliveiras, que nos ficam á esquerda, estendendo-se á direita o mar, esse mar de uma serenidade e transparencia unicas, que se recorta em golphos, em radas, em angras, e cujas ribas se erguem orladas de arvoredos, inundadas de luz e de perfumes.

Ao sair d'um tunnel avista-se diante de nós o soberbo rochedo do Monaco, coroado pelo castello, a pique sobre o mar; e, ao longe, no fundo do azul, distingue-se um promontorio e a casaria branca d'uma cidade, a qual, immersa no diluvio do sol e por effeito de refração da luz, envolvia-se então n'uma bruma côr de rosa.

Um—oh!—admirativo, que espontaneamente me escapou á apparição sobita d'aquelle pedaço de paizagem deslumbrante de luz e de azul, perturbou o velho dandy na sua impassivel *poze* de deus de segunda ordem, penate de que alguma d'aquellas Lais

modernas se fizera provavelmente acompanhar nos erros da viagem a Nice. Cravando na orbita um quadrado de vidro azul, o velho dandy fitou-me; e adoçando a impertinencia do olhar com um sorriso obsequioso disse:— «*N'est ce pas que c'est róró?*»

Na minha ignorancia da lingua de *boulevard*, imaginei que *róró* era o nome da cidade que se avistava ao longe, e tive a ingenuidade de repetir, como para fixar o nome:— *C'est bien là Róró!*

Um franco riso geral acolheu as minhas palavras.

O velho dandy accudiu, exclamando:

—*Oh! tres pshut; ça rèstera; Bordighera c'est un mont trop italien. Róró c'est plus drole. Un français doit dire róró, pas Bordighera; ça rèstera; je vous assure. Est ce que vous allez a Monte Carlo?*

Eu estava cheio de confusão e balbuciei um «*Oui*» mal distincto.

—*N'êtes vous pas turc?*—interregou de novo o dandy.

Eu não voltava a mim do ridiculo de ter crido que *róró* era o nome d'uma cidade; e murmurei sem saber o que dizia:— «*Si... mais non, je suis...*

—*Grec?*—aventurou o meu interlocutor.

—*Non, je suis...*

—*Espagnol?*

—*Non, je suis bleu...* respondi enraivecido da impertinencia, que o meu ridiculo *róró* auctorisara. Tinhamos chegado a Monaco; tomei o meu *glads-*

tone e o meu *couvre pied* de pelle de raposa, e, em quanto o velho dandy procurava, mordendo os beiços, um replica para se recolocar na sua anterior posição de deus em disponibilidade aos olhos das nossas companheiras de carruagem, que riam a bom rir, saltei para a *gare*, fiz um seco cumprimento ao meu homem, e, passando-lhe o meu bilhete, disse-lhe:

—*J'irai à Monte Carlo, dans l'après midi.*

Depois entrei na estação. O comboyo partiu.



Em Monaco



altei, pois, em Monaco em má disposição de espirito, pensando que tinha obrigação restricta, depois d'este incidente, de ir a Monte Carlo, e quem sabe se uma disputa, uma questão, um conflicto, talvez um duello se seguiria, e tudo por causa d'aquelle maldito róró! ? Quem sabe se essa palavra, que nem mesmo é uma palavra, que não é mais que um estribilho do gato, não seria amanhã escripta com sangue em todos os jornaes da Europa, e, glorificado pelo combate de dois homens, não ficaria o maldito róró definitivamente nas linguas europeas, consagrado pela morte d'um de nós! ? No fim de tudo teria graça se assim acontecesse; seria uma pirraça feita ao *chic*, ao *pshut*, ao *'vlan*, e a tantos outros gritos do *boulevard* que nasceram, subiram e pai-

raram na exotica atmospheria do *demi-monde*, e n'ella se extinguiram, como bolhas de gaz scintillantes formado na corrupção da decadencia de uma sociedade e d'uma lingua, vindo á luz no bocejo hysterico d'uma digestão preguiçosa e suave de tuberas e *champagne*.

Ao passear nos jardins do palacio, surprehendia-me a exclamar:

—Porque diabo não seria já, aqui? Que bello sitio!

Todos os logares mais escondidos entre os rozaes d'esses jardins me pareciam excellente terreno para um combate. E estava nervosamente impaciente; tinha sede de sangue; desejava ver-me, pelo menos, n'um caminho fundo da *corniche*, entre dois valados, onde as piteiras de figo, levantando ao ar as suas palmas carnosas e verdes como mãos metidas em velhos guantes de bronze, applaudiriam no momento em que eu, em mangas de camisa, de florete em punho, n'uma posição academica, cabindo a fundo, trespassasse o peito do meu adversario, o qual, no estreto da agonia, expirava, articulando entre dois espasmos do esophago—*róró*—, como uma suprema ironia, lançada então á impotencia da minha colera.

No melhor, porém, da minha phantasia gloriosa, ouvi distinctamente atraz de mim, como se fosse uma perseguição, repetir *róró, róró*. Voltei-me, entre surpreendido e colerico, e vi sobre um caramanchão de clamatites e *bouganville* um formoso casal de

pombos torcazes que arrulhavam n'um delicioso enlevo de amor...

Toda a minha preocupação se dissipou. Aquelle *róró* era uma canção d'amor!

Que mais santa palavra, pois, haverá na lingua humana! Que mais harmonia terá um hymestichio de Anacreonte, ou que mais poesia heverá n'um verso erotico de Horacio, de que n'esse *róró* dos pombos!? Positivamente, não posso bater-me por causa do *róró*. Mas não ir a Monte Carlo, ou evitar o duello, seria uma covardia inqualificavel. Pois bem, se o homem me provocar, bater-me-hei, não por causa do *róró*, mas por elle me ter julgado grego, e, sobre tudo, por me ter julgado hespanhol.

Tendo assentado esta resolução, e reconciliado com o mundo pelo espectaculo da nupcia dos pombos, deixei-me absorver pelos sentimentos de enthusiasmo, que aquella paizagem surprehendente de pittoresco me despertava.

Os jardins de Monaco começam no mar, de cujas aguas o rochedo se ergue abruptamente até ao planalto; as figueiras da Barbaria, de folhas carnudas, entrelaçando os seus troncos, vêm revestindo a terra d'uma muralha impenetravel de verdura.

Caminha-se de surpresa em surpresa, de admiração em admiração, por entre essas veredas de aloes, por esses terrenos plantados de geranios, loureiros, rosas, palma Christi, myrthos, romanzeiras, limoeiros, pimenteiras, cactos de todos os feitios, by-

goneas de todos os matizes, desde a d'um verde pallido com o seu O azulado, no centro das largas folhas de velludo de Utrecht, até á de folha miuda, purpurina e aspera como um farrapo de forte seda amarrotada.

Como o terreno é escasso, cada canteiro plantado foi uma nova conquista obtida sobre rochedo e vellos bastiões do castello. E assim se realisaram maravilhosas originalidades da jardinagem e de effeito pittoresco, que são ao mesmo tempo verdadeiros jardins de Babylonia suspensos sobre o mar.

Não obtive entrada no interior do palacio, e voltei para a *gare* mais cedo. Tomei passagem para Monte Carlo; e, como o malfadado incidente á vista de Bordighera me tinha impedido de fixar na lembrança, o aspecto de Monaco, aproveitei-me dos minutos de espera pelo trem para esboçar-lhe o croquis n'uma folha da minha carteira. Não t'o remetto porque penso em fazer uma aguarella. Mas, na tua viva imaginação, figura um rochedo escarpado, sabindo do mar e ligado á terra por um estreito isthmo; todo o rochedo coberto de vegetação, e no alto, por entre a casaria branca e cor de roza, erguem-se palmeiras, cyprastes, pinheiros e figueiras n'um grupo de paisagem do Levante; de distancia em distancia, plataformas salientes para artilheria, guaritas cobertas de rozeiras e de cactos para as sentinelas, suspensas sobre o abysmo; em volta um horisonte azul, graduando-se d'este a facha desmaiada da orla do

mar, esfumada pela interposição de vapores da agua, até á profunda côr da crystalina abobada de lapis-lazuli, que se arqueia sobre as nossas cabeças; e em tudo o reflexo d'oiro dos raios do sol e da scintillação das aguas feridas por elles,—e terás, não digo Monaco, mas a aguarella que eu penso fazer para t'o representar.



MONTE CARLO

CERCLE DES ÉTRANGERS DE MONACO

N° 77

CARTE D'ADMISSION PERSONELLE

27

valable pour Un Jour

délivrée à M de Carvalho boelho

27

FÉVRIER

1884



Le Commissaire Spécial,

DE LA LONDE.

Cette Carte doit être présentée pour l'entrée dans les Salons et peut être retirée



endo passado um viaducto, e depois um tunnel, eis-me na estação de Monte Carlo, estação unicamente destinada ao serviço do casino de Monaco, dizem os guias.

Mais apropriadamente fallariam se dissessem estação central do principado; porque realmente Monte Carlo

é o centro de toda a vida social e economica d'este principado e não o são o castello, nem a pequena cidade antiga, nem a moderna Condomina.

É curioso observar o estranho destino que a civilização, no seu trabalho de aniquilamento e transformação, dá por vezes aos seus velhos typos, que foram outros tantos degraus de bronze na grande escada do progresso, por onde a humanidade, en-

sanguentada de mil batalhas e coroada de espinhos de mil dores, vae caminhando para o triumpho definitivo da sua perfeição,—Christo, entre appos e sarcasmos, subindo ao Calvario, onde o homem se transfigura em Deus, tendo recebido antes um sceptro de canna, como ridiculo emblema da sua soberania!

E, decerto, faz-nos pensar nas phantasticas combinações do destino, o destino d'este principado de Monaco, existindo só como casa de jogo.

E assim tinha de ser. No meio da Europa moderna, depois da constituição do direito, revolução feita pelos reis em nome do povo contra os senhores feudaes, depois da grande revolução de 89 feita pelo povo contra os reis, depois da espada de Napoleão, essa razeira de ferro n'um punho de bronze, que nivellou a sobranceria dos povos e a altivez dos reis, a existencia anomola e incoherente d'este castello feudal, possuido por um principe authentico affigura-se-nos uma couza estranha, como a existencia do cavalleiro manchego nas prozaicas epochas de Sancho Pansa. Que era? Para que serviria? Que missão historica era a sua? Não se comprehendia já bem o que era principado, tendo-se perdido a idéa a que essa palavra correspondia.

Esse sitio, porém, essa caza, essa couza, estava socialmente fóra da lei da existencia politica do mundo actual; e existia! Então, como couza alguma existe sem um fim, descobriu-se-lhe uma missão,—

a de abrigar, centralisar, organisar aquellas funcções da vida social, que, nas nações praticas e policiadas, ficam necessariamente fóra da lei, — o Vicio e o Azar. Era esta a missão do principado de Monaco, missão fatal, necessaria e historica.

Quando em 1873 se fecharam as casas de jogo de Baden, Wies-Baden, Spa, Hambourg, Ems, os grandiosos representantes d'essas cazas procuraram, por toda a Europa, sitio, logar, paiz, onde as podessem restabelecer. Fizeram-se propostas ás republicas de S. Marinho, e do valle de Andorra, mas, ou porque a Italia renascida influisse n'esses pequenos estados, que vivem vida politica independente no seio da grande nação, ou porque a essas sympathicas communas de virtude antiga repugnasse uma tal industria, o facto é que essas propostas não foram acceitas.

Ficou, pois Monte Carlo, sendo o unico estabelecimento de jogo publico aberto em toda a Europa. Foi um lance de dados que veio transformar o velho castello de miseria no palacio da fortuna. Assim se desenvolveu o casino de Monaco em Monte Carlo.

Ridiculo destino do que tendo feito o seu tempo, presiste em existirt! Eis o velho principado, o typo mais perfeito do poder feudal, o altivo e galhardo vigilante do ideal mediavel da honra e da mulher, tornado o castello de jogadores e *cocotes!* Em todo o caso ha a coherencia da origem, a quixotesca coherencia dos principios.

Não é porventura esse castello feudal um abrigo inviolavel contra as perseguições da lei e da policia para a honra dos jogadores, esses novos *cavalleiros andantes*, e para a fortuna das representantes da galanteria moderna? Nas esplanadas dos velhos parques, entre moitas de myrthos e debaixo da cupula do azul metalico do ceu da Provença, á beira do mar mediterraneo, o mar dos cruzados, não se organisam ainda as antigas côrtes do amor? E n'esse castello não se combate, por ventura, ainda em torneios brilhantes, nos quaes o soberbo e endiabrado ginete do Jogo cede ao cavalleiro, sentindo nos flancos arquejantes as rozetas d'ouiro dos luizes?! E as mais formosas damas, que são da festa, não dão hoje, como outr'ora, os seus corações, ardendo de entusiasmo e de cubiça, ao que maiores tropheus retira do combate? E o principe não disfructa, com prazer, esses combates, cercado do seu exercito de vinte soldados, vendo balouçar-se no ancoradouro azul do Mediterraneo, o yacth em que partirá, em breve, para a cruzada d'uma regata á vella?

Positivamente, não ha côrte na Europa nem mais galante, nem mais idade media.

E este estado de couzas ha de durar, porque a todas as grandes potencias, que tem interesses no Mediterraneo, convem a existencia politica do principado, cuja vida economica depende do jogo.

A Italia e a França têm querido influir no animo do soberano de Monaco, com o fim de obter d'elle a

proibição do jogo no principado. O príncipe, porém, a quem são absolutamente indifferentes a política e a moralidade codificada dos povos (e que tem elle, senhor feudal, com tudo isso!) responde:

—Pois, sim, joven Italia e velha França, vós sois duas damas virtuosas e nobres, e eu sou cavalheiro e príncipe, cumpre-me, pois, ser amavel convosco. Mandarei fechar o Casino e acabar com o jogo. Sabei antes porém, nobres senhoras, que é esse casino a minha unica fonte de receita, e, se prohibo o jogo, tenho de vender o meu principado, o meu castello, o meu exercito de oito soldados e vinte e cinco coroneis, a quem mais der: e devo-vos prevenir que a Allemanha m'o quer comprar.—

Ao que as duas preciosas senhoras, olhando uma para a outra, respondem:—Não, não, nobre príncipe, diverti-vos; continuae na vossa vida; que o vosso casino prospere; mas que a Allemanha não veja, ella, a barbara, mirar-se no espelho do Mediterraneo, o mar sagrado da raça latina.—

E, no proximo inverno, Paris remette para Monaco um bando de *cocottes* e a Lombardia alguns cavalleiros de S. Mauricio e S. Lazaro. E os governos de França e de Italia, dizem:—Os barbaros, não o terão; o Casino prospera; e o manto azul e verde do Mediterraneo continua alinhavado aos nossos pavilhões pelas linhas de vapores das nossas grandes companhias mercantes.

E eis como n'esta idade positiva, em que o genio

militar da Europa se transformou em actividade industrial, as duas grandes potencias limitrophes, a França e a Italia, sustentam moralmente este principado; e eis como o espirito mercantil e industrial do tempo faz sentinella á porta do Casino de Monaco, para garantir o livre giro das roletas.

Subi pela Avenida das Spèlugues e entrei nos terrenos e jardins do Casino, uma maravilha, a que se não attende no primeiro instante ao sermos surpreendidos pela esplendida paizagem que se alarga aos nossos olhos. E' o mesmo genero de todas as paizagens de Corniche, mas vista de cima, do alto d'uma collina, tendo diante a illimitada vastidão do mar.

Tinha a meus pés a pequena planicie comprehendida entre Monte Carlo, o rochedo de Monaco e os desfiladeiros de la Turbie, que, sob o diafano veu da luz doirada, ondulava n'este momento nas diferentes matizes de verde, desde o verde claro dos limoeiros ao escuro e prata dos olivedos, por entre cujos bosques e pomares abrem os seus quadrados d'outros tons os jardins das *villas* e os pittorescos chalets, alvejam as largas edificações brancas d'alguns hotéis, e arde a rubra massa de tijollos d'uma grande fabrica de louça, cujas chaminés se erguem altissimas, desenrolando no ar azul o seu negro penacho de fumo, esfarrapado pela viração em pedaços de crepe transparente.

O viaducto do caminho de ferro corta esta campí-

na, como um aqueducto romano, e quasi debaixo dos seus arcos se levanta a esguia torre d'uma capella gothica, *Sainte Devote* apontando para o céu com uma presistencia antiga. Na sua pequenez a velha habitação da padroeira do paiz, parece affrontada e suplantada pela imponente morada do Vicio, que campeia triumphante no alto de Monte Carlo; mas d'onde (vejam que bom diabo é o Vicio!) partem muitas vezes devotas peregrinações dos felizes do Casino, que alegre e piedosamente vão levar á santa da gothica ermida flôres compradas com o dinheiro do diabo.

Ficára no terraço, ora enlevado na contemplação da soberba paizagem, ora distrabido na admiração do bom gosto na disposição do jardim, e do cuidado na escolha das raridades botanicas de maior belleza e mais variadas essencias, que n'elle se accumulam, quando, de repente, as harmonias d'uma poderosa orchestra me despertaram do meu enlevo.

Era um trecho da Opera de Ricardo Wagner, o — *Lohengrin*— que uma orchestra de duzentas figuras tocava no Casino, na *salle des fêtes*, cuja bella fachada de tres grandes arcos a que se sobrepõem tres oculos, flanqueada por duas torres elegantes, domina o terraço do lado do mar. De cada lado da grande sacada, ou balcão, destacam-se dois grupos, representando um a *muzica* e outro a *dança*, esculpturas, a primeira de Sarah Bernhardt e a segunda de Gustavo Doré. Entrei por uma das portas lateraes na sala, um magnifico salão elegante, que deve dar

logar a mil e duzentos espectadores. A sala é ornada por quatro grandes painéis representando o *Canto*, a *Musica instrumental*, a *dança* e a *comedia*, separados por esculpturas de Thomaz: e no palco admiram-se cinco bellos e magnificos quadros allegoricos. Os concertos são diarios e gratuitos. *La sale des fetes* foi construida pelo architecto da grande Opera de Paris, o famoso Charles Garnier. Ouvi durante meia hora o terceiro acto do *Lohengrin*.

Seria esta a occasião de te dizer a impressão que me fez esta muzica, hoje que tanto se discute Wagner, mas seria apenas uma impressão fugitiva e sem critica, como as que n'estas cartas vou notando rapidamente das paizagens, dos costumes, dos effeitos da luz e dos aspectos moraes dos paizes e das sociedades a través de que vou passando.

Mas se tenho contado até os proprios sonhos, porque te não direi o que penso da obra de Ricardo Wagner?

Ahi vae, pois, a minha opinião em poucas palavras, talvez as mesmas que disse ao meu velho dandy do *ré-ré*, que por acaso se achava sentado n'uma poltrona, e que amavelmente se levantou para me deixar passar para um logar vazio, que havia a seu lado, procurando no intervalo de duas symphonias, dar-me explicações sobre o incidente da carruagem; explicações que eu dispensei, accetando, comtudo, a sua conversação e a sua companhia por algum tempo.

Parece-me, que Liszt tinha razão, quando, dizia que o *Lohengrin* era a obra que tinha realisado mais completamente as theorias de Wagner sobre o drama lyrico, pois é, na verdade, esta opera, a que parece inspirada pelas suas emoções mais vivas e mais intimas, reproduzindo os rasgos mais nobres da sua individualidade. Não poderá, porém, apreciar-se com justiça o *Lohengrin* se se fór procurar n'elle o antigo processo de escrever uma opera com as costumadas divisões em peças de canto, com a distribuição já sabida de arias, romanzas, sólos e córos, enfim, se se quizer, toda a economia adoptada para fazer valer cantores e melodias, n'uma proporção frequentemente arbitraria em favor dos primeiros.

Parece-me o *Lohengrin* accessivel a todos os publicos, mesmo aos meridionaes, porque se apresenta n'esta opera o desenvolvimento das theorias muzicaes do seu auctor, tanto na fórma como no fundo d'ella, d'uma maneira clara e justa, por assim dizer classica, sem as durezas e nebulosidades dos posteriores trabalhos de Wagner, que não são, contudo, mais que as ultimas consequencias do mesmo systema levado ao maximo exaggero, e cuja má reputação de incompreensiveis, tantas preocupações creou em Italia, França e Portugal, contra a obra prima da muzica do presente, embora lhe chamem do futuro. E na verdade taes preocupações aram, e são, se ainda existem, errados preconceitos que os criticos

da muzica tem deixado arreigar no espirito publico, pois elles bem sabem, os sabios criticos, que bastava dizer que o *Fausto* de Gounod, é o prodigioso filho de *Lohengrin*, para que ainda os maiores anti-wagneristas, jurados na fé das gazetas italianas, se retraeam a comecem a ter a maxima veneração pelo sublime Wagner.

Mas não só o *Fausto* de Gounod, tambem o *Romeu e Julieta*, do mesmo auctor, a conhecida *Aida*, o *Dom Carlos* de Verdi, o *Mephistofeles* de Boito, e outras operas tão queridas e tão admiradas, encerram reminiscencias do *Lohengrin*, e se deixaram influenciar pelo systema wagnerista. Eu não sei da arte de muzica o bastante para as reproduzir aqui em notas, ou de memoria dizel-as, para que alguem me escrevesse, por exemplo, a phrase do final do primeiro quadro da *Aida*, quando a heroína conclama com accento entrecortado: *L'insana parola*; mas lembra-te d'ella, que a encontrarás na grande scena d'amor do terceiro acto do *Lohengrin*, quando Elza diz—*L'asilo lasciasti!*—não te posso dizer se com identicas notas, mas certamente com o mesmo movimento poetico e acompanhamento syncopado. No côro interno do primeiro acto do *Dom Carlos*, Verdi recordou-se, sem duvida, do côro nupcial do *Lohengrin*. E demais, todo o prelude instrumental da *Aida* é uma copia fiel, ainda que habilmente feita, do prelude magnifico da obra de Ricardo Wagner.

No segundo acto, quando Elza se apresenta na varanda do palacio, vem-nos involuntariamente á lembrança a scena da janella por que acaba o terceiro acto do *Fausto*.

Pede a alguém que te execute, mesmo no piano forte, o grandioso final do prologo de *Mephistofeles* de Boito, e depois a passagem que precede o desafio entre Lohengrin e Frederico, e verás se não ha completa identidade entre esta muzica e os ultimos compassos do prologo.

Poderia alargar esta relação com todas as scenas que ouvi, em S. Carlos, accusar de plagiatos e copias de Verdi, de Boito e até de Saint-Saens, por *dillettanti*, aliás de boa *orelha* muzical, (que passe o gallicismo), e mui conspicuos criticos e lusitanos.

Ha apenas uma pequena objecção, que a cada nova accusação que lhes ouvia, me dava vontade de oppor, qual é a de que todas as obras, em que se notavam as identidades de linguagem muzical e de movimento poetico, são posteriores em data ao *Lohengrin*, concluido por Wagner a 28 de agosto de 1848 e representando, em Weimar em 28 de agosto de 1850, sendo então regente da orchestra o celebre Listz.

Isto provavelmente não o sabiam elles, mas sabia-o eu, porque, oh recordação dos bons tempos da mocidade ! ha uns bons dez annos o ouvira a um moço com quem vivi intimamente em Coimbra.

Grande bebedor, e magnífico coração era elle.

Pedro Pippa, se chamava, e, por falta de economia nas poucas mezadas, que da familia recebia, tinha por sua residencia habitual o adro da Sé Velha, fazendo do tumulto de D. Segismundo o seu guarda roupa e a sua caixa de correio. Quando algum dos seus amigos, Bettencourt Rodrigues, hoje medico distinctissimo, Silva Ramos, poeta e brasileiro, Christovão Ayres, academico e habil jornalista, e eu, queríamos fallar-lhe e o não encontramos sob o arco da grande porta da Sé, ou sentado na balaustrada, sobre o velho chafariz, deixavamos escondido de traz do tumulto um bibeito, que elle, voltando á sua residencia, encontraria. Pois esse bohemio extraordinario, que vivia *à la belle étoile* como um *lazaroni*, achára meio de ser o maior erudito da historia das artes, que eu tenho conhecido.

Doido e excellente amigo, tu que eras, senão o mais intelligente, de certo o mais illustrado de todos nós, tu, cujo coração tanto se dedicava aos outros, que te não deixou tempo de palpitar n'uma aspiração egoista em proveito teu, se um dia, por acaso, estas ephemerhas paginas forem parar á obscura residencia, que eu não sei onde é, mas aonde te levou a viver a tua exaggerada modestia e o teu aspero e intransigente caracter, lembra-te que ainda tens, n'esta hora, um amigo, o qual recordando-se com saudade do bom tempo da mocidade, esse tempo que passou e que não volta mais, se confessa

orgulhoso de ter aprendido contigo a conhecer e a amar as artes.

Voltemos ao *Lohengrin* e a Wagner.

O que na minha modesta opinião dá a Ricardo Wagner a superioridade justamente incontestável como escriptor de operas, é que elle foi o primeiro que comprehendeu que n'um drama lyrico se devia começar por achar a expressão melodica correspondente ao character de cada personagem, ou a dadas situações. Alcançados assim todos os elementos psychologicos, que entram no drama, as idéas melodicas reproduzem-se *opportunamente modificadas*, no canto e nos acompanhamentos, sempre que no desenvolvimento da acção reapparecem os personagens directa ou indirectamente, e quando se repete, ou tem de se recordar, a situação.

Por este processo a muzica entra no seu periodo positivo e humano, representando e exprimindo a influencia constante e fatal dos caracteres e das situações, que constituem o meio moral no desenvolvimento e desfecho do drama humano.

Essa série de idéas melodicas, exprimindo-se simultaneamente nas grandes harmonias, como na vida os caracteres e as situações simultaneamente se encontram, e reciprocamente se influem ocasionando a comedia e o drama, eis o que me parece ser o systema e o processo de Wagner, apreciando-o pelo *Lohengrin*, unica opera sua que eu tenho visto representar.

A muzica, assim comprehendida, é a arte superior, porque, se ao mesmo tempo mostra, como a pintura, a simultaneidade da acção, como a poesia nos dá a expressão psychologica dos personagens, e nos proporciona a impressão fluctuante da linha do movimento com exactidão, o que só a muzica pôde fazer.

E assim dizendo, iamos sabindo da sala pela porta central, uma bella porta, flanqueada por cariatides, que communica com as antigas edificações do Casino, quando nos recordamos que eu não tinha bilhete d'admissão. Fui pedil-o. Obtido o bilhete entramos na antiga sala dos concertos, hoje transformada n'uma magnifica galeria, ornada de duas grandes telas de merecimento, uma representando uma *vista do Monte Carlo*, outra *uma apanha de azoitonas*; passámos pela grande sala mourisca, ornada no estylo oriental e que talvez seja inferior á sala do mesmo estylo do palacio da Bolsa, no Porto; e fomos á sala do *trente et quarente*, tambem construida por Garnier, e que tem quadros representando os diferentes *sports*.

Nas salas de jogo



Entramos nas salas ordinarias do jogo, onde, em redor das bancas da roleta e do *trente-quarante*, se reunia uma estranha sociedade.

Um gordo, de largos hombros sobre os quaes se equilibrava uma grande cabeça, de curtos e anelados cabellos grisalhos, que tocavam, como um barrete, a estreita testa d'um rosto côr de

tijolo, luzidio, cortado horisontalmente pela fita cinzenta d'um curto bigode, militarmente talhado á tesoura, quazi occupava um lado d'uma das mezas da roleta, e dominava, com toda a corpolençia da sua estatura herculea, a fraca animalidade dos seus parceiros. Um guardanapo, entalado entre o colarinho e o queixo perdido nos rofegos da papeira, descia-lhe n'uma onda brilhante de baptista branca, luzente e fria como a couraça d'um rei de opera. Ao seu lado havia sobre uma

pequena meza, uma bandeja de prata com uma gallinhola trufada, servida em pratos de Sevres, uma garrafa de Pomard e um copo de crystal, meio cheio de vinho. Este gordo tomára, n'aquelle momento, uma perna da gallinhola, e, pegando-lhe com a mão direita, levava-a á boca, enquanto a outra mão avançava sobre o panno verde da roleta, como uma pinha de carne, levando para um numero qualquer, seguro nas pontas dos dedos, um castellino de luizes d'ouro...

Aquella mão, curta e larga, de pequenas unhas quadradas, ainda que gorda, tinha a pelle seca e coberta de nodos de sardas, e d'um raro pello loíro, o qual lhe dava á sua côr de barro um tom fulvo d'oiro velho: o pulso, forte e rijamente articulado, tinha-o cerrado em um punho de fina brentanha, apertado por dois pequenos botões d'oiro, ligados por uma cadeia. Era a mão d'um forte, d'um domador selvagem d'esta fera, chamada dinheiro. Enquanto as mãos faziam estes movimentos, os olhos do seu dono, uns olhos pequenos, pardos, com reflexos metallicos como os d'um gato, espreitavam, entre maliciosos e ferinos, o *croupier*, o qual, de pé n'uma *pose* entre aborrecido e sollicito, ia lançando a bola, mostrando, ao abaixar a sua cabeça banal, uma risca amarellada que lhe dividia o cabello em duas fracas marrafas castanhas, lizas, luzentes da pomada. A bola parou, e o *croupier* clamou um numero qualquer. Tinha ganho o meu gordo; e,

emquanto lhe empurravam para defronte d'elle um montão d'ouro e de notas azues do banco da França, voltou-se, sem esperar mais nada, para a sua gallinbola, n'uma indiferença satisfeita.

A sua curta mão, porém, que eu sempre observava, teve um gesto adanco, gesto de quem recolhe uma somma fortemente cubiçada, ao tomar um pedaço de pão de sobre a bandeja de prata. O movimento da mão trahia o movimento intimo da alma do jogador, n'aquelle momento de ganho.

Entretanto, o rosto d'esse homem, revelava apenas um deleite de gastronomo saboreando a sua gallinbola; e tendo deposto no prato os restos da perna devorada, de olhos meio cerrados, reclinou-se na sua cadeira, murmurando ainda, de boca cheia e queixo luzidio de molho, algumas palavras de sabor duvidoso, e, estendendo para a banca a mão fechada, com o dedo minimo, separou de entre o monte de dinheiro, que tinha diante de si, uma nota do banco, que passou a uma dama, estucada a pó d'arroz e ricamente vestida, que, do outro lado, sorrindo e chamando-lhe *meu velho*, lhe pedira cem francos emprestados. Mais quatro ou cinco figuras triviaes de *crevés* e de *cocottes* velhas, cheias de brilhantes e de rendas, mostravam ora uma expressão de sociedade, ora a ridicula alegria dos triumphadores da sorte. Um grave *monsieur* de rosto gordo e pallido, lunetas d'ouro, e um grande nariz cheio de pontos negros de cravos, de bigode rapado e barba

era ella ; era uma mulher alta, de olhos azues escuros, nariz aquilino, cabello castanho escuro, vestida com um exagerado luxo de veludo, de rendas e de joias magnificas. O seu ar era altivo, e os seus gestos cheios de dignidade fidalga. O seu olhar friscava egualmente de avariza e de cubiza à cada lance da roleta. Percebia-se logo, ao vê-la, que não era amá *cocotte*, ou se o era, era-o d'um estranho fétio.

— Quem é aquella mulher ? perguntei ao velho dandy.

— Qual ? A pequena loura ? É a Nina *des Folles Bérgeres*.

— Não, a que está defronte.

— Ah ! é a princeza Ga... off.

— Um nomé de fantasia ?

— Não, não ; uma princeza authentica é riquissima da Lithuania.

E como lhe parecesse que eu duvidava, accrescentou :

— E tão bom sangue de boyardos, e tão bons rublos d'ouro, como são bons o sangue e os rublos d'aquellas outras...

E, apontando-me para as mezas do *trente et quarante*, disse muitos nomes acabados em *off* e em *vona*.

— Que especie de sociedade vem aqui ?

— Mulheres de duas esphas, *cocottes* e princezas russas ; homens de todas as especies.

— Mas, accrescentou, nenhum tem um pouco de talento; a todos, por fim, acontece o mesmo.

E entrou n'uma larga dissertação sobre o processo de ganhar sempre, dizendo que descobrira um meio infallivel; que só lhe faltava dinheiro bastante; que era uma *martingale*; e terminou por me propôr uma experiencia; que, se eu queria, para começar, bastavam 50 francos.

Dei-lhe os 50 francos; e, enquanto o meu *ciceroni* officioso se sentava a uma meza do *trente-quarante*, sahi pelo lado opposto áquelle por onde tinha entrado, e achel-me n'um grande vestibulo. Deixando á minha esquerda as salas de leitura e de conversação, sahi para os jardins pelo lado norte do Casino, passando pelo perystilo de columnas do estylo composito.

Estava a acabar o dia. Tarde de rara e extraordinaria belleza foi a de hoje! O céu, de oiro liquido no poente, passando a verde pallido sobre as nossas cabeças, tornara-se d'um azulado indigo no levante. O ar de uma transparencia indizivel. Uma nuvem unica desenhava na linha do horisonte as suas fórmas phantasticas sobre um fundo d'oiro despolido, e, ao desaparecer o disco do sol detraz d'essa nuvem, por entre os negros rolos de fumo, que a formavam, espadanaram em todos os sentidos, feixes de espadas scintillantes.

Dirigi-me ao *Monte-Carlo-hotel*, estabelecido na antiga residencia de madame Blanc, esposa de mon-

sieur Blanc, hoje fallecido, o qual foi, na realidade pela sua influencia e pelo fausto da sua vida, soberano de Monaco, porque fôra elle o empresario e fundador do Casino, e, por consequencia, o outro, o principe, o authentico, o de sangue, o Grimaldi emfim, era uma especie de rei constitucional, para quem monsieur Blanc fôsse o parlamento e o conselho de estado, o commercio e a industria, a soberania nacional e a voz do povo, o codigo das leis e o cofre do thesouro, tudo emfim que governa, enquanto os pobres reis apenas reinam, e ás vezes mal.

Jantei, e, tendo tomado o meu café e fumado dois charutos, pozera-me a escrever-te esta carta, e estava a terminal-a, quando, de repente, ouvi no quarto visinho uma rizada, trinada e fresca como um fio de perolas cabindo n'uma bacia de prata. Estou a escrever n'uma carteira encostada á porta que dá para esse quarto, e, portanto, ouvi sem escutar, logo que aquella gargalhada me despertou a attenção, este trecho de dialogo em francez :

—Ih ! Ih ! Ih ! . . . farçante !

—Porque ? interrogou uma voz que reconheci ser a do meu velho dandy.

—Portugal é o nome d'uma laranja.

—Tola, é um reino.

—Um reino ! ?

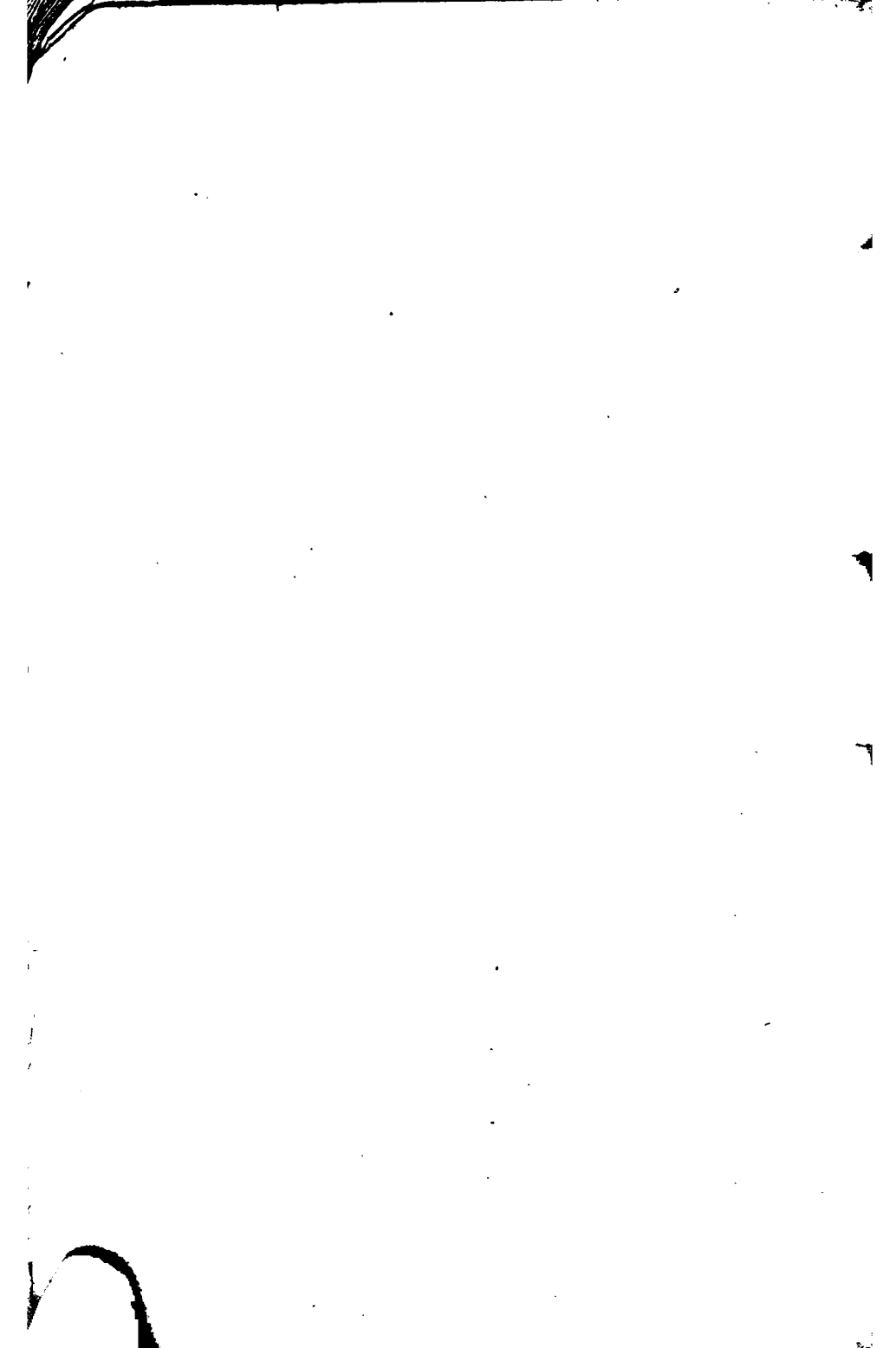
—Sim, louca.

—Ah ! sim, sim, tens razão, um reino no Brazil.

—Não, na Hespanha.

Eu estava indignado. Tratavam positivamente de mim e da minha patria ; e a patria de Camões e de Affonso de Albuquerque, esta grande patria, que eu ia representando por esse mundo, era para alguém uma laranja, ou, quando muito, um campo de mandioca n'uma provincia do Brazil. E essa mulher, porque era uma mulher que o dizia, nem ao menos conhecia Magriço e os onze de Inglaterra. Vê tu, hoje ha mulheres que não conhecem Magriço.





ERRATA

Não indicamos erratas, porquanto os erros chamados de caixa facilmente se corrigem na leitura, e raro (se acaso ha taes) alteram essencialmente o sentido d'uma ou outra oração. Ha, porém, a pagina 252 um lapso de *revisão* que não podemos deixar passar, porque pôde ser considerado em prejuizo de terceiro, qual é o dizermos: — *Em China principe de Monaco.*

O que nós escrevemos foi:—«Em China principe de Macau».

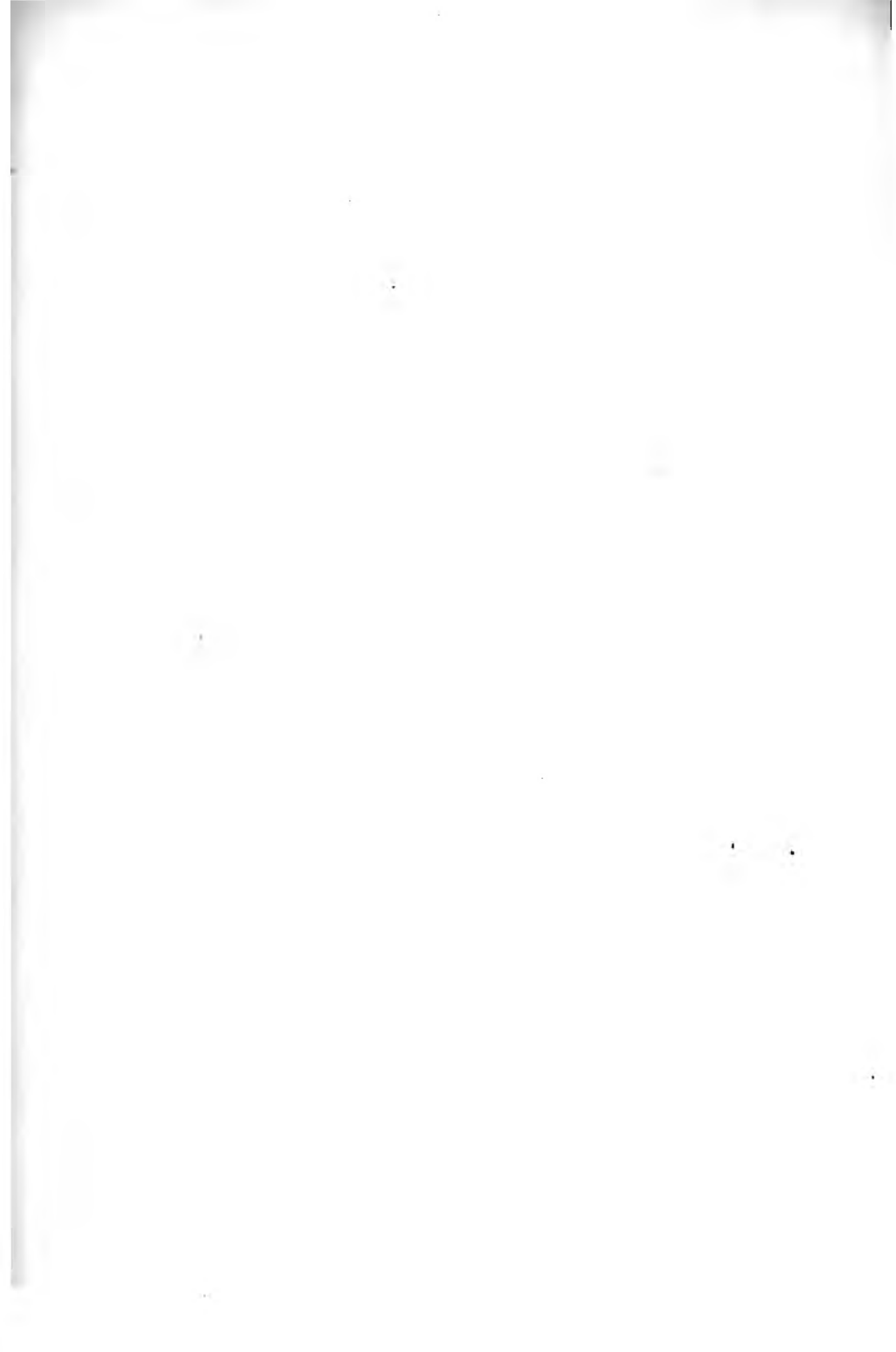
Nem por gracejo podíamos fazer pouco do titulo de principe de Monaco, porque esse titulo é apanaggio d'uma familia tão altamente illustre que seria uma grande injustiça dal-o, mesmo brincando, a outra que nem de longe se lhe pôde comparar em nobreza tradicional. Effectivamente os Grimaldi já no

seculo x eram principes soberanos, emquanto que os Braganças só quatro seculos depois nasceram, e d'uma origem duplamente suspeita de bastardias e conto damnado, pois que d'uma parte temos D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga, que gerou sacrilegamente a D. frei Alvaro Gonsalves Pereira, o qual gerou trinta e dois filhos, um dos quaes foi D. Nuno Alvares Pereira, pae da primeira duqueza de Bragança; e, d'outra parte, vemos o Barbadão de Veyros, que, segundo a lenda relatada por Camillo Castello Branco, *nunca mais cortou as barbas e o cabelo, desde que D. João I lhe tomou da filha para fabricar em ella uma vergontea ducal*. E, emquanto a illustração, nas armas, nas letras e na politica, manda a prudencia que não façamos o confronto entre Braganças e Grimaldi.

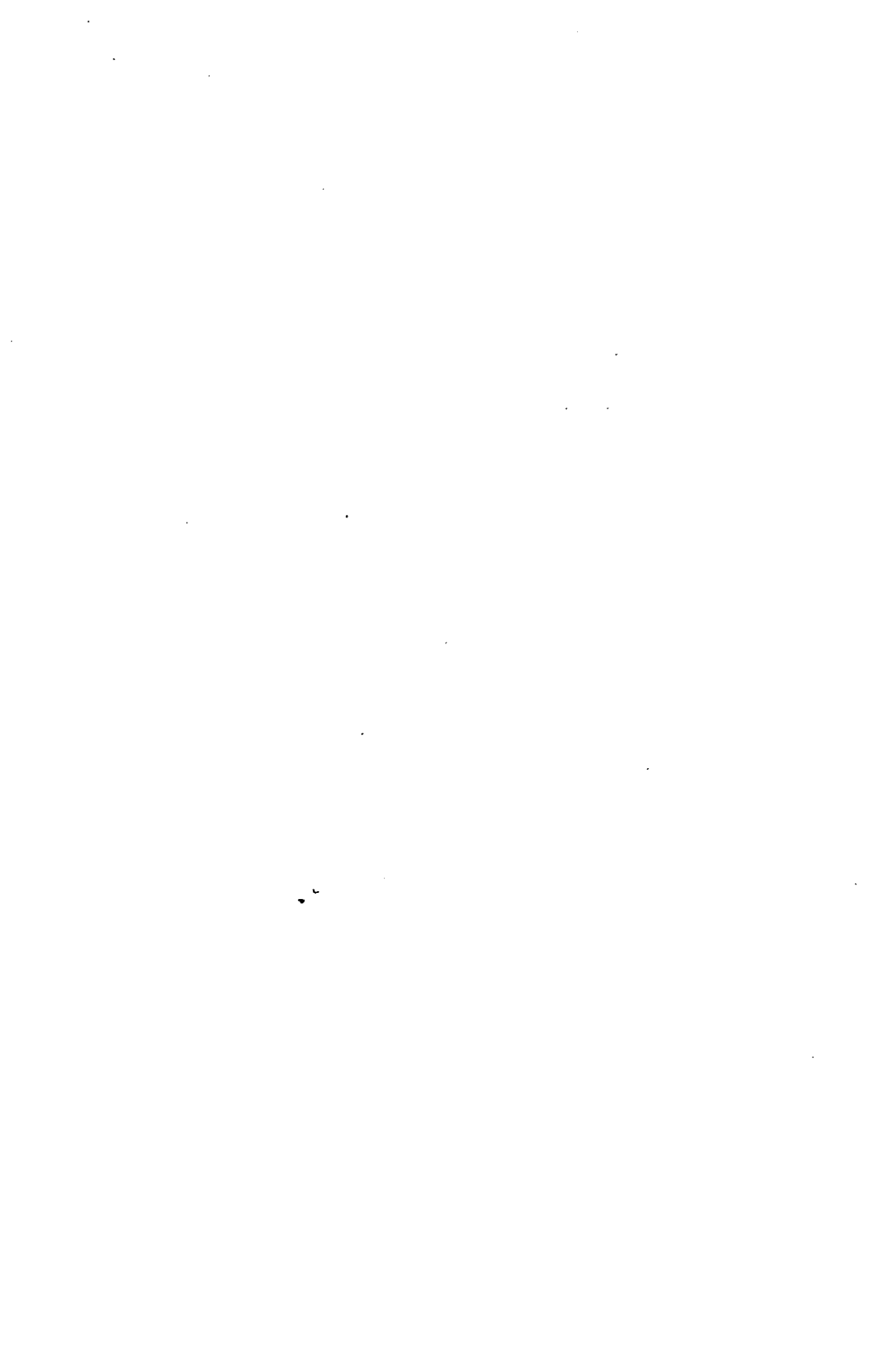
RETRATOS

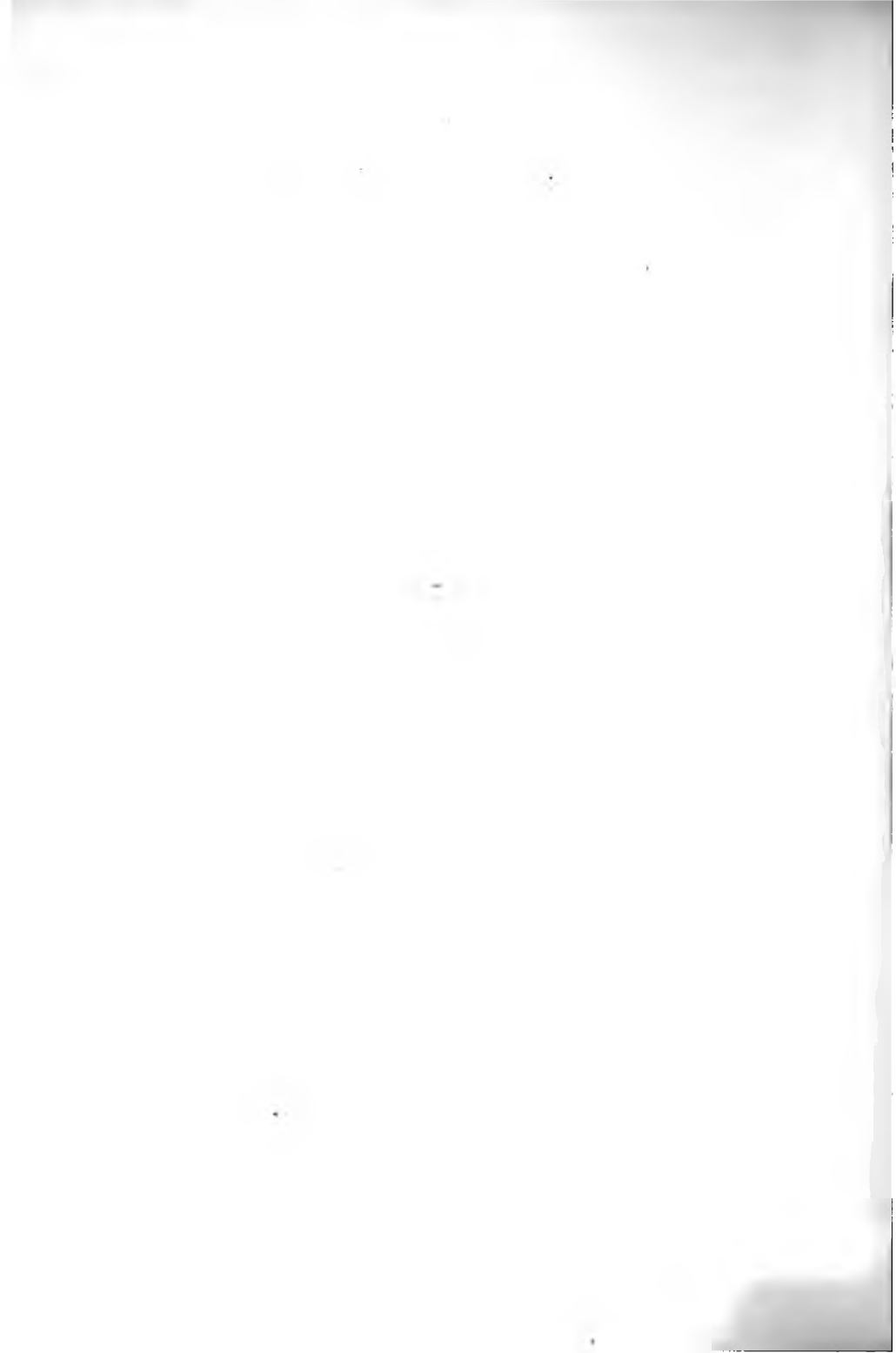
Murillo	pag. 83
Velasquez.....	» 100
Goya	» 138

Handwritten text, possibly a signature or name, appearing in the upper left quadrant of the page. The text is faint and difficult to decipher but appears to consist of several lines of cursive script.









**This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.**

**A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.**

Please return promptly.

